

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Beatriz Castro Miranda

**A atualização do “pequeno grande homem”: uma análise do
Instagram de Jair Messias Bolsonaro na eleição de 2018**

Mariana

2023

Beatriz Castro Miranda

**A atualização do “pequeno grande homem”: uma análise do
Instagram de Jair Messias Bolsonaro na eleição de 2018**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Ideias, Linguagens e Historiografia.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira.

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M672a Miranda, Beatriz Castro.

A atualização do "pequeno grande homem" [manuscrito]: uma análise do Instagram de Jair Messias Bolsonaro na eleição de 2018. / Beatriz Castro Miranda. - 2023.

99 f.: il.: color., gráf..

Orientador: Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Bolsonaro, Jair , 1955-. 2. Adorno, Theodor W., 1903-1969 - Crítica e interpretação. 3. Presidentes - Brasil - Eleições, 2018. 4. Historiografia. I. Pereira, Mateus Henrique de Faria. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94(81).089"2018"

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Beatriz Castro Miranda

A atualização do “pequeno grande homem”: uma análise do Instagram de Jair Messias Bolsonaro na eleição de 2018

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História

Aprovada em 10 de fevereiro de 2023

Membros da banca

Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Caroline Silveira Bauer - (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Prof. Dr. Daniel Pinha Silva - (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Mateus Henrique de Faria Pereira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 10/02/2023



Documento assinado eletronicamente por **Mateus Henrique de Faria Pereira, DIRETOR(A) DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**, em 01/03/2023, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0474590** e o código CRC **F41D3F16**.

Agradecimentos

“Coração de estudante. Há que se cuidar da vida. Há que se cuidar do mundo. Tomar conta da amizade.”
(Milton Nascimento)

Escrever os agradecimentos foi a parte que mais aguardei enquanto escrevia esta dissertação, pois representa o encerramento de um árduo trabalho, mas, acima de tudo, representa que eu só existo quando estou com o outro. Com alegria, estive bem acompanhada nos últimos tempos. Tempos tão difíceis e tão desafiadores.

Agradeço, sobretudo, à minha família, por todo o apoio e estímulo. À minha mãe, Andréa, por nunca ter soltado a minha mão. Ao meu pai, Odilon, que existe hoje em minha memória, com sua presença desafiadora, mas também prazerosa. Ao meu irmão André, que faz meus dias mais leves. A todos os meus familiares, por me possibilitarem pisar neste chão.

Se hoje consigo entregar este trabalho, devo imensamente ao meu orientador, Mateus Pereira. Obrigada pela paciência, bom humor e cuidado que teve comigo nos últimos anos. A pandemia e a morte do meu pai, com todas as suas consequências, foram desafios gigantes para o caminhar desta pesquisa e eu não teria chegado até aqui sem a orientação humana e carinhosa do Mateus. Agradeço ainda ao Álvaro, meu orientador de iniciação científica, que me abriu as portas para o universo da pesquisa. Meu muito obrigada à cidade de Mariana, às funcionárias e aos funcionários da Universidade Federal de Ouro Preto, em especial às professoras e aos professores que tanto me ensinaram durante a minha trajetória em uma das melhores instituições federais do Brasil. Partilhar o conhecimento é uma dádiva e uma das melhores partes em ser humano. Agradeço aos meus amigos de graduação, especialmente Marina Julião, Natália Vital, Lana Gomes, Leonardo Oliveira, Milena Santos, Yan Assis, Guilherme de Castro, Gabriela Theodoro e Erivelton Gregório pela companhia, partilha e estímulo. À Maíra Almeida e ao Murilo Garcia pela amizade, suporte e carinho. Aos meus amigos e colegas da pós-graduação, o meu muito obrigada. A pesquisa pode ser um caminho extremamente solitário, mas com vocês estive bem acompanhada. Um agradecimento especial à Júlia Félix, minha camarada da Representação Discente e da vida, aos companheiros do I SEDEPH, em especial ao Diego Ungari, que compartilhou comigo as dores de pesquisar a extrema direita, e à Juliana Campos, que trouxe leveza aos meus dias.

Agradeço à banca de qualificação, composta pelas professoras doutoras Luísa Rauter Pereira e Caroline Bauer, que com seus comentários e orientações enriqueceram este trabalho. À banca de defesa, composta por Daniel Pinha e Caroline Bauer, meu profundo obrigada pelo

aceite e atenção. É um privilégio e alegria compartilhar momentos como este com pesquisadoras (es) e educadoras (es) que não se esquivam do debate público e da necessidade de, em tempos tão sombrios, assumir posições.

Acredito que a vida só vale a pena pelos encontros que ela proporciona. Encontros que se transformam em elos, enquanto outros se tornam saudade e lembrança. Sou quem eu sou por conta das pessoas que cruzaram o meu caminho. Obrigada, obrigada e obrigada às minhas amigadas e aos meus amores. Obrigada Carolina Xavier, por ser o meu mais lindo encontro. A sua amizade é um presente indescritível. Obrigada Isabella Gomes, Lethícia Souza, Gabriela Assis, Alexia Genelhu, Gabriela Berçan, Rafaela Matias, Iana Oliveira, Maria Clara Miranda, Ana Carolina Fava e Júlia Almeida pela companhia nessa loucura que é viver, pelo ombro e pela alegria compartilhada. À Bianca Marangon e ao Gustavo Ramos, meu agradecimento pela parceria nos melhores roles, pelo dom de ver beleza na bobagem e pelo acolhimento. À Luiza Dias, meu muito obrigada por partilhar tanto comigo, das alegrias, roles e viagens aos lamentos de pesquisa. Agradeço ao Felipe Augusto, pelo encontro, pela troca e pela leitura atenta. Com vocês, sou mais feliz.

“Envelhecer é maravilhoso porque você finalmente se torna quem sempre deveria ter sido”, li isso em um texto da Letrux, citando David Bowie. Palavras preciosas que levo comigo e que me estimulam a ter fé e esperança no meu próprio futuro e que me fazem ser grata ao passado. Por isso, não poderia deixar de agradecer à Psicanálise, que me salva todos os dias, e ao Gabriel Andrade de Paula, pela escuta cuidadosa nos últimos anos.

Chegou ao fim uma trajetória de quase três anos. Fui feliz, mas também sofri. Por pouco não desisti e por isso agradeço a mim, por ter, ao final de tudo, sustentado, ainda que muita dificuldade, o meu sonho de graduanda: pesquisar e me tornar mestra. A possibilidade de sonhar esse sonho só foi possível pela existência da universidade pública e pela excelência do ensino superior gratuito brasileiro. A isso sou imensamente grata e para isso que luto: a sua existência e permanência. Que sempre nos incomode a falta de acesso, que jamais nos acostumemos com a desigualdade e com a miséria e que possamos sonhar, desejar e construir futuros melhores. Meu agradecimento a todas e todos que lutam e que lutaram para que brasileiras (o) tenham uma vida digna, com comida na mesa, educação de qualidade e uma existência plena.

“O dom de despertar no passado as centelhas da
esperança é privilégio exclusivo do historiador
convencido de que também os mortos não estarão
em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo
não tem cessado de vencer.”

(Walter Benjamin)

“As tecnologias ancestrais nós temos
Pra induzir o sonho dentro de um pesadelo
Entre um traçante e outro
Dilatar o tempo e imaginar um mundo novo.”

(Don L - Gabriel Linhares da Rocha)

“Descubro cada vez mais que o paraíso são os outros. Vi num livro
para adultos. Li só isso: o paraíso são os outros. A nossa felicidade
depende de alguém. Eu compreendo bem. Mães, pais, filhos, outra
família e amigos, todas as pessoas são a felicidade de alguém, porque
a solidão é uma perda de sentido que faz pouca coisa valer a pena. Na
solidão, vale só a pena pensar tentar encontrar alguém. O resto é a
tristeza. A tristeza a gente respeita e deita fora. A tristeza a gente
respeita e, na primeira oportunidade, deita fora. É como algo
descartável. Precisamos usar mas não é bom ficar guardada.”

(Valter Hugo Mãe)

Resumo

O presente trabalho busca compreender a construção da imagem de “homem comum” de Jair Messias Bolsonaro e as possibilidades e os limites de enquadrá-lo no conceito de “pequeno grande homem”, forjado por Theodor W. Adorno (1975). Esse conceito abarca a figura do sujeito que sugere, ao mesmo tempo, onipotência e a ideia de que ele é apenas mais um homem comum, o que fortalece o processo de identificação do seguidor com a figura do líder, por gratificar o seu desejo em se submeter à autoridade e ser ele mesmo essa autoridade. A “simplicidade” e a “autenticidade” da figura de Bolsonaro são características que nos auxiliam na compreensão do seu crescimento político e da sua vitória eleitoral, para isso são analisadas fotos publicadas no Instagram de Bolsonaro nas eleições de 2018. A seleção das imagens partiu de critérios que enquadram o candidato no espectro de um “homem comum” ou ao que os internautas denominam de “gente como a gente”: fotos nas quais Bolsonaro apresentava-se descontraído, jogando vídeo game ou tomando café em sua casa. A rápida ascensão do então candidato pode ser entendida, ao nosso ver, como uma evidência da demanda por figuras que se encontram à margem da tradicional elite política, os *outsiders*, tendo em vista o processo de criminalização da política, que se encaminha, pelo menos, desde 2013, além de uma conjuntura de crise que mescla a antipolítica, pós-política, ultrapolítica e ufanismo, sendo Bolsonaro uma possível alternativa à política tradicional. Analisamos, ainda, o recrudescimento da militância de direita nas ruas e nas redes, compreendendo a trajetória militar e política do candidato, além de sua presença no ambiente digital. Por fim, observamos que perceber Bolsonaro como o “pequeno grande homem” de Adorno demonstra ser menos um retorno do fascismo e apresenta-se mais como um sintoma das mudanças mais recentes no fazer e agir políticos, que enaltecem a performance sobre a crítica, sendo uma das consequências do avanço das tecnologias de comunicação, principalmente via redes sociais.

Palavras-chave: Bolsonaro; Adorno; História da historiografia; História do tempo presente.

Abstract

This work aims to understand the construction of the image of a “common man” by Jair Messias Bolsonaro as well as the possibilities and limits of framing him in the concept of “great little man”, by Theodor W. Adorno (1975). This concept encompasses a subject's figure that suggests omnipotence and, at the same time, the idea that he is just another common man, which strengthens the process of identification of the follower with the figure of the leader, by gratifying his desire to submit to the authority and to become that authority himself. The “simplicity” and “authenticity” of Bolsonaro's figure are characteristics that help us understanding his political growth and his electoral victory. For this reason, photos published on his Instagram in the context of the 2018 elections will be analyzed. The images' selection was based on criteria that fit the candidate into the spectrum of an “ordinary man” or what Internet users call “people like us”: photos in which Bolsonaro appears relaxed, playing video games or having coffee at his house. The rapid rise of the then candidate can be understood, in our view, as evidence of the demand for figures who are on the margins of the traditional political elite, the outsiders, in view of the process of criminalization of politics, which is heading, at least, since 2013, in addition to a crisis situation that mixes anti-politics, post-politics, ultra-politics and exacerbated nationalism, with Bolsonaro being a possible alternative to traditional politics. We also analyzed the resurgence of right-wing activism in the streets and online, aiming to understand the candidate's military and political trajectory, as well as his presence in the digital environment. Finally, we observe that perceiving Bolsonaro as Adorno's “great little man” prove to be less a return of fascism and more as a symptom of the most recent changes in political doing and acting, which praise performance over criticism, being one of the consequences of the advancement of communication technologies, mainly via social networks.

Keywords: Bolsonaro; Adorno; History of the Historiography; History of the Present Time.

Lista de figuras

Fotos do perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro

Figura 1 - “Boa sexta-feira a todos! Gás com ânimo na reta final! Um forte abraço a todos! ☐☐”. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpZKByzvnQs/>. Acesso em: 22 dez. 2022.)

Figura 2 - “Dando uma conferida no show ao vivo do apresentador e comediante @danilogentili . Kkkkkk ☐☐”. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoiASvsHaB4/>. Acesso em: 22 dez. 2022.)

Figura 4 - “Pelando a crina no velho e bom barbeiro de sempre. Kkkkk.”. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BlxyGZRnZLJ/>. Acesso em 22 dez. 2022.)

Figura 5 - “Segue a rotina de fazer o café como aprendido em casa! Bom Dia a todos e rumo ao primeiro turno!”. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BojIGjUHsOO/>. Acesso em 22 dez. 2022.)

Figura 6 - “Lanche presidencial com o @choque_bpchq . Estar perto, tratar bem e ouvir faz parte de quem deseja o bem de seu time! É uma satisfação, Guerreiros!”. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpkslRxpCD/>. Acesso em 22 dez. 2022.)

Figura 7 - “Boa sexta-feira a todos! ☐☐”. (Disponível em: https://www.instagram.com/p/BpHLNk_nZtV/. Acesso em 22 dez. 2022.)

Figura 8 - “Para ter acesso à nossa última live antes do Segundo Turno, acesse nossa Bio ou nosso canal no Youtube.”. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpdNkMLgLWC/>. Acesso em 22 dez. 2022.)

Figura 9 - “☐☐☐☐☐”. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bn4QkDwnj5Q/>. Acesso em 22 dez. 2022.)

Figura 10 - “Me preparando para voltar à ativa!”. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoROQ0OnkxV/>. Acesso em 22 dez. 2022.)

Figura 11 - “01/11/2018: Coletiva de imprensa. Para assistir clique no link em nossa BIO ou vá a nosso canal no youtube: Jair Bolsonaro”. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BppxhOPgUPI/>. Acesso em 22 dez. 2022.)

Gráficos

Figura 3 - Gráfico de busca pelos termos "Bolsonaro" e "Ustra" durante o ano de 2016.

Figura 12 - Gráfico de palavras-chave dos comentários.

Lista de abreviaturas e siglas

ALERJ - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras

CPAC - Conferência da Ação Política Conservadora

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

CQC - Custe o Que Custar

CSV - Comma-separated values

DB Browser - Database Browser

EsAO - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

EsPCEX - Escola Preparatória de Cadetes do Exército

EXIF - Exchangeable image file format

FHC - Fernando Henrique Cardoso

IPTC - International Press Telecommunications Council

JPG - Joint Photographic Experts Group

MBL - Movimento Brasil Livre

PDF - Portable Document Format

PFL - Partido da Frente Liberal

PL - Partido Liberal

PNG - Portable Network Graphic

PP - Partido Progressista

PPB - Partido Progressista Brasileiro

PPR - Partido Progressista Reformador

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

PSC - Partido Social Cristão

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSL - Partido Social Liberal

PT - Partido dos Trabalhadores

STM - Superior Tribunal Militar

SQL - Structured Query Language

STF - Supremo Tribunal Federal

TNT - Trinitrotolueno

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

TV - Televisão

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

VPR - Vanguarda Popular Revolucionária

Sumário

Introdução	15
Capítulo 1: Contextos de emergência do bolsonarismo	26
1.1 Aspectos iniciais da emergência do bolsonarismo	27
1.2 Chocando o ovo da serpente: política e antipolítica depois de 2013.....	34
1.3 A eclosão da militância de direita nas ruas e nas redes	40
Capítulo 2: A produção do “pequeno grande homem”	48
2.1 Caracterização do bolsonarismo	49
2.2 Sem berço de ouro: uma curta biografia do capitão	61
2.3 A facada no Instagram: o corpo digital do Rei.....	69
Considerações Finais.....	77
Referências Bibliográficas	88

Introdução

Figura 1 - “Boa sexta-feira a todos! Gás com ânimo na reta final! Um forte abraço a todos! 🙌👍”



Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018)¹.

Há dois dias do segundo turno da eleição de 2018, em uma sexta-feira, dia 26 de outubro, Jair Bolsonaro publicou uma foto logo pela manhã (figura 1), a primeira daquele dia, desejando aos seus seguidores uma boa sexta e “gás com ânimo na reta final”. Sorridente, o candidato aparecia sentado na área de sua casa, ao lado da cozinha, vestindo roupas confortáveis, com uma pose descontraída. À sua frente, na mesa, podemos notar os seus óculos, uma extensão com o carregador do celular e a metade de uma garrafa térmica azul, provavelmente de café. Com mais de 1 milhão de curtidas e cerca de 39 mil comentários, os seus apoiadores destacaram a composição e o cenário da imagem: “Fico olhando pra sua casa,,,que simplicidade,,,me sinto COMO se eu frequentadas a sua casa”, “Garrafa de café raiz #17” (comentários publicados no dia 26/10/2018). Um comentário em especial nos chamou a atenção: “É engraçado que ele parece gente como a gente, raramente o vemos engravatado, naquela superioridade, com discursos decorados como geralmente são todos os presidentes até hoje, ele posta foto em casa, descontraído, como sendo um simples Brasileiro .. meu voto é seu capitão! E eu tenho realmente esperança em você, em você fazendo do nosso Brasil um país de fato melhor! ☐☐” (26/10/2018).

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpZKByznvQs/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

“Gente como a gente”, diferente dos outros políticos, os “engravatados”, um homem simples, um verdadeiro brasileiro. Esse ideal de simplicidade e autenticidade em torno da figura de Bolsonaro é presença constante nos comentários de fotos publicadas em seu perfil no Instagram. Os seguidores comentam ressaltando o cenário, a composição da imagem, a forma como Bolsonaro se apresenta. Esse estilo estético do então candidato à presidência o difere de outros políticos, que são normalmente associados a uma elite distante do povo, com privilégios e um modo de vida bastante diferente do cotidiano da maior parte dos brasileiros. Como um outsider, Bolsonaro se colocou como aquele que é diferente de tudo e de todos, estratégia que conseguimos perceber ao analisar algumas das fotos publicadas em seu perfil no Instagram nas eleições de 2018. Entre as datas da oficialização da sua candidatura à presidência, 22 de julho de 2018, e o dia da primeira coletiva de imprensa de Bolsonaro após ser eleito presidente da República, em 1º de novembro de 2018, percebemos que diversas fotos foram publicadas retratando o então candidato em situações comuns do dia a dia, principalmente em sua casa. Seleccionamos dez fotos de um total de 373, dentre postagens de agenda, com atividades com apoiadores, artes propagando algumas de suas ideias, manchetes de jornais e ataques aos adversários. Buscamos justamente as imagens em que Bolsonaro aproxima-se do “gente como a gente”, promovendo um processo de identificação com o seu apoiador.

As nossas hipóteses estão, então, em torno dessa performance que possibilitava ao seguidor o reconhecimento, no candidato, de um sujeito parecido consigo, de uma realidade semelhante à sua, acreditando que essa estratégia foi uma dentre as várias utilizadas pela campanha de Bolsonaro para conquistar apoio popular e ser eleito presidente. Encontramos em Theodor W. Adorno, em seu texto “A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda” (1975), elementos que possibilitaram uma análise mais profunda e complexa da estética mobilizada pelo então candidato. Ampliando as discussões sobre a propaganda fascista, o filósofo inicia o debate afirmando que ela forma uma unidade estrutural, possuindo concepções totais que podem ser conscientes ou inconscientes, conclusões já percebidas nas pesquisas de Leo Lowenthal e Norbert Guterman, na década de 1940. O seu objetivo é aprofundar a análise dos expedientes da propaganda, focando a sua atenção em um sistema psicológico total que considera ter sido pautado na psicologia de massas freudiana, que associa a concepção política implícita e a essência psicológica da propaganda. Assim, a obra “Psicologia de massa e análise do ego” (1922) é para Adorno um vislumbre de Freud da ascensão e da natureza dos movimentos de massas fascistas, que emergiram com força substancial na década seguinte, e é a partir dele que o filósofo buscou compreender as agências coletivas produzidas pelo fascismo.

Em um primeiro momento, Adorno desenvolve a noção de massas e como se dá a sua organização, para depois aprofundar na construção do líder e da sua legitimidade frente ao grupo. É esse debate que nos move e que se inicia com a ideia de que o vínculo que integra os indivíduos na massa é de origem libidinal. Ao rejeitar a teoria de que as massas se transformam em massas devido a um instinto social de rebanho, Freud descarta a noção do primitivismo e pauta a sua análise na libido, compreendendo que “em meio a um grupo, o indivíduo é submetido a condições que lhe permitem desembaraçar das repressões impostas aos seus instintos inconscientes” (FREUD, 1987, p. 85 *apud* ADORNO, 1975, p. 3) e que as emoções ali experienciadas pelo indivíduo são excitadas em um grau que elas raramente atingem sob outras circunstâncias. Assim, a integração em um grupo constitui uma experiência agradável, permitindo a entrega irrestrita pelo princípio do prazer. Portanto, segundo Freud, a peculiaridade das massas não está na aquisição os indivíduos de novas qualidades, mas na manifestação das velhas.

Em um segundo momento, Adorno aprofunda-se na construção da imagem do líder e em como se dá a ligação com os seguidores. Assim como a massa permite ao indivíduo a manifestação de velhas qualidades, também o líder se articula pautado em uma demanda primitiva de pai todo-poderoso e ameaçador e não como um pai amoroso, já que no fascismo “existe muito pouca coisa passível de ser amada” (ADORNO, 1975, p. 4). Assim, o padrão libidinal do fascismo repousa em técnicas autoritárias, permitindo um comparativo entre o líder e o hipnotizador, pois os mecanismos que levam os indivíduos a regredirem coincidem, já que “o hipnotizador desperta no sujeito uma parte de sua herança arcaica que também o torna submisso aos genitores” (FREUD, 1987, p. 137-138 *apud* ADORNO, 1975, p. 4). Dessa forma, Adorno afirma que a propaganda fascista é psicológica, devido a seus objetivos autoritários irracionais

que não podem ser alcançados por meio de convicções racionais, mas só através do habilidoso despertar de “uma parcela da herança arcaica do sujeito”. A agitação fascista está centrada na ideia do líder, não importando se ele realmente lidera ou não passa do delegado de grupos de interesse, porque, psicologicamente, somente a imagem do líder está apta a reanimar a ideia de pai primitivo, ameaçador e todo-poderoso. (ADORNO, 1975, p.4)

Adorno prossegue e afirma, com base na teoria freudiana, que o que transforma a libido em um vínculo entre líder e seguidores é o mecanismo do processo de identificação, “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (*Ibid.*, p. 5). Na identificação, o narcisismo é o principal expoente, que age por meio da idealização, caracterizado no ato de devorar o objeto amado tornando-o parte de si mesmo, componente inclusive essencial no

entendimento das relações amorosas, pois o sujeito busca no outro, no ser amado, a perfeição que lhe falta, satisfazendo o próprio ego e, assim, o narcisismo. É por meio da promoção dessa idealização de si mesmo que o chefe fascista se coloca enquanto ideal para os seus seguidores, produzindo nos indivíduos do grupo uma ampliação da sensação de amar a si mesmo, mas livre das manchas da frustração de seu eu empírico. Adorno pontua que esses padrões de identificação fundados na idealização são coletivos e por isso funcionam em um vasto número de pessoas, pois “elas são portadoras das mesmas inclinações libidinais e disposições caracterológicas” (*Ibid.*, p. 5). Por isso a adesão ao grupo é efetiva, já que os indivíduos substituíram o seu ego ideal por um objeto em comum, permitindo a identificação de seu ego com o de outros.

Nesse lugar do ideal do ego (ou superego) do grupo, o líder tem de parecer ser totalmente narcisista, assemelhando-se ao “super-homem” de Nietzsche, o “pai primitivo da horda”. Entretanto, Adorno aponta que Freud identificou um outro aspecto da identidade do líder que parece contradizer o anterior, pois “embora apareça como um super-homem, o líder também precisa fazer o milagre de parecer uma pessoa comum, fazer como Hitler, que posava como um misto de barbeiro suburbano e King Kong.” (*Ibid.*, p. 6). Por meio dessa observação, Adorno pontua um dos expoentes principais da propaganda fascista: o “pequeno grande homem”. Esse conceito abarca a figura do sujeito “que sugere ao mesmo tempo onipotência e a ideia de que ele é apenas mais um na multidão” (*Ibid.*, p. 6), o que fortalece o processo de identificação do seguidor com a figura do líder, por gratificar o seu desejo em se submeter à autoridade e ser ele mesmo essa autoridade.

O “pequeno grande homem”, expediente padrão da propaganda fascista, pode ser lido também como um expoente frequentemente explorado na propaganda bolsonarista e na produção de sua estética, em que o “pão com leite condensado” seria a sua máxima, mas que também apareceu em outros momentos e de diferentes formas. Bolsonaro representa o pai autoritário, com seu discurso antidemocrático e violento voltado às minorias e aos opositores políticos, assim como representa o homem mediano². Aquele que publica fotos em suas redes sociais tomando café em casa, de bermuda e com uma camisa falsificada do Palmeiras, é o

² Ao final da escrita da dissertação, nos deparamos com o artigo “A Great Little Man: The Shadow of Jair Bolsonaro”, de Jeffery R. Webber (2020) para a *Historical Materialism*. Apesar da utilização do “pequeno grande homem” logo no título, o editorial apenas menciona de forma rápida o conceito de Adorno, sem apresentar uma análise mais complexa que relacionava Bolsonaro e o pequeno grande homem. Por outro lado, a leitura do artigo foi muito enriquecedora por adentrar em temas que também foram trabalhados nesta pesquisa, como a relação de Bolsonaro com os evangélicos, a influência de Moro e da Lava Jato e a incontornável influência das redes sociais.

mesmo sujeito que afirma a uma colega deputada que não a estupra porque ela não merece, é o mesmo que se refere a quilombolas como se fossem animais, medindo seu peso em arroba, assim como é o mesmo que afirma que a ditadura errou em torturar ao invés de matar³. Assim, Bolsonaro assemelha-se de modo categórico com o conceito de pequeno grande homem, aquele que sugere onipotência e simplicidade ao mesmo tempo, sendo que o autoritarismo transparente de suas posições, seus discursos e seus projetos é o que diferencia e impossibilita a análise do ex-presidente Lula pelo mesmo conceito. Joan Scott apresenta muito bem essa distinção ao analisar a masculinidade extraordinária de líderes como Bolsonaro e Donald Trump em relação a Martin Luther King e Bolívar, por exemplo, mas que se aplica também à comparação entre o petista e Bolsonaro:

Existiram figuras que se tornaram a personificação da comunidade. Elas também eram poderosíssimas e, em muitos desses exemplos, paternas, mas é um tipo diferente de figura. Não é uma de hipermasculinidade, mas de... – eu quase quero dizer maternal –, de um senso suavizado de paternidade. Ainda podemos olhar para a figura masculina como capaz de tomar conta de nós, mas de um jeito diferente, não pela força ou violência, mas pelo cuidado. (SCOTT, 2019, *online*)

Além da masculinidade e do autoritarismo, é possível distinguir Lula e Bolsonaro em outro aspecto, o de projetos de país. Moura e Corbellini (2019) nos adiantam isso ao afirmarem que a “eleição de Lula em 2002 foi a vitória do discurso da mudança envolvido em um sentimento de esperança. A eleição de Bolsonaro em 2018 foi a vitória do discurso de ruptura com o sistema político movido por um sentimento de raiva.” (MOURA e CORBELLINI, 2019, p. 38). É como se tivéssemos trabalhando com uma pulsão de vida e uma pulsão de morte, ainda que os governos petistas tenham falhado em inúmeros pontos, como na permanência de políticas de encarceramento em massa, pensando na Lei de Drogas (1 1.343/2006), e na proposição e aprovação da Lei Antiterrorismo (13.260/2016), que abre brechas para a criminalização de movimento sociais⁴, porém ainda há uma diferença pungente entre as propostas de Brasil elaboradas e apresentadas por Lula e Dilma em comparativo com Bolsonaro. Na perspectiva freudiana, podemos pensar no instinto de destruição que permeia o programa bolsonarista, já que a energia positiva da libido é direcionada ao líder, restando uma força negativa: “o ódio a uma pessoa ou instituição determinada poderia ter efeito unificador e provocar ligações afetivas semelhantes à dependência positiva” (FREUD, 2011, p. 42-43).

³ AFP Notícias. Frases polêmicas do candidato Jair Bolsonaro. Exame, 24 de setembro de 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/frases-polemicas-do-candidato-jair-bolsonaro/>. Acesso em maio de 2021.

⁴ MARTINS, Antônio. Lula e o punitivismo penal. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 11 de julho de 2018. <http://www.ihu.unisinos.br/580755-lula-e-o-punitivismo-penal>. Acesso em maio de 2021.

Enquanto Eros atua no instinto do amor, da pulsão de vida, voltada para a sobrevivência, Thanatos atua no instinto de destruição, na pulsão de morte, voltada para a violência e a agressão (AVRITZER, 2020).

Figura 2 - “Dando uma conferida no show ao vivo do apresentador e comediante @danilogentili . Kkkkkk 👍👍”



Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018).⁵

Ao longo deste trabalho analisaremos as dez fotos selecionadas, percebendo o seu contexto, a forma como Bolsonaro se apresenta, o cenário e as interações de seguidores por meio dos comentários publicados, utilizando o “pequeno grande homem” como uma lente. Na figura 2, por exemplo, podemos perceber Bolsonaro sentado confortavelmente em um sofá, fazendo um “jóia” com a mão e sorrindo para a câmera. O candidato estava assistindo ao programa de Danilo Gentili, enquanto a TV Globo, naquele 4 de outubro de 2018, realizava o último debate entre presidentiáveis, com a ausência de Bolsonaro. A foto do candidato despojado e tranquilo assistindo à TV é um dos diversos registros de seu cotidiano e chamou a atenção de seus apoiadores pela presença de um PlayStation e diversos jogos, além de um adesivo de arma no painel da televisão e um conjunto de espadas que aparecem ao fundo. Os comentários ressaltaram os detalhes da decoração: “Arma em cima da TV e a bazuca no PS Move do PS4! Ai sim! ☐”, “gostei das três espadas katana Presidente. Com certeza o senhor é o nosso último dos samurais. ☐☐☐☐” e “Qual foi desses jogos aew de PS4 ? Me empresta uns aew @jairmessiasbolsonaro eu passo aew amanhã pra pegar pode ser ?” (comentários publicados em 05/10/2018). Percebemos com recorrência como os seguidores ressaltam os detalhes das imagens, considerando-os extremamente relevantes e curiosos, além de dirigirem-

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoiASvsHaB4/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

se de forma bastante cordial nos comentários, como se Bolsonaro pudesse lê-los e respondê-los diretamente, construindo uma sensação de proximidade dos apoiadores com o candidato.

É importante ressaltar a escolha pelo Instagram, tendo em vista a multiplicidade de plataformas digitais que o então candidato estava presente. Justificamos pelo fato de que o caráter principal dessa rede é o compartilhamento de imagens, o formato de fonte que nos interessa aqui. Criado em 2010, o aplicativo foi desenvolvido pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, que buscaram na plataforma uma maneira de resgatar a nostalgia das *Polaroids*, “câmeras fotográficas de filme, cujas fotos revelavam-se no ato do disparo” (PIZA, 2012, p. 7). No primeiro mês de existência, o Instagram já batia 1 milhão de usuários e, oito meses depois, o crescimento foi exponencial: 100 milhões de fotos já haviam sido publicadas e o *app* contava com 7 milhões de usuários. Em 2012, o aplicativo foi vendido ao Facebook por 1 bilhão de dólares e três anos depois, em 2015, o aplicativo já possuía 30 milhões de usuários apenas no Brasil. Outro dado interessante é a quantidade de fotos postadas diariamente no aplicativo: mais de 55 milhões. Enfim, o Instagram é um fenômeno no universo das redes sociais e em relação ao Facebook tem uma interação 15 vezes maior (DEMEZIO *et al*, 2016). A rede tem um grande potencial para auxiliar em pesquisas de diversas áreas, apesar de algumas dificuldades em relação à extração de dados da plataforma.

Para explicarmos melhor a forma como o trabalho com as fotos se organizou, é preciso adentrar na problemática das fontes digitais, que é foco de discussões fecundas, e destacamos aqui o trabalho de Pedro Telles da Silveira (2016) a respeito do estatuto das fontes históricas digitais. A mudança do documento físico para uma fonte que tem berço nas plataformas digitais e que é estruturada por código-fonte, promoveu debates a respeito do trabalho do (a) historiador (a) no sentido de que poderia haver uma mudança de método, tendo em vista a natureza alternativa do tipo de documento a ser analisado. Acreditamos que a saída dos arquivos físicos para a web 2.0 não anula os problemas já existentes na investigação histórica, como a preocupação com a autenticidade do documento e a atenção à análise das fontes, mas evidentemente há a necessidade de novos métodos para trabalhar com as fontes digitais, sem perder, porém, os princípios básicos do ofício. Nesse sentido, há um conjunto de técnicas possíveis para averiguar e para preservar a veracidade dos documentos digitais, como a checagem de registros de sites, ferramentas online que permitem a descoberta de metadados de fotografias digitais via EXIF ou IPTC (SILVA, 2015), e para a conservação de conteúdo online, conscientes do risco que o *delete* apresenta, é possível capturar tela e conservá-la em PDF. Para

esta pesquisa, a opção que consideramos mais adequada foi a captura de tela, salvando as imagens no formato PNG, pois não implica em uma alta perda de qualidade, como ocorre no caso do formato JPG, e o armazenamento se deu via nuvem.

Para conseguirmos acessar os comentários das fotos, foi preciso encontrar uma plataforma que possibilitasse a sua extração e a *ExportComments* mostrou maior funcionalidade. Utilizamos a versão paga que possibilita a extração de todos os comentários, já que a versão gratuita se restringe a apenas 100 comentários. Como as fotos de Jair Bolsonaro apresentam um alto número de comentários, o ideal era conseguir extrair a amostragem total, pois apenas 100 não contemplariam o propósito do trabalho. Assim, após extrair os comentários, a plataforma possibilita o *download* de uma tabela em formato Excel que apresenta o link da publicação, o nome do usuário, número de curtidas de cada comentário, data e hora, link para acessar o comentário diretamente, além, claro, do próprio comentário. Contabilizando os comentários das dez fotos selecionadas, conseguimos extrair cerca de 297.173 comentários, número expressivo para uma pesquisa que se dará em um tempo limitado, o que nos leva a outra ferramenta que nos auxiliou na análise dos dados obtidos. O *Database Browser (DB Browser)* é um programa que permite a visualização, edição e execução de *scripts* em um banco de dados SQL (Linguagem de Consulta Estruturada), que é a linguagem de programação ideal para trabalhar com banco de dados relacional, ou seja, baseado em tabelas. O *software* é gratuito e com ele conseguimos extrair tabelas no formato CSV após pesquisar palavras-chave que atendem à intenção desta pesquisa, a saber: autenticidade, autêntico, comum, gente como a gente, raiz, simplicidade e simples. A pesquisa dos termos na base de dados possibilitou perceber a quantidade de vezes em que eles apareceram em comentários de usuários nas fotos de Bolsonaro e o resultado em gráfico aparecerá ao final deste trabalho. Enfim, chegamos a um resultado satisfatório tanto na extração das imagens quanto na dos comentários, o que possibilitou uma análise bastante frutífera da estética mobilizada por Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.

Outro debate importante nesta pesquisa perpassa em torno da noção de atualização. Ainda que Adorno estivesse observando um objeto historicamente localizado, as suas contribuições nos ajudam a compreender os movimentos de extrema-direita que têm crescido no mundo na última década, já que esses grupos articulam expoentes que se assemelham de forma direta aos fascismos dos anos 30. Estamos aqui alinhados à perspectiva de que passado, presente e futuro se afetam constantemente, compreendendo também que no devir da história há repetições estruturais formais, assim como ressignificações de conceitos a partir das

experimentações temporais, o que permite uma polissemia dos conceitos e sua multiplicidade de significados (KOSELLECK, 2006). Ainda assim, precisamos considerar as diferenças entre as fontes utilizadas por Adorno e as nossas, tendo em vista que o filósofo e seus pares, ao analisarem a propaganda fascista, observaram panfletos e discursos proferidos nas rádios. Hoje, por outro lado, o contexto é mais complexo. Os panfletos e as rádios continuam exercendo um papel importante nas campanhas políticas, mas temos a emergência de outros meios de comunicação, como a televisão e as redes sociais, que se tornaram um canal de importância ímpar para a política na atualidade. Assim, analisar um candidato nas eleições de 2018 pela lente de um conceito mobilizado por Adorno nos anos 50 nos traz possibilidades e desafios, considerando principalmente a emergência das plataformas digitais, que por sua própria arquitetura já produzem uma falsa sensação de proximidade do seguidor para com o líder. A partir dos vídeos e imagens publicados constantemente em um perfil de rede social, com uma comunicação direta e sem a mediação da imprensa, por exemplo, o líder consegue incluir o seu seguidor em sua agenda, em seu cotidiano, nos seus diálogos, promovendo um contato direto (MAZZARELA, 2019 *apud* CESARINO, 2019). Assim, a emergência das redes sociais nos permite uma compreensão atualizada do “pequeno grande homem” de Adorno.

Também consideramos relevante esclarecer que esta pesquisa, ao pensar apenas no caso brasileiro, não ignora que o debate em torno da emergência das novas direitas (*alt-rights*) tem extensão global e é bastante diverso. Ainda que o caso brasileiro seja o foco deste trabalho, analisá-lo isoladamente do contexto global, em um cenário de globalização potencializado pela internet e de alianças internacionais, é esvaziá-lo. O curto prazo de uma dissertação de mestrado nos impossibilitou a produção de uma análise robusta com caráter transnacional, mas não deixamos de considerá-lo. Destacamos ainda que o bolsonarismo é campo de debates no que diz respeito à sua definição enquanto movimento e regime: seria fascismo, neofascismo, neopopulismo, populismo de direita? Conscientes de que esses questionamentos podem vir à tona, esclarecemos que não é intenção desta pesquisa definir o bolsonarismo, mas tentar auxiliar e enriquecer o debate de outros (as) pesquisadores (as) em torno de suas análises. Assim, também cabe aqui ponderar que a mobilização da teoria freudiana de psicologia de massa não tem intenção de analisar os indivíduos numa perspectiva clínica e individualizante, a fim de patologizar os apoiadores de Bolsonaro, mas ampliar a observação de um grupo a partir de uma noção social da Psicologia e da Psicanálise, pensando em contextos sociais, produção de relações entre sujeitos, formação de subjetividades.

A organização desta dissertação foi pensada de modo a considerar a multiplicidade de contextos e acontecimentos em torno da eleição de Bolsonaro, buscando um formato alternativo ao que normalmente estamos acostumadas (os). Ao longo do trabalho o (a) leitor (a) será constantemente confrontado (a) com o atravessamento do passado, presente e futuro, a começar com a primeira parte, que foca na figura política de Bolsonaro, buscando perceber os contextos de sua emergência. Em um primeiro momento, observamos qual foi o momento em que Bolsonaro ganhou grande repercussão na mídia, que está ligado à sua participação em programas de auditório e de humor, ficando conhecido por suas declarações de cunho homofóbico e racista. Após isso, no subcapítulo 1.1, “Aspectos iniciais da emergência do bolsonarismo”, adentramos em um contexto ligado à história recente da política brasileira, considerando as mudanças em torno da midiaticização do Judiciário, como ocorrido nos casos do Mensalão e da Lava Jato, percebendo como o discurso de criminalização da política permitiu a emergência de *outsiders*, além de pensarmos o contexto global da potencialização da subjetividade neoliberal e sua repercussão no Brasil. Ressaltamos ainda questões específicas brasileiras, como os movimentos de Junho de 2013, que são analisados em maior profundidade no subcapítulo 1.2, “Chocando o ovo da serpente: política e antipolítica depois de 2013”, em que mobilizamos conceitos como antipolítica, pós-política, ultrapolítica e ufanismo para compreender o crescimento de Bolsonaro como uma possível alternativa à política tradicional. Ao final do primeiro capítulo, no subcapítulo 1.3, “A eclosão da militância de direita nas ruas e nas redes”, analisamos o recrudescimento da militância de direita nas ruas e nas redes, pensando as influências da Bancada da Bala e da Bíblia, suas relações com Bolsonaro, e como a direita pós-ditadura, considerada envergonhada, passou a se organizar e agitar massas.

No capítulo 2, “A produção do ‘pequeno grande homem’”, buscamos analisar em maior profundidade as características do bolsonarismo enquanto movimento e identidade política, ressaltando a presença de Bolsonaro nas redes, seu discurso autoritário, sua trajetória pessoal e política e a forma como esses diversos elementos foram mobilizados em conjunto. No subtópico 2.1, “Caracterização do bolsonarismo”, analisamos a imagem que pode ser descrita como a mais conhecida do pleito eleitoral de 2018, a foto do “pão com leite condensado”, pensando o estilo estético e performático de Bolsonaro nas redes e como a comunicação de sua campanha articulou a imagem de sujeito simples e autêntico com o seu discurso autoritário, que tem características patriarcais e liberais. Para compreendermos a figura de Bolsonaro e suas influências, realizamos uma breve biografia do capitão no subcapítulo 2.2, “Sem berço de ouro: uma curta biografia do capitão”, percebendo as suas origens no Vale do Ribeira, a sua entrada

nas Forças Armadas e seus primeiros passos no mundo da política. A partir da compreensão da trajetória de Bolsonaro pudemos perceber como a fenda autoritária da ditadura civil-militar permaneceu aberta por tantas décadas, permitindo que discursos autoritários proferidos por ele fossem veiculados nas mídias e não tivessem nenhum tipo de reprimenda. Por fim, no subcapítulo 2.3, “A facada no Instagram: o corpo digital do Rei”, analisamos o episódio do atentado à faca sofrido por Bolsonaro em Juiz de Fora, no dia 6 de setembro de 2018, e as suas consequências para a campanha política do candidato, que se concentrou nas redes sociais, explorando as características desse meio digital a seu favor.

Por fim, ao trabalhar com um objeto tão atual, nos deparamos com os desafios da história do tempo presente e da posição ética do historiador e da historiadora frente a esse quadro cronológico que apresenta balizas um tanto móveis. Quando começa e quando termina a história do tempo presente? Marieta de Moraes Ferreira (2021) nos aponta que o que marca essas balizas é a existência dos testemunhos em paralelo ao trabalho do (a) historiador (a), testemunhos que supervisionam e questionam (ou colaboram) esse trabalho. Sofremos, então, com as demandas sociais do presente, exigindo de nós uma posição ética. Sobre isso, Pereira (2011, p. 59) ressalta que as dificuldades em construir um distanciamento crítico foram respondidas pela história do tempo presente com a valorização de uma vigilância ética do (a) historiador (a). Concordamos ainda com Pereira e Mata (2012, p. 22) ao apontarem que o “olhar para nós mesmos” que circunda a história do tempo presente aponta para uma “atitude crítica de autorreflexão e cidadania”, posição que nos acompanhou ao longo da pesquisa, considerando os diversos atravessamentos sociais e subjetivos frutos da eleição de Jair Bolsonaro. Esperamos, então, que este trabalho esteja à altura das demandas de nossos pares e dos demais interessados na história recente da política brasileira, e que consigamos, ainda que de forma modesta, responder às dúvidas e aos questionamentos que rondam a vitória de Jair Messias Bolsonaro em 2018.

Capítulo 1: Contextos de emergência do bolsonarismo

Em 29 de março de 2011, Bolsonaro participou do quadro “O povo quer saber”, do extinto programa CQC⁶, da Rede Bandeirantes, uma de suas participações mais conhecidas em programas de auditório. No quadro, o então deputado federal era questionado pelo público em relação a diversos temas, principalmente assuntos dos quais Bolsonaro já havia se manifestado em outras ocasiões, como em relação à ditadura civil-militar de 64, políticas de cotas e homossexualidade. No programa, o deputado afirmou que não teria um filho gay pois eles tiveram “uma boa educação” e em seguida, ao ser questionado pela cantora Preta Gil sobre como reagiria caso um de seus filhos se apaixonasse por uma mulher negra, Bolsonaro afirmou que não discutiria promiscuidade com ninguém e que não corria esse risco, pois seus “filhos foram muito bem educados”⁷. Na semana seguinte, no dia 10 de abril, Bolsonaro também participou do programa SuperPop⁸, na RedeTV!, e debateu sobre racismo e sexualidade com outras pessoas convidadas, como Thammy Miranda, filho da cantora Gretchen e homem trans. Desde então, Bolsonaro era presença constante em programas de auditório, como nos supracitados SuperPop, com Luciana Gimenez, e CQC, além do “Agora É Tarde”, com Danilo Gentili e Rafinha Bastos, na Rede Bandeirantes.

Os trechos de participação do então deputado nos programas e em entrevistas à imprensa, com declarações polêmicas, agressivas e por vezes criminosas, passaram a repercutir na internet. Vídeos com compilados de falas de Bolsonaro foram publicados no YouTube e memes começaram a circular. Ao pesquisar na plataforma de vídeos, encontramos conteúdos que datam principalmente de 2014⁹, com destaque para o meme “turn down for what”, em que óculos escuros pixelados descem pela tela e chegam ao rosto de Bolsonaro, enquanto um trecho da música homônima ao meme toca. A mensagem que se queria passar era que o deputado havia “arrasado”, ou melhor, “mitado” em suas declarações, como na discussão com a deputada Maria do Rosário no Congresso Nacional, em 2003, em que afirmou que jamais a estupraria porque ela não merecia.

⁶CQC BLOG. O Povo Quer Saber - Jair Bolsonaro. YouTube, 29 de mar. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HyaqwdYOzQk&ab_channel=CQCBlog. Acesso em 5 jan. 2023.

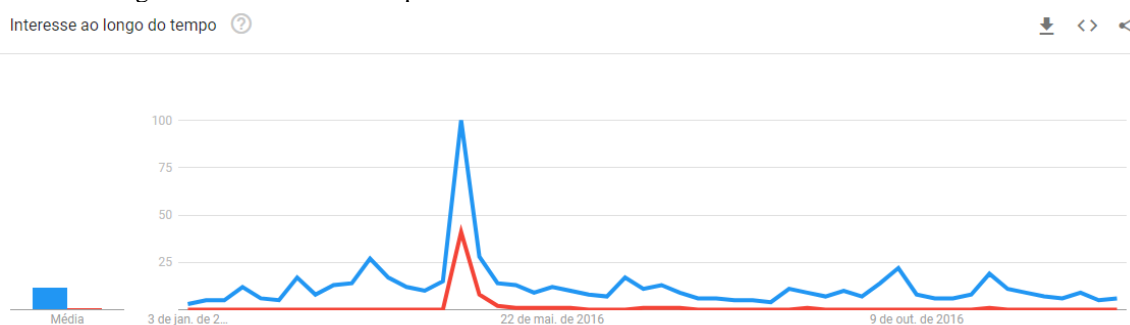
⁷VEJA. TJ mantém condenação de Bolsonaro por resposta a Preta Gil e falas ao CQC. VEJA, 10 de maio de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tj-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-resposta-a-pret-a-gil-e-falas-ao-cqc/>. Acesso em 5 jan. 2023.

⁸WORLDNEWSBRASIL. DEPUTADO BOLSONARO NO PROGRAMA SUPER POP 1/7. YouTube, 10 abr. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pXkdxA7EXMo&ab_channel=worldnewsbrasil. Acesso em 5 jan. 2023.

⁹GARCIA, Rafael. Bolsonaro Zuero - Turn Down For What. YouTube, 21 nov. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jUeBC2dplfo&ab_channel=RafaelGarcia. Acesso em 5 jan. 2023.

O ano de 2016 é um marco na trajetória política de Bolsonaro. Durante a votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 17 de abril daquele ano, o então deputado utilizou o microfone da Câmara para votar de forma favorável ao impedimento da petista e dedicou seu voto à “memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff”. Naquele dia, as buscas no Google pelo nome do deputado tiveram um aumento repentino, com dois personagens vinculados a esse pico de popularidade: Jean Wyllys, após cuspir no rosto de Bolsonaro, e, justamente, Carlos Alberto Brilhante Ustra, mencionado pelo deputado¹⁰. No gráfico de pesquisa de termos, é possível perceber como o nome do militar da ditadura não tinha destaque até o dia da votação do impeachment com os picos de popularidade de ambas as buscas coincidindo.

Figura 3: Gráfico de busca pelos termos "Bolsonaro" e "Ustra" durante o ano de 2016.



Fonte: Google Trends.

Durante sete mandatos como deputado federal, Bolsonaro fora visto como uma voz dissonante, quase folclórica, conhecido por seus excessos e polêmicas. Era um deputado do baixo clero, sem presença forte nos bastidores do Congresso ou em relatorias de importantes projetos de lei. Seu nome não era o mais destacado para disputar eleições presidenciais, mas em vídeos de 2014 já encontramos apoiadores desejando que o deputado concorresse à presidência. Conhecer a trajetória pessoal e política de Bolsonaro pode nos ajudar a compreender como um parlamentar que fora ignorado pela grande imprensa até meados de 2016, conseguiu colocar-se como a solução para o país e ser eleito presidente.

1.1 Aspectos iniciais da emergência do bolsonarismo

Figura 4: “Pelando a crina no velho e bom barbeiro de sempre. Kkkkk.”

¹⁰ <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2016-01-01%202016-12-31&geo=BR&q=bolsonaro,ustra>



Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018)¹¹.

Na imagem acima (figura 4), a primeira foto selecionada no recorte temporal desta pesquisa, a recordar: 22 de julho de 2018 a 1º de novembro de 2018, foi publicada no perfil do presidente em 28 de julho e retrata uma ação comum, que faz parte do cotidiano de qualquer sujeito: a ida a uma barbearia para cortar o cabelo. Na imagem, Bolsonaro aparece sentado numa cadeira, vestindo uma capa amarela típica de barbearias e salões e em seus ombros há restos de cabelos que foram cortados pouco antes da captura da imagem. Ao seu lado, um simpatizante posa para a foto, tirada por outra pessoa que não o fotógrafo que registra o momento, ambos sorrindo e fazendo o gesto de “arma” com as duas mãos. Durante o registro, o barbeiro não interrompeu o seu trabalho e seguiu cortando o cabelo do candidato, assim como os outros funcionários e clientes do estabelecimento seguiram com suas atividades normais.

Na legenda, Bolsonaro reproduz outro hábito comum, a tradição de ir ao mesmo barbeiro, como podemos observar na legenda: “Pelando a crina no velho e bom barbeiro de sempre. Kkkkk”. A utilização dos termos “velho” e “de sempre” evidenciam que o então deputado manteve a tradição de frequentar a mesma barbearia por um longo período, ainda que tenha se tornado uma figura pública, sendo reconhecido e assediado por simpatizantes onde quer que esteja. Outro ponto que nos auxilia nessa percepção da tradição é a localização da imagem

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BlxyGZRnZLJ/>. Acesso em 22 dez. 2022.

marcada em Marechal Hermes, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. No entanto, apesar da marcação, a barbearia fica em Bento Ribeiro, ao lado de Marechal Hermes, e é comandada por Antônio Ribeiro, barbeiro de Bolsonaro há mais de 20 anos¹². Durante o período eleitoral, o então candidato morava no condomínio “Vivendas da Barra”, na Barra da Tijuca, Zona Oeste, distante cerca de 30 km de Marechal Hermes, uma distância considerável a ser percorrida apenas para cortar o cabelo. No dia do print (08/03/2021), a foto contava com 134.798 curtidas e 1.714 comentários. A imagem responde a um dos elementos utilizados por Mendonça e Caetano para analisar a autorrepresentação de Bolsonaro, o “espelhamento do povo”, dialogando diretamente com o “apelo ao povo” do estilo populista em Moffit e Tormey (2020), além de romper com padrões de comunicação ligados a figuras políticas que exigem um rigor ou uma racionalidade tecnocrática.

A capacidade de Bolsonaro em construir uma estética própria, que remete o público à imagem de um homem mediano, ou como é dito na internet, de “gente como a gente” é o que nos move nesta pesquisa. A publicação de fotos do então candidato em situações comuns do cotidiano, como ao aparar a barba com um aparelho *Gillette* ou ao comer um pão com leite condensado, foi uma das maneiras de percebermos essa busca por uma identificação com o eleitorado a partir da imagem da simplicidade e da autenticidade, o que promoveu um distanciamento do candidato do PSL em relação aos outros políticos, considerados afastados do povo e identificados enquanto uma elite. Compreendemos que a construção e a adoção dessa imagem de “homem comum” podem ser lidas como um sintoma do cansaço do eleitorado com a dita “velha política” e os seus arranjos tradicionais na democracia liberal, representados principalmente nas figuras dos partidos que encabeçaram as eleições presidenciais desde 1994, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e o Partido dos Trabalhadores (PT).

Para estruturar esse contexto de produção de uma narrativa de descrédito e de criminalização da política precisamos ampliar o nosso olhar para alguns eventos políticos da histórica recente, como a denúncia de Roberto Jefferson (PTB-RJ), ao jornal Folha de S. Paulo em 2005, sobre o pagamento de propinas a parlamentares da base aliada do governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A denúncia resultou na Ação Penal 470, mais conhecida como o “Mensalão do PT”, e foi um processo longo e complexo que, até hoje, não foi suficientemente explicado, como nos apresenta Kátia Baggio (2017). Inicialmente foram

¹² COSTA, Celia. Político, barbeiro de Bolsonaro há 26 anos prefere não comentar temas polêmicos. O GLOBO, 07 de nov. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/politico-barbeiro-de-bolsonaro-ha-26-anos-prefere-nao-comentar-temas-polemicos-23218284>. Acesso em 5 jan. 2023.

denunciados 40 réus, resultando na condenação de 25 deles em 2012, quando o julgamento chegou ao fim. Dentre os condenados estavam grandes lideranças do PT, como José Dirceu e José Genoíno. Baggio (2019) nos alerta para dois procedimentos no julgamento da AP 470 que abriram caminhos para a fragilização da credibilidade no sistema de Justiça, são eles: a espetacularização e a condenação sem “provas cabais”. O primeiro ponto nos adianta algo que veríamos ocorrer também na Operação Lava-Jato, iniciada em 2014, que é uma articulação bastante estreita entre as corporações de mídia e o Judiciário. O julgamento transformou-se em um espetáculo, o que possibilitou que pessoas comuns passassem a discutir as decisões dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) com base no que viam nos telejornais e a conhecê-los por seus rostos e nomes. O segundo ponto trata das condenações com base em deduções, buscando responder à narrativa do “fim da impunidade”, combatendo e condenando os crimes de colarinho branco. “Finalmente, foi dito, os ‘poderosos’ eram punidos. Finalmente, fazia-se ‘justiça’.” (BAGGIO, 2019, p.41).

Os movimentos de 2013 são mais um fator essencial para a compreensão do clima de instabilidade política construído ao longo dos últimos quinze anos. As “Jornadas de Junho” foram movimentos de rua que se iniciaram lutando por uma melhoria dos serviços públicos, como transporte, educação, saúde e segurança, o que Renato Janine Ribeiro (2017) denominou de quarta agenda democrática. Porém, ao longo de seu desenvolvimento, as jornadas foram apropriadas por grupos conservadores e reacionários da direita brasileira, expondo uma movimentação de cunho fascista via pedidos por intervenção militar e pela saída da então presidenta Dilma Rousseff (PT). A cooptação da narrativa de indignação popular por esses grupos forneceu solo fértil para o questionamento dos resultados eleitorais de 2014, personificado na figura do senador Aécio Neves (PSDB). O arremate dessa contestação se deu na abertura e na conclusão do processo de impeachment contra Dilma, em 2016, e expressou “uma segunda via de questionamento do resultado eleitoral e da soberania política dele decorrente” (AVRITZER, 2019, p. 21).

Dentre as várias bandeiras levantadas por essa direita reacionária, a luta contra a corrupção liderada pelos cidadãos de bem pode ser considerada a mais efetiva das narrativas pós-2013. A polissemia do termo “corrupção ” nos é apresentada por Isabela Oliveira Kalil (2018) em pesquisa produzida sobre o eleitorado de Bolsonaro e diz respeito não só a noção de corrupção envolvendo pagamentos ilícitos no meio político, como no caso do Mensalão, mas também à “desordem” de costumes e valores que colocam em risco a ordem familiar, principalmente nos tópicos da homossexualidade e do aborto, além de uma redução da

importância da família na formação do cidadão e de uma confusão entre direitos e privilégios, pensando, por exemplo, nos grupos atendidos pelo Bolsa Família. A luta anticorrupção atua então como um verdadeiro guarda-chuva, mas em termos jurídicos-políticos atinge o seu patamar mais alto por meio da Operação Lava-Jato.

Iniciada em 2014, a Lava-Jato acendeu a faísca deixada pelo Mensalão no que diz respeito à perda da agenda ética pelo PT e ao desgaste de sua relação com a classe média. Porém, o incêndio lava-jatista, como discutido por Moura e Corbellini (2019), atingiu não apenas o Partido dos Trabalhadores, mas toda a classe política, incluindo o PSDB, considerado o representante da “direita esclarecida”. Assim como o Mensalão, a Lava-Jato foi espetacularizada, com denúncias sendo noticiadas em horário nobre como uma telenovela, em que seus capítulos eram transmitidos pelo Jornal Nacional (TV Globo). É a partir desse cenário de crise que acreditamos que se desenrola o processo de “criminalização da política”, que teria como primeiro objetivo a remoção do PT da presidência e que se alargou sobre todo o sistema representativo, “inclusive sobre o presidencialismo de coalizão e, provavelmente, as lógicas internas corporativas do MP e do judiciário”. (AVRITZER, 2019, p.105).

A partir dessa descrença tanto da política quanto de seus representantes, vê-se a emergência de figuras denominadas outsiders em detrimento dos personagens tradicionais do jogo político. É do emaranhado desse clima de instabilidade, de disputas de discursos, de descrença política, que Bolsonaro conquista o seu espaço e atende à demanda popular por uma figura que representaria “alguém diferente”, diferente de “tudo que está aí” (SOLANO, 2019). Conhecido por dizer o que pensa, sem medo de julgamentos, por ser um homem comum, Bolsonaro foi – e ainda é – visto como “o Mito”. É uma figura que busca distanciar-se do estilo de vida dos grandes nomes políticos, muitos deles envolvidos em escândalos de corrupção, e que trouxe consigo a defesa firme da “família tradicional” e de valores que denomina “judaico-cristãos”. Bolsonaro foi o candidato *Dorflex*, a solução para a dor do eleitorado (BILENKY, 2018).

Para se promover como o candidato que solucionaria os problemas da corrupção em todas as suas polissemias, Bolsonaro utilizou de um discurso autoritário, que atingia tanto o Estado democrático de direito e as suas instituições, quanto grupos sociais. A discussão de Lilia Schwarcz (2019) muito nos acrescenta na compreensão do enraizamento do autoritarismo na formação do Brasil, a começar pelo fato de que somos uma nação produzida sob a escravidão e a violação de corpos negros e indígenas, grupos aos quais Bolsonaro, por diversas vezes, direcionou discursos de ódio. Ainda que tenhamos momentos de abertura democrática no

pêndulo da democracia, que se expande e se retrai (AVRITZER, 2019), é importante destacar a presença de um pacto de esquecimento na sociedade brasileira produzido pela Lei da Anistia, que possibilitou a sobrevivência e o alargamento de uma fenda autoritária que é fruto da ditadura civil-militar de 1964. Esse pacto promoveu uma falsa assimetria entre Estado e sociedade no que diz respeito à experiência ditatorial, debate que Daniel Pinha (2020) nos apresenta para explicar a construção da identidade política de Jair Bolsonaro. A ausência de uma política efetiva de reparação das vítimas e da elaboração de um projeto de memória sobre os horrores da ditadura é um dos fatores que permite que um projeto autoritário como o bolsonarismo seja visto como a solução para as mazelas político-sociais de nosso tempo.

A subserviência de parte da sociedade brasileira a esse passado ditatorial e a promoção das instituições militares como as detentoras das estruturas da ordem, que permitem o desenvolvimento pleno do Estado, associam-se a um adoecimento social, fruto também da perda de poder de consumo via crises econômicas, que desperta o ressentimento, o medo, a insegurança. A emergência do crescimento econômico e o seu derradeiro colapso são fases do desenvolvimento nacional que afetam para além das condições materiais também o self individual, como apontado por Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco (2018). A entrada dos indivíduos na economia de mercado produz sujeitos mais demandantes e exigentes, além de elaborar novas formas de fazer política e de compreender o mundo. Paralelamente a isso, ocorre uma transformação na autoestima e no orgulho das pessoas de baixa renda, o que Pinheiro-Machado e Scalco (2018) denomina como “autovalor”. Quando esse universo de esperança e de mobilidade social começa a se desfazer, o resultado não poderia ser outro que não trágico: atrelada à perda de bens, há a perda de uma identidade produzida sob os moldes da inclusão pelo consumo. Restou angústia e desalento para brasileiros desempregados, endividados, inseguros.

A partir disso, a inserção de um discurso autoritário, que prega a ordem e a força como as maneiras de se reorganizar uma sociedade e de conduzi-la ao progresso encontra terreno fértil no imaginário dos sujeitos desalentados. Porém, cabe apontar que esse cenário não é uma especificidade brasileira: é importante termos em mente que estamos inseridos em uma nova razão de mundo, o neoliberalismo. Pierre Dardot e Christian Laval (2016) discutem o tema em profundidade e alertam para o fato de que o neoliberalismo não está restrito a um plano econômico, mas que atua em diversas áreas, produzindo um “conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência”. A elaboração da subjetividade neoliberal está pautada em produzir

comportamentos e moldar as relações sociais pensando a sociedade como uma empresa, criando o ambiente do “todos contra todos”, por meio do egoísmo social e da negação da solidariedade. Somado a um contexto de crise econômica, o sujeito neoliberal encontra-se isolado, perdido neste novo espírito de mundo (*Weltgeist*), e encontra no discurso autoritário uma possibilidade de organização, de projeto de futuro por meio da força.

Jair Bolsonaro ainda conseguiu mobilizar mais dois fatores atrelados à crise econômica e à subjetividade neoliberal que nos ajudam a explicar o seu sucesso eleitoral: o neopentecostalismo e a narrativa de “costumes”. É essencial compreender o papel da religião e da fé no bolsonarismo, relação que se fortaleceu nas eleições municipais de 2016 e atingiu seu ápice com a eleição presidencial. Nomes como os dos pastores Marco Feliciano e Silas Malafaia, além da ex-Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, e a rede de contatos de pastores e lideranças evangélicas são de suma importância no entendimento da compatibilidade da agenda das novas direitas com a agenda conservadora evangélica. Para Christian Dunker, Rodrigo Gonsalves e Ivan Estevão (2021) o neopentecostalismo oferece uma “resposta de sobrevivência e construção de laços sociais na periferia bem como uma narrativa teológica de justificação da exclusão social e um programa de reinserção social”, o que dialoga diretamente com o cenário de crise econômica já exposto anteriormente.

A articulação da religiosidade é mais um aspecto da construção da figura de Bolsonaro que permite a elaboração do processo de identificação do líder com os seus seguidores. Levantar a bandeira “Deus e Família” dialoga diretamente com as demandas sociais de um retorno à ordem e de agregação social que o neoliberalismo e a sua mentalidade egoísta inviabilizam. Ao associar a depravação sexual e o ataque à família tradicional às esquerdas, mobilizando um anticomunismo reciclado em antipetismo e antilulismo, Bolsonaro se situa como o Messias que, além de colocar o país nos trilhos com uma mão forte, realocará a família de volta ao seu lugar fundamental de formação do cidadão. A aliança entre neoliberais e conservadores é expressa em projetos como o Escola Sem Partido e a eleição de evangélicos para Conselhos Tutelares, é a reação ao Estado secular, já discutida por Letícia Cesarino (2019). Assim, para compreender a emergência de Bolsonaro acreditamos ser necessário articular no decorrer desta pesquisa três dimensões: a longa duração – pensando principalmente nos resquícios rascistas da escravidão e na ditadura civil-militar de 64, dois fragmentos de uma tradição autoritária –, a média duração – pós-88, com a nova Constituição, eleições democráticas e emergência das mídias digitais – e a curta duração – a eleição de 2018 em que Jair Bolsonaro saiu vitorioso (REIS, 2020).

1.2 Chocando o ovo da serpente: política e antipolítica depois de 2013

Figura 5: “Segue a rotina de fazer o café como aprendido em casa! Bom Dia a todos e rumo ao primeiro turno!”



Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018)¹³

São muitas as maneiras de fazer “um cafezinho” e uma delas é ferver a água junto ao pó para depois coar o líquido no filtro. Essa aparentemente é a forma como Bolsonaro prefere passar o seu café e só temos ciência disso porque uma foto desse momento tão habitual foi publicada no perfil do candidato, no dia 5 de outubro de 2018 (figura 5). Na legenda, o candidato ressalta que a forma de fazer o seu café é coisa de família: “Segue a rotina de fazer o café como aprendido em casa! Bom Dia a todos e rumo ao primeiro turno!”. A imagem contabilizou mais de um milhão de curtidas e cerca de 55 mil comentários até o dia 8 de março de 2021. “Esse sim é gente como a gente, se liga na pia de louças pra lavar” é um dos comentários deixados na foto por uma usuária, que muito provavelmente escolheu Jair Bolsonaro como o candidato que mais estava alinhado aos seus ideais para a presidência. A simplicidade é a marca do capitão e a foto ressalta isso: a pia repleta de louças sujas – copos e talheres espalhados aguardando para serem lavados –, um recipiente com produto de limpeza de cabeça para baixo – um jeito de tentar aproveitar ao máximo o produto que já está no final – e o candidato passando um café. Um cenário comum, de um cotidiano comum, de um sujeito comum. Bolsonaro se coloca para o eleitorado assim: apenas mais um na multidão, mais parecido com você e com seu vizinho do que aquele político que aparece na televisão, vestindo ternos caros, relógios finos e rodeado de pessoas importantes e, muito provavelmente, investigado por corrupção. Acreditamos que esse contraste criado por Bolsonaro é um dos

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BojIGjUHsQO/>. Acesso em 22 dez. 2022.

pilares de sua construção estética e performática e a semente desse contexto nos leva para as jornadas de Junho e para a Operação Lava Jato.

As manifestações de 2013 foram um marco por terem apresentado uma ruptura da inércia política da democracia liberal, demonstrando a existência de uma crise de representação na forma de fazer política no Brasil (FERNANDES, 2019). As ruas foram ocupadas em diversas regiões do país, pautando uma agenda que priorizava causas sociais, como a mobilidade urbana, após o aumento nas passagens do transporte público, mas ecoando outras indignações da população, como a oferta e a qualidade de outros serviços públicos. Marcados por episódios de violência policial, vandalismo, ausência de cobertura da grande mídia, fortalecimento da mídia independente e utilização das redes sociais, os protestos se encaminharam para pautas e bandeiras distintas das iniciais, expondo uma falta de resposta à crise do governo petista, da esquerda e da própria democracia liberal, escancarando uma “crise de práxis com o acirramento de múltiplas crises” (FERNANDES, 2019, p. 98). Os atos ainda revelaram uma “faceta conservadora e golpista da sociedade”, com pedidos por ruptura institucional via golpe militar, “dando ensejo a uma negação global da política como espaço de resolução de conflitos e construção do consenso” (PEREIRA, 2021, p. 21). Moura e Corbellini (2019, p. 43) destacam que os protestos daquele ano tinham alvos e composição difusos, mas deixaram saldos importantes: “a retomada do hábito de ir às ruas e a descoberta das redes sociais”, com destaque especial para o WhatsApp, que estava chegando ao Brasil e já se apresentava como uma plataforma de comunicação e teia de organização social eficiente, autônoma, rápida. Duas características de 2013 nos interessam especialmente: a crise de representação na democracia representativa liberal, com um aumento da descrença e desconfiança na política, partidos e lideranças, e a emergência das redes sociais como um novo canal de mobilização, formação e discussão política.

O processo de desconfiança dos brasileiros em relação à política, expressa principalmente na descrença em partidos, tende a ter ligação com a avaliação dos cidadãos a respeito de fatores como economia e corrupção. Avaliar se a corrupção aumentou ou piorou tende a gerar uma maior desconfiança em partidos, “vistos como instituições que quebram as expectativas de que irão cumprir suas funções e atender aos interesses daqueles que os elegeram” (CONCLI, 2017, online). Espera-se que os partidos sejam eficientes e competentes, desejo que pode gerar como consequência desapontamento e hostilidade quando se avalia que essas instituições “não conseguiram entregar um resultado econômico satisfatório ou que se comportaram de maneira corrupta” (LAZZARI, 2017, p. 353). Fernandes (2019) aponta que a falta de legitimidade dos

partidos é esperada “dada a natureza burocrática e fisiologista da política brasileira, a difamação da credibilidade pela corrupção cotidiana e uma forte história de promessas de campanha esquecidas” (p. 226). Junho de 2013, a maior mobilização nacional desde o movimento carac-pintadas contra o governo Collor (1992), mostrou nas ruas a existência dessa desconfiança na política sob a lógica do antipartidarismo, que se voltou principalmente contra o PT, mas que atingiu outros campos da democracia representativa liberal. Porém, a queixa deixou de ser dos significados da representação da forma partido – antipartidarismo – e passou a ser contra a forma em si mesma – antipartido. Esse alto nível de desconfiança no establishment democrático fez-se perceber em posições adotadas durante os atos contra a presença de partidos representados com suas bandeiras e camisas. Vimos, ali, uma das manifestações mais claras do lema “Meu partido é o Brasil”, que Bolsonaro fortaleceu na campanha de 2018.

Tal crise de representação, exposta no sentimento antipartido, é analisada por Fernandes (2019) por meio dos conceitos de pós-política, ultrapolítica e ufanismo, que enriquecem o debate desta pesquisa em torno do bolsonarismo. Pós-2013 vimos emergir a despolitização no campo do senso comum em forma de pós-política, posição que adota critérios tecnocráticos para o fazer político, colocando-se contra ideologias e adotando uma suposta imparcialidade/neutralidade, atribuída à tecnocracia e aos especialistas estabelecidos (FERNANDES, 2019, p. 217). A pós-ideologia adotada é, em realidade, “uma farsa altamente ideológica criada para legitimar (...) posições conservadoras do senso comum”, como se propõe o projeto Escola Sem Partido. A pós-política e a ultrapolítica estão ligadas de forma complementar: se na primeira há um esvaziamento do antagonismo a favor da tecnocracia democrática-liberal, na segunda o ódio toma o lugar do antagonismo, há gestão de medo e pânico pela via conservadora e adota-se uma forma autoritária, mobilizam-se falsas radicalizações, constrói-se um inimigo, despreza-se a democracia. O ufanismo, por outro lado, aparece para complementar o raciocínio, pois pode ser útil em ambas as formas de despolitização: na pós-política impede o debate de antagonismos e alternativas, enquanto que na ultrapolítica serve à leitura de que a oposição é traidora da pátria (FERNANDES, 2019, p. 242). Visualizamos esse ufanismo nas demandas de 2013 em torno de utilizar a bandeira do Brasil e não a de partidos, de vestir a camisa da seleção brasileira de futebol e não camisas vermelhas, além da prática repetitiva de cantar o hino nacional. As multidões de 2013 foram, assim, esvaziadas e instrumentalizadas em torno da ofensiva conservadora, abrindo caminho para a tomada de instâncias de poder, iniciada com o golpe parlamentar de 2016.

O segundo ponto em relação às jornadas de junho que nos interessa aqui diz respeito às redes sociais e a uma mudança no paradigma comunicativo, que foi elemento de importância indiscutível nas eleições presidenciais de 2018. Feres Jr. e Gagliardi (2019) apontam que o período de pré-campanha da disputa eleitoral remonta, na verdade, a junho de 2013 “quando a partir da onda de manifestações de rua, ou em conjunto com elas, grupos da nova direita começaram a se organizar utilizando mormente como ferramenta o Facebook” (FERES JÚNIOR e GAGLIARDI, 2019, p. 109). Nesse momento a nova direita passou a ser dominante nas redes e os movimentos pró-impeachment de 2015 evidenciaram essa força – que contou com o apoio da grande mídia – e o modus operandi da guerra cultural tomou forma. A campanha de Bolsonaro à presidência foi articulada tendo em vista esse cenário, com aposta nas redes sociais já que a presença nos canais tradicionais de comunicação era limitada, afinal, como oito segundos no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral poderiam eleger um presidente? Bolsonaro já era destaque nas mídias sociais, principalmente no Facebook, Twitter e Instagram, com uma legião de seguidores, e ganhou um novo braço de atuação no WhatsApp. Grupos criados no aplicativo compartilhavam memes, vídeos e imagens do candidato, além de disseminarem ataques a opositores, principalmente a Fernando Haddad e Manuela D’Ávila, atuando como uma hidra:

nódulos centrais que realizavam disparos massivos de conteúdo (ou seja, celulares que faziam os primeiros uploads de novos conteúdos ou os importavam de outras plataformas) para grandes grupos públicos interconectados entre si por alguns usuários chave (ou gatekeepers). Em algum ponto ao longo dessa trajetória, o repasse dos conteúdos atravessava um limiar de comportamento não-linear, viralizando para a extensa periferia da rede, composta por WhatsApps pessoais e ‘grupos de família’. (CESARINO, 2019, p. 549).

Um dos grandes feitos das mídias digitais, que foi bastante explorado na campanha de Bolsonaro, é conseguir propiciar de forma paradoxal a sensação de ausência de mediação entre o líder e o povo. Há a perspectiva de uma horizontalidade, que em um momento de desconfiança no establishment e descrença nos partidos políticos, produz a sensação de independência do cidadão de poder comunicar, habitar e se formar no espaço digital de forma autônoma. Evidente que isso é apenas uma ilusão e o tema já foi discutido em profundidade por diversas pesquisas, com destaque para Shoshana Zuboff em “A Era do Capitalismo de Vigilância” (2021). Enfim, o que nos interessa aqui é perceber como o cenário de despolitização que se solidificou em 2013, associado à tríade pós-política<>ultrapolítica<>ufanismo junto ao avanço de uma onda conservadora, demandou uma liderança diferente de tudo que está aí, ou seja, que fosse capaz de ser anti-establishment e anti-esquerda, conservador nos costumes e liberal na economia – ou

entreguista. Bolsonaro se mostrou essa figura caleidoscópica, composto por múltiplas facetas “não necessariamente coerentes entre si”, mas que podiam “realizar conexões parciais com interesses, medos e outros afetos de segmentos eleitorais específicos” (CESARINO, 2019, p. 549-550).

Se a semente da desconfiança na política foi plantada nas Jornadas de 2013, com a Operação Lava Jato ela ganhou corpo. Iniciada em março de 2014, a operação foi deflagrada pelo Ministério Público Federal e investigava o “uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas” (KERCHE, 2018, p. 256), chegando à Petrobras, empreiteiras e partidos políticos. Uma das maiores investigações brasileiras, a Lava Jato chegou a “1.434 procedimentos instaurados, 730 buscas e apreensões, 197 prisões preventivas, 103 prisões temporárias, seis prisões em flagrante, 71 acordos de colaboração premiada e nove acordos de leniência com empresas” (*Ibid.*). A força-tarefa, ligada à 13ª Vara da Justiça Federal em Curitiba, contava com Deltan Dallagnol, um dos procuradores, e Sérgio Moro, então juiz que julgava o caso em primeira instância, dois nomes que obtiveram destaque ao longo da operação. Nos interessa aqui pensar o discurso da Lava Jato e as suas consequências no senso comum, a partir da hipótese de que a operação e seus agentes, principalmente o ex-juiz Moro, simbolizam “a emergência de uma modalidade específica de negação no Brasil contemporâneo”, a negação da política, que se articula a partir do discurso da transparência (PEREIRA e SILVA, 2022, p. 137).

Para compreendermos como a Lava Jato e a sua negação da política abriram espaço para a emergência do bolsonarismo, cabe o aprofundamento na atuação de Moro e da operação, que influenciaram o imaginário popular. Segundo Pereira e Silva (2022), o programa jurídico político do ex-juiz era composto por três passos: 1) definição de uma agenda nacional para os anos seguintes: o ativismo judicial da Lava Jato serviria para o enfrentamento da corrupção, um fenômeno estrutural da política brasileira; 2) Lava Jato como movimento político social, que dá voz aos cidadãos indignados com a corrupção, cabendo a certos heróis do judiciário a mobilização da sociedade; 3) super autonomia das instituições judiciais envolvidas na operação: agir politicamente de maneira protegida, levando em conta a opinião pública, quando de seu interesse, e se fechando a críticas e interferências externas. Moro e seus asseclas surfaram na indignação popular frente aos casos de corrupção utilizando do discurso da transparência para atuarem de acordo com seus interesses políticos, protegendo-se no discurso tecnocrata, característico da pós-política, que refuta “posições ideológicas” e subordina o fazer político a

uma suposta imparcialidade atribuída aos especialistas esclarecidos (FERNANDES, 2019, p. 217).

Na agenda política da Lava Jato, encabeçada por Moro e revestida por um verniz técnico, a narrativa negacionista da política entre 2014 e 2020 compôs-se de uma força despolitizada e moralizadora (MOURA e CORBELLINI, 2019, p. 136). Moura e Corbellini (2019) compreenderam essa agenda, convertida em movimento político, como o “partido da Lava Jato”, composto principalmente por um eleitorado urbano exposto às denúncias de corrupção e que experimentou a decadência dos serviços públicos e o crescimento da violência urbana, aglutinando os perfis anti-*establishment*. Ao alimentar o antipetismo em um cenário de desestruturação do sistema político tradicional, antes ancorado na polarização PT *versus* PSDB, a agenda política da Lava Jato criou as condições necessárias para a emergência do discurso bolsonarista, que mobilizou a corrupção como um de seus motes e pôde sair da margem saudosista ditatorial para o centro, enquanto possibilidade política para combater de vez a corrupção. Bolsonaro, aquele “diferente de tudo que está aí”, incorporou a narrativa lavajatista ao seu plano de governo e declarou publicamente, durante as eleições, o desejo de nomear Moro ao STF ou ao Ministério da Justiça. Em 1º de novembro de 2018, Bolsonaro, já eleito presidente, convidou oficialmente o ex-juiz para o Ministério da Justiça e Segurança Pública: “Sua agenda anti-corrupção, anti-crime organizado, bem como respeito à Constituição e às leis será o nosso norte!”¹⁴. Dias após o convite, Moro declarou que não se via ingressando na política como um “político verdadeiro”, pois seu cargo seria predominantemente técnico.

Assim, com Junho de 2013 e a Lava Jato, percebemos um recrudescimento da antipolítica e pós-política, promovendo uma desconfiança generalizada no sistema político, englobando partidos, lideranças e a própria dinâmica da liberal democracia. Bolsonaro emerge nesse contexto como o nome que poderia mudar efetivamente os rumos do país, com seu discurso autoritário e ufanista e um comportamento contrário ao de políticos tradicionais. O candidato atendeu às demandas de mudança que vinham da população, expostas às denúncias de corrupção, piora dos serviços públicos e aumento da violência, além de atender ao capital, com uma agenda voltada ao desmonte do Estado, por meio de reformas, privatizações e

¹⁴ JAIR M. BOLSONARO. “O juiz federal Sérgio Moro aceitou nosso convite para o Ministério da Justiça e Segurança Pública. Sua agenda anti-corrupção, anti-crime organizado, bem como respeito à Constituição e às leis será o nosso norte!”. Twitter, 1 de novembro de 2018. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1058002067707609089?s=20&t=ztpV1WsOb7R0DaqCHfBukQ>. Acesso em 5 jan. 2023.

enxugamento da máquina pública que modificariam esse Estado naturalmente corrompido e corruptor (OLIVEIRA, 2018).

1.3 A eclosão da militância de direita nas ruas e nas redes

“(…) Sou de direita mesmo e não tenho vergonha de dizer isso.” (Bolsonaro, 2014).

Figura 6: “Lanche presidencial com o @choque_bpchq . Estar perto, tratar bem e ouvir faz parte de quem deseja o bem de seu time! É uma satisfação, Guerreiros!”



Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018)¹⁵.

Articulada para controlar e dispersar multidões, além de atuar na reintegração de posse de imóveis, a polícia de choque ou tropa de choque também atua na escolta de dignitários, ou seja, da pessoa que ocupa cargo elevado. Cerca de treze agentes do Batalhão de Polícia de Choque do Rio de Janeiro foram designados para escoltar o então eleito presidente Jair Bolsonaro, no dia 30 de outubro de 2018, dois dias após o segundo turno das eleições, em uma visita à igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ligada ao pastor Silas Malafaia, no bairro da Penha, no Rio de Janeiro¹⁶. O presidente discursou por alguns minutos no local e retornou à sua casa, onde realizou um lanche com os agentes. O momento foi registrado e publicado em seu perfil no Instagram, contando com mais de 1,2 milhão de curtidas e cerca de 28 mil comentários. Na foto, Bolsonaro aparece ao centro, sentado atrás de uma mesa redonda, que conta com garrafas de café, sucos e queijos, rodeado por agentes do choque. Todos sorriem em

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpkslRygPCD/>. Acesso em 22 dez. 2022.

¹⁶ GIMENES, Henrique. Bolsonaro agradece a Deus na igreja de Silas Malafaia. Pleno News, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://pleno.news/brasil/eleicoes-2018/bolsonaro-agradece-a-deus-na-igreja-de-silas-malafaia.html>>. Acesso em 5 jan. 2023

direção à câmera, de forma descontraída. Na legenda, Bolsonaro ressalta que é importante “estar perto, tratar bem e ouvir” quem deseja o bem de seu time, afirmando que era “uma satisfação” estar com os agentes, chamados de “guerreiros” pelo presidente. Os agentes militares formaram uma base de apoio importante para a eleição de Bolsonaro: segundo pesquisa do Instituto Atlas, 71% dos policiais militares votaram no candidato do PSL em 2018¹⁷. Com promessas voltadas para o grupo, aparentando apoio às causas dos policiais militares, Bolsonaro atendeu às demandas de olhar com maior atenção para as “estruturas policiais, que até hoje carecem de modernização e regulamentação do seu arcabouço constitucional” (CARVALHO e LIMA, 2020). Os agentes são uma parcela importante do eleitorado de direita, identidade política que emergiu com mais força desde 2013.

As memórias da ditadura, com seus atos repressivos, torturas, mortes e perseguições, pairou no ar como uma névoa, afastando os atores políticos da redemocratização de assumir uma identidade de direita, fenômeno conhecido como “direita envergonhada”, aquela que teme dizer o seu nome. Power e Zucco Jr. (2009) e Zucco Jr. (2011) avaliaram dados de quase mil questionários aplicados no Congresso Nacional entre 1990 e 2009 e traçaram a posição ideológica dos parlamentares, identificando que

88% dos parlamentares se posicionam à esquerda da reputação de seu partido (...) enquanto apenas 13,5% dos parlamentares se colocam à direita de onde colocam seus próprios partidos, 25,5% se colocam mais à esquerda” (Zucco Jr., 2011, p. 43-44). Logo, não se vincular ao rótulo “direita” parecia ser um aspecto fundamental para os parlamentares. (POWER e ZUCCO JR, 2009; ZUCCO JR, 2011 *apud* QUADROS e MADEIRA, 2018, p. 487)

O cenário mudou. Desde 2013 temos presenciado a emergência de uma direita desenvergonhada, organizando-se como militância, ocupando as ruas, convocando atos, elegendo candidatos e afirmando abertamente a identidade de direita. Junho de 2013 veio como uma tentativa de retomar o espaço público no aqui e agora, “num movimento de ocupação do espaço da política, o que acabou revelando, como sabemos, sua faceta conservadora e golpista, pedidos por ruptura institucional através do golpe militar” (PEREIRA, 2021, p. 21). Quadros e Madeira (2018) examinaram dois dos fenômenos mais evidentes da emergência dessa recente mobilização, a bancada evangélica e a bancada da bala, evidenciando que a reação conservadora está diretamente ligada ao avanço de pautas progressistas que foram introduzidas no Executivo, Legislativo e Judiciário. A inserção e ampliação de debates sobre a sexualidade, feminismos e

¹⁷ CAETANO, Guilherme. O que as polícias acham de Bolsonaro. O GLOBO, 9 de abril de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/o-que-as-policias-acham-de-bolsonaro-1-24962414>. Acesso em 5 jan. 2023.

racismos na esfera pública, vista pela ótica do conservadorismo de forma negativa, teria sido o impulsionador da reação dessa direita (HIRSCHMAN, 1992 *apud* QUADROS e MADEIRA, 2018), que foi compelida a defender bandeiras que “até pouco tempo não eram questionadas politicamente de forma tão sistemática, como a definição tradicional de família” (QUADROS e MADEIRA, 2018, p. 493). Desde 2011, a bancada evangélica já se mobilizava a partir de interesses ligados à moral e costumes, focando na proibição do aborto e na união civil entre homossexuais, com destaque para a polêmica em torno do “Kit Gay”¹⁸. Membros da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) protocolaram um requerimento para avaliar o material e repercutiram o tópico na imprensa e no Congresso, promovendo uma campanha contra o kit e mobilizando suas bases, com destaque para a “Marcha de Jesus”, em 2011, na qual manifestantes realizaram um abaixo-assinado contra o kit e contra o Projeto de Lei nº 122/06, que pretendia equiparar a discriminação contra homossexuais ao crime racismo¹⁹. Assim, além de agir na pauta de costumes, a bancada ainda buscava “suprir as necessidades operacionais das igrejas, cabendo citar os pleitos pelas concessões para emissoras de comunicação (...) e os projetos que permitem isenções fiscais para movimentações financeiras das instituições religiosas e de seus líderes” (QUADROS e MADEIRA, 2018, p. 494-495).

Já a chamada “bancada da bala” emerge como um viés laico do atual conservadorismo brasileiro, pautando a segurança pública e sendo composta por parlamentares que visam o endurecimento da lei penal e a repressão à criminalidade. Há presença notória de policiais e militares que se converteram a deputados, buscando uma defesa maior de suas bandeiras e frear as pautas progressistas, especialmente as ligadas à preservação dos direitos humanos. Segundo Quadros e Madeira (2018), em 2015 cerca de 17 projetos de lei ou emendas constitucionais foram protocolados por membros da bancada com o intuito de reduzir a maioria penal (de 18 para 16 anos) e visando ao endurecimento de medidas de restrição de liberdade para adolescentes infratores. Recordemos aqui o episódio já citado neste texto entre Jair Bolsonaro e Maria do Rosário, que se deu justamente em torno da discussão sobre a redução da maioria penal. O deputado era um dos nomes mais proeminentes da bancada, com defesa transparente do endurecimento de leis e apreço claro do militarismo descendente da ditadura. Concordamos

¹⁸ Em 2004, o governo federal lançou o programa “Brasil sem Homofobia”, com o objetivo de combater a violência e o preconceito contra a população LGBTQIA+. Em 2011, setores conservadores mobilizaram-se contra o material, denominando-o de “kit gay”, afirmando que ele estimulava o “homossexualismo” e a promiscuidade. O projeto foi suspenso pelo governo federal, que cedeu à pressão.

¹⁹ CARAZZAI, Estelita Hass. Evangélicos protestam contra “kit gay” e criminalização da homofobia. Folha de São Paulo, 21 de maio de 2011. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/05/919073-evangelicos-protestam-contra-kit-gay-e-criminalizacao-da-homofobia.shtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

com a hipótese de Quadros e Madeira (2018) que a reivindicação da identidade de direita, antes tímida e velada, se deu justamente nos grupos envolvidos com questões morais e apelos de repressão à criminalidade, atuando de forma reativa aos avanços considerados intoleráveis de pautas progressistas e maior presença no debate público de minorias.

Gostaríamos de evidenciar agora a movimentação de Bolsonaro entre a bancada da bala e a bancada evangélica, relação também percebida pela jornalista Carol Pires no podcast Retrato Narrado (2020), que destaca o ano de 2014 como o mais importante nesse contexto. Em fevereiro daquele ano a Rede Globo transmitiu o primeiro beijo gay em uma novela e no dia seguinte Bolsonaro atacou a emissora, sendo convidado a opinar sobre a morte de homossexuais no SuperPop, de Luciana Gimenez. Ainda em 2014, Bolsonaro tentou se eleger para a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e contando com o apoio dos evangélicos foi cotado como nome possível para substituir o pastor Marco Feliciano²⁰: “Tenho conversado com os evangélicos para votarem, e vários deles vão votar em mim” (BOLSONARO, 2014). E assim, Bolsonaro começou a trilhar o seu caminho dentre pastores e artistas evangélicos ligados à bancada religiosa, que já eram bastante organizados em suas estruturas de comunicação alternativas, rejeitando as mídias tradicionais liberais, como bem apontaram João Guilherme Bastos dos Santos e Alessandra Aldé em entrevista a Carol Pires (2020)²¹. A jornalista recupera uma declaração da atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, na Conferência da Ação Política Conservadora (CPAC), ocorrida em outubro de 2019, em que ela elenca Bolsonaro como parte de um exército silencioso de conservadores. A pastora destaca a figura de Bolsonaro em mobilizações do grupo contra projetos progressistas, apontando que o deputado era o único parlamentar com quem se podia contar, a voz solitária do Congresso. Uma das grandes movimentações de Bolsonaro junto à bancada evangélica foi justamente contra o “Kit Gay”, mencionado anteriormente, que esteve presente, inclusive, nas eleições de 2018, quando o então candidato mencionou o material em entrevista no Jornal Nacional.

Em março de 2016, Bolsonaro se filiou ao Partido Social Cristão, então presidido pelo pastor Everaldo Dias Pereira, líder da Assembleia de Deus. Naquele ano, Everaldo batizou Bolsonaro de forma simbólica – ele é católico – no rio Jordão, em Israel. A aproximação do

²⁰ NÉRI, Felipe. Bolsonaro lança candidatura avulsa para Comissão de Direitos Humanos. G1, 22 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/bolsonaro-lanca-candidatura-avulsa-para-comissao-de-direitos-humanos.html>. Acesso em 5 jan. 2023.

²¹ Retrato Narrado - 4. A construção do mito. Carol Pires: Rádio Novelo, out. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2JrxUgnONvqS25yFbvjeVT?si=0373c39d0fae4b44>. Acesso em 5 jan. 2023.

então deputado com os evangélicos e a simbologia do episódio de batismo são importantes de serem observados a partir de alguns dados sobre a dinâmica da religião no Brasil: a pesquisa Datafolha de dezembro de 2016²² mostrava que “três em cada dez (29%) brasileiros com 16 anos ou mais atualmente são evangélicos”, com forte presença de evangélicos pentecostais (22%) “frequentadores de igrejas como Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus, Congregação Cristã e Quadrangular do Reino de Deus”. Em 2020, o Brasil já contava com 31% de evangélicos²³, evidenciando um aumento desse grupo religioso, principalmente a partir de suas vertentes pentecostais. As ligações de Bolsonaro com o público evangélico se tornam ainda mais profundas ao longo do tempo: a atual esposa de Bolsonaro, Michelle Bolsonaro, é evangélica e frequenta templos, por vezes acompanhada do marido, e a cerimônia de casamento de Michelle e Bolsonaro, ocorrida em março de 2013, foi celebrada pelo pastor Silas Malafaia. É evidente que o então deputado soube navegar e tecer relações com a bancada evangélica e seu eleitorado, costurando bem a pauta de costumes e a agenda conservadora às suas posições polêmicas já conhecidas. Para as eleições de 2022, há dúvidas sobre a manutenção do voto evangélico em Bolsonaro, mas ao que indicam as pesquisas, o segmento religioso continuará aliado ao presidente²⁴.

As eleições de 2018 possibilitaram o desembocar de uma gama de insatisfações e posicionamentos de certas parcelas da população brasileira. Antes da vitória de Jair Bolsonaro, o país enfrentava uma tempestade perfeita para a emergência dessa figura de extrema-direita devido a quatro crises simultâneas: “uma crise econômica causada por uma recessão prolongada, uma crise política de crescente polarização e queda da confiança nos partidos estabelecidos, uma crise de corrupção trazida à tona pela Lava Jato e a deterioração da segurança pública”. (HUNTER e POWER, 2019, p. 70, tradução nossa). Esse aglomerado de crises abriu espaço para uma militância que não tinha corpo e não ocupava as ruas efetivamente desde o período ditatorial, com a emergência de lideranças, como Olavo de Carvalho²⁵, e

²² DATAFOLHA. Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil – total da amostra. Instituto de Pesquisa Datafolha, 2016. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/12/28/da39a3ee5e6b4b0d3255bfef95601890afd80709.pdf>. Acesso em 5 jan. 2023.

²³ G1. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. G1, 13 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

²⁴ GIELOW, Igor. Pesquisa Datafolha aponta empate de Bolsonaro com Lula no grupo, com vantagem numérica (37% a 34%). Folha de São Paulo, 24 de março de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/datafolha-bolsonaro-ganha-folego-e-marca-26-no-1o-turno-lula-lidera-com-43.shtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

²⁵ “O sistema de crengas Olavo de Carvalho foi apresentado ao grande público nas manifestações de 2015 e 2016 no lema-amuleto ‘Olavo tem razão’”. (ROCHA, 2021, p. 60).

movimentos de direita e liberais, como o Vem Pra Rua e o Movimento Brasil Livre (MBL). As manifestações de 2014 e 2015, hostis ao governo da presidenta Dilma Rousseff e ao PT, com pedidos por impeachment, exaltação da Lava-Jato e ataque à corrupção (MOURA e CORBELLINI, 2019, p. 44), tornaram mais evidentes a existência de uma militância organizada de direita. Nesses atos tornaram-se mais frequentes cartazes e bandeiras com pedidos por intervenção militar, expondo um autoritarismo e conservadorismo de parte desses grupos. Havia, ali, uma direita que não mais temia dizer seu nome, uma direita, de fato, desavergonhada.

Avritzer (2018) aponta 2014 como um ano chave, em que há uma contração no pêndulo da democracia a partir do questionamento do resultado das eleições pelo candidato derrotado Aécio Neves (PSDB). Um ano depois, houve um recrudescimento da Lava-Jato, com lideranças do PT sendo alvos da operação, com as prisões do ex-deputado federal André Vargas e José Vaccari Neto, ex-tesoureiro do PT, além dos ex-ministros José Dirceu e Delcídio Amaral no final de 2015. O antipetismo era cada vez mais alimentado com as denúncias e prisões, mas os efeitos da Lava-Jato estavam para além do PT. Pesquisa do IDEIA Big Data realizada em 2018 questionou aos eleitores qual era o primeiro nome de político(a) corrupto(a) que vinha à cabeça e em 79% das respostas estavam Lula, Aécio Neves e Michel Temer, evidenciando que o PT, PSDB e MDB estavam contaminados no imaginário popular (MOURA e CORBELLINI, 2019, p. 48-49). A pauta da corrupção foi um dos grandes motes das manifestações de 2014 a 2016, ocorreu ali “a introdução de uma chave analítica ‘limpos’ contra ‘impuros’, associada à figura de um combatente desse processo de degradação social, no caso o juiz da 13ª vara da Justiça Federal, Sérgio Moro” (AVRITZER, 2020, p. 26).

Segundo Kalil (2018), o discurso anticorrupção que mobiliza a dualidade limpos e impuros apareceu em 2016 associado ao termo “cidadão de bem”, pontuando que as pessoas de bem são contra a corrupção e os bandidos a favor. O cidadão de bem “refere-se a um conjunto de condutas dos indivíduos na vida privada, a um conjunto de formas específicas de reivindicação política na vida pública e a um conjunto particular de temas e agendas que passaram a ser consideradas como legítimos” (KALIL, 2018, p. 9). Essa definição de cidadão foi bastante mobilizada pelo eleitorado bolsonarista, que se autodefiniu nesses termos, fornecendo à bandeira anticorrupção diferentes significados, como a pauta da agenda de costumes, com a defesa da família, contra a homossexualidade, a vida sexual desregrada e o aborto. Isabela Kalil e outros membros da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo teceram essas hipóteses ao acompanharem diversos grupos e movimentos nas ruas e redes sociais de 2016 a 2018. Um argumento dessa pesquisa muito nos interessa e diz respeito à

extrema direita ter utilizado as manifestações de rua “como uma espécie de ‘laboratório de experimentação’, campo de testes para uma nova forma de comunicação e de fazer política” (KALIL, 2018, p. 6). O estudo destaca os atos ocorrido contra a filósofa Judith Butler, em 2017, em que se nota um repertório imagético e discursivo que reapareceu em 2018, com mobilização de pânico e repulsas contra a ilusória “ideologia de gênero” e o comunismo.

A bandeira polissêmica anticorrupção emergiu então como o núcleo dessa militância que se converteria em eleitorado bolsonarista e a presença nas redes foi um fator determinante para uma maior organização desse grupo. Como já apontado anteriormente, Bolsonaro já tinha certa presença na internet, construída por seus próprios apoiadores que publicavam vídeos e trechos de declarações polêmicas e “mitadas” do candidato. Mas a inserção de Bolsonaro no digital remonta a 2010, quando seu filho, Carlos Bolsonaro, criou um blog com o objetivo de converter a reputação negativa do pai, postando imagens da família e construindo uma imagem positiva do então deputado. Segundo Carlos, a página de Facebook de Bolsonaro foi criada em 2014, a qual ele administrava sozinho, e contava com cerca de 500 mil seguidores. Mas a presença da direita nas redes remonta do começo dos anos 2010, com os blogs de direita, como “O Implicante” (2011) e “Reaçonaria” (2013), sites que se colocavam como oposição à administração petista e que alimentaram o antipetismo digital. Nesses portais, havia veiculação de artigos, vídeos e memes com teor conservador e neles vimos a emergência de Olavo de Carvalho, o guru da nova direita brasileira. O autointitulado filósofo começou na astrologia, foi para o jornalismo e passou, então, a oferecer cursos de filosofia na internet. Dentre esses alunos há Flávio e Eduardo Bolsonaro, a deputada Joice Hasselmann, o blogueiro Filipe Moura Brasil, os ex-ministros Ricardo Velez e Abraham Weintraub e o ex-chanceler Ernesto Araújo. Castro (2021) afirma que sem a ação de Olavo, “a ascensão da direita não teria encontrado a linguagem que hoje a irmana, tampouco teria desenvolvido uma visão de mundo própria”. A presença dessa nova direita nas redes sociais, que se iniciou como uma certa forma de resistência à imprensa e aos blogs progressistas, que não ofereciam espaço ao pensamento conservador, tem laços estreitos com think tanks de direita de viés libertário, como o Instituto Mises, Instituto Liberal e Instituto Millenium, além de personalidades ultraliberais ou abertamente de direita, como Olavo de Carvalho, Luiz Felipe Pondé, Rodrigo Constantino e Paulo Guedes. (FERES JÚNIOR e GAGLIARDI, 2019, p. 110).

A estratégia de Bolsonaro nas redes sociais valeu-se de uma equipe de jovens que Carlos Bolsonaro conheceu no Facebook, como Tércio Arnaud Tomaz, que era administrador da página “Bolsonaro Opressor 2.0” e José Mateus Gomes, da página “Bolsonaro Zuero 3.0”.

Segundo reportagem do O Globo de junho de 2020, antes da campanha eleitoral, em março de 2017, a família Bolsonaro organizou reuniões com criadores de páginas na internet de diversos estados do país com o objetivo de pensar estratégias para as eleições de 2018. Nesse encontro, teriam sido discutidas estratégias de organização de páginas e a criação de grupos no WhatsApp, já com o direcionamento para criação de memes e ataques a adversários. A campanha de Bolsonaro foi marcada por essa movimentação digital, com destaque para ataques à chapa encabeçada pelo PT, composta por Fernando Haddad (PT) e Manuela D'Ávila (PCdoB), como a notícia falsa sobre a entrega, pelo PT, de mamadeiras eróticas a crianças em creches. Após a eleição de Bolsonaro, Tércio Tomaz tornou-se assessor especial da Presidência da República e seu nome ganhou notoriedade após ser apontado como o líder do “gabinete do ódio”, um grupo dentro do Palácio do Planalto que tinha a função de disseminar mensagens difamatórias contra adversário de Bolsonaro²⁶. O tal gabinete ficou conhecido após o Facebook retirar do ar páginas ligadas a Bolsonaro que estavam espalhando *fake news*. A militância de direita que se organizou nas ruas passou, então, a habitar as redes:

(...) um exército de jovens tinha criado pra ele uma fábrica de memes gratuita, um autointitulado filósofo dava um verniz intelectual para a opinião de quem se sentia ignorado pelo debate público, os evangélicos emprestavam sua rede de contatos, novos sites tiravam as ideias de direita do armário e jovens enérgicos convocavam manifestações de rua contra a classe política tradicional. (PIRES, 2020)²⁷.

²⁶ GRAGNANI, Juliana. Quem é Tercio Arnaud Tomaz, elo mais forte entre Bolsonaro e rede de páginas derrubadas pelo Facebook sob acusação de espalharem notícias falsas. **O GLOBO**, 9 de junho de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/quem-tercio-arnaud-tomaz-elo-mais-forte-entre-bolsonaro-rede-de-paginas-derrubadas-pelo-facebook-sob-acusacao-de-espalharem-noticias-falsas-24523803>. Acesso em 5 jan. 2023.

²⁷ Retrato Narrado - 4. A construção do mito. Carol Pires: Rádio Novelo, out. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2JrxUgnONvqS25yFbvjeVT?si=0373c39d0fae4b44>. Acesso em: 5 jan. 2023. 54 min.

Capítulo 2: A produção do “pequeno grande homem”

Após percorrer os contextos de emergência do bolsonarismo, algumas perguntas permaneceram em aberto. O que difere Bolsonaro de outros políticos de direita e figuras reacionárias? Quais as características do bolsonarismo enquanto movimento e identidade política? Como a presença de Bolsonaro nas redes influenciou a disseminação do seu discurso e a sua vitória eleitoral? São questionamentos amplos e que demandam respostas bastante complexas, mas que tentamos encontrar pistas para chegarmos até elas. Para isso, acreditamos ser necessário compreender como o bolsonarismo é composto: quais são as suas bandeiras e o que atravessa a subjetividade do seguidor de Bolsonaro (fragilidades, ressentimentos, anseios). Acreditamos que a estética aglutinada na foto do “pão com leite condensado” nos fornece alguns caminhos quando analisada a partir da lente do “pequeno grande homem”. A mescla do discurso autoritário com a simplicidade e a autenticidade de um homem comum nos moveu ainda mais longe, fazendo com que buscássemos as origens de Bolsonaro. Desde a sua juventude no Vale do Ribeira até a sua entrada na vida política, uma gama de experiências influenciou os posicionamentos e discursos do então candidato.

Há uma continuidade curiosa nas bandeiras de Bolsonaro ao longo de sua vida, com destaque para a defesa da ditadura, mencionada de forma nostálgica e elogiosa diversas vezes, e as críticas à preservação de áreas habitadas por comunidades originárias, como quilombos. Ao longo do tempo, pautas ligadas aos evangélicos, com destaque para bandeiras dos valores e costumes, foram acrescentadas à identidade política de Bolsonaro, ampliando ainda mais o seu eleitorado. Neste capítulo, buscamos perceber como a vida em Eldorado e a entrada no Exército moldaram grande parte das crenças do atual presidente da república, culminando em sua vitória. Finalizamos a partir da análise do atentado à faca, ocorrido em 6 de setembro de 2018, em Juiz de Fora, que afastou Bolsonaro das ruas e evidenciou a sua grandiosidade no ambiente digital. Com o seu corpo físico ausente, o seu corpo online sobressai, composto por milhares de apoiadores, com seus cliques e compartilhamentos. A atualização do “pequeno grande homem” de Adorno atinge o seu ápice no episódio da facada, com um aumento considerável da presença de Bolsonaro nas redes. A exibição de seu corpo debilitado, promovendo uma relação de empatia com os seguidores e até mesmo com os adversários eleitorais²⁸, instigou os seus apoiadores a se engajarem ainda mais nas redes sociais. Considerado perseguido e atacado por

²⁸ G1. Em programa eleitoral, Alckmin lembra atentado contra Bolsonaro e diz que diferença partidária se resolve com política. G1, 8 de setembro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/08/em-programa-eleitoral-alckmin-lembra-atentado-contra-bolsonaro-e-diz-diferencas-partidarias-se-resolvem-com-politica.ghtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

todos, Bolsonaro conseguiu promover a relação arcaica que já apontamos anteriormente, de ser o pai autoritário, mas, ao mesmo tempo, de parecer mais um na multidão, um homem simples e comum, que apenas fala o que muitos não têm coragem de dizer.

2.1 Caracterização do bolsonarismo

Figura 7: “Boa sexta-feira a todos! 🍷🍷”



Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018)²⁹.

Na noite do dia 27 de outubro de 2018, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais, foi ao ar no Jornal Nacional uma reportagem sobre a última semana de campanha dos candidatos³⁰. O quadro com Jair Bolsonaro, com duração de 11 minutos e 26 segundos, ficou sob a responsabilidade do repórter Paulo Renato Soares, que acompanhou o candidato. Paulo esteve na casa de Bolsonaro em um sábado, pela manhã, sendo recebido com uma mesa modesta: café, pão francês, requeijão. Ao recebê-lo, o candidato anuncia que está fazendo café e diz à equipe do jornal: “oh, fica a vontade aí, pessoal, faz de conta que não tem ninguém aqui não”, senta-se à mesa, parte um pão ao meio e, por cima dele, espreme uma caixa de leite condensado, espalhando o doce por toda a metade do pão. Cerca de uma semana antes, no dia 19 de outubro, o pão com leite condensado já havia se tornado assunto devido a uma foto

²⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/BpHLNk_nZtV/. Acesso em 22 dez. 2022.

³⁰ JORNAL NACIONAL. Na última semana de campanha, Bolsonaro se dividiu entre encontros e gravações. GloboPlay, 27 out 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7120008/>. Acesso em 5 jan. 2023.

publicada no perfil do Instagram de Bolsonaro. Nela, o candidato está sentado à mesa, vestindo shorts e uma blusa do Palmeiras, servindo café em um copo de vidro. À sua frente, vemos o seu celular ligado ao carregador, posicionado em meio às metades de um pão de sal, que tem ao seu lado uma lata de leite condensado com uma colher dentro. Há facas e outros talheres espalhados pela mesa, assim como farelos de pão e gotas de leite condensado. Também chama a atenção um queijo com uma faca espetada em seu centro. Na legenda, o candidato deseja uma “Boa sexta-feira a todos! ☐☐”. No dia da captura de tela da imagem, a publicação contava com quase 2 milhões de curtidas e 63 mil comentários.

O pão com leite condensado tornou-se assunto após a foto de Bolsonaro, inclusive sendo tema de matéria na imprensa: “O ‘pão à Bolsonaro’, com leite condensado, ganha adeptos no Rio: Padeiros e fregueses experimentam hábito inusitado do presidente eleito” (O GLOBO, 2018). Segundo a matéria, a iguaria teria se tornado popular nas padarias cariocas: “(...) Vou colocar à venda um pão com leite condensado na chapa, para gratinar, e batizá-lo com o nome do presidente”, disse ao jornal a dona de uma padaria na Zona Norte do Rio. A peculiaridade da combinação de alimentos, a composição da foto publicada pelo então presidente e a recepção do público respondem à hipótese deste trabalho sobre Bolsonaro corresponder a um “pequeno grande homem” atualizado, por isso pretendemos utilizá-la como ponto de partida para compreendermos melhor o bolsonarismo. Pretendemos discutir três pontos que consideramos de suma importância na compreensão desse movimento e identidade política: a estética das imagens de Jair Bolsonaro publicadas no período eleitoral e analisadas nesta pesquisa, recorrendo à estética camp³¹ e à produção de memes; a participação de Carlos Bolsonaro, o “Zero Dois”, na comunicação do candidato; a questão de gênero, a partir de reflexões sobre o discurso machista e patriarcal de Bolsonaro. Para dar início à discussão, gostaríamos de explorar a categoria “*homo bolsonarus*”, elaborada por Renato Lessa (2020), que consideramos uma boa orientação para identificarmos algumas características do “tipo humano particular que anima o bolsonarismo” (LESSA, 2020, p53).

Lessa buscou definir o bolsonarismo por meio de seus pensamentos e atitudes, percebendo no movimento um “substrato antropológico, ou um modelo de conduta e condição

³¹ Termo cunhado por Susan Sontag no ensaio *Notas sobre Camp* (1964), definindo camp como um fenômeno estético que preza pelo artifício e pelo exagero, como “a sensibilidade da seriedade fracassada, da teatralização da experiência”, rejeitando “tanto as harmonias da seriedade tradicional quanto os riscos da identificação total com estados extremos de sentimento.” (SONTAG, 1964, p. 9).

humanas”. O seu principal objetivo seria “devolver a sociedade ao estado de natureza”, ou seja, retirar da sociedade seus graus de estabilidade, deixando-a mais próxima de um estado de natureza espontâneo, em que instintos e pulsões governam as interações humanas (LESSA, 2020, p. 56). Porém, esse estado de natureza se daria com base nas condições desiguais que acompanha o Brasil desde a sua formação e que tem efeitos ainda nos dias de hoje:

a desigualdade e seu papel fulcral não apenas na partilha de recursos econômicos, mas sobretudo na distribuição do poder político real, no usufruto de direitos e na estratificação de grupos sociais, gêneros e etnias. Com efeito, a ‘distribuição natural do poder’ resulta de longo processo de acumulação primitiva de poder. (LESSA, 2020, p. 56-57).

Essa ideia aproxima-se de certas teorias liberais, como o Objetivismo, de Ayn Rand, que apresenta influências do darwinismo social em suas concepções ao considerar que não cabe ao estado interferir na vida dos indivíduos - por meio de políticas públicas e asseguramento de direitos, por exemplo - restando apenas a alternativa entre viver ou morrer dada pela própria natureza. Nessa visão, cabe ao indivíduo, dotado de suas habilidades, sua moral e sua inteligência, conquistar bens que permitam a sua sobrevivência. (SILVA et al 2021 p103). Há uma impossibilidade prática nessas teorias, tendo em vista que são ignoradas as desigualdades já existentes nas sociedades. No caso do Brasil, ainda lidamos com as consequência de 300 anos de escravização de pessoas negras, do genocídio indígena, da desigualdade sexual e de gênero, da fome e da extrema pobreza. Assegurar uma desigualdade tida como “natural” seria apenas prolongar os efeitos da desigualdade artificial já existente.

Prosseguindo no *homo bolsonarus*, Lessa argumenta que faltava aos “homens perigosos e violentos” que andam no meio de nós um ponto de coagulação, “capaz de garantir (...) a continuidade de práticas tradicionais (...) e a inscrição das energias espontâneas em um projeto político”. O chefe exerceria uma função primordial nesse contexto e Lessa recorre a Thomas Hobbes, apontando que os representantes que instituem os representados (LESSA, 2021, p. 61). Nesse sentido, Jair Bolsonaro, alinhado às emergentes forças conservadoras que tomaram as ruas e as redes desde 2013, dá vazão aos ressentimentos e aos desejos que estavam subsumidos nos últimos anos democráticos, aglutinando-os em um movimento e em um identidade política: o bolsonarismo. Por fim, Lessa (*Ibid.*, p. 62-64) elenca elementos primordiais do *homo bolsonarus*, que para além da índole libertária já pontuada anteriormente, ainda incluem: 1) *Primado da ação direta e da intimidação*: faz da palavra um preâmbulo da ação, a palavra não é convite à pausa, ao pensamento e à internalização da experiência, mas vocalização de uma vontade de agir; 2) *Horror à mediação*: avesso às neutralizações e ao estado de Direito,

defendendo uma teoria da democracia concentrada na pessoa do chefe, cuja soberania deve ser indisputada; 3) *Horror à abstração*: fundamentalista do caso concreto, que tem dificuldade em compreender como instituições desprovidas de poder material - cortes constitucionais, por exemplo - podem sobrepor-se a mandatários populares e à força das armas; 4) *Impermeabilidade à experiência*: apaga as fronteiras entre as convicções privadas e a forma de agir no mundo público.

Nesta pesquisa nos interessamos particularmente pelo elemento do horror à mediação, percebendo as plataformas digitais como um espaço que propicia a sensação - ainda que artificial³² - de ausência de intermediários, como se o líder e o povo se comunicassem de forma direta, modulando um certo “populismo digital”. Em diversas situações, Bolsonaro se mostrou avesso à mediação, principalmente em relação à imprensa, com ataques recorrentes aos veículos de comunicação e a jornalistas. Em uma análise elaborada pelo jornal Folha de São Paulo³³, o então candidato atacou a imprensa dez vezes por semana no mês de outubro de 2018, reta final da campanha, contabilizando cerca de 129 ataques desde o início do ano, com acusações de falsidade e partidarismo, além de estimular o descrédito aos veículos de comunicação e a jornalistas. Era evidente a preferência do então candidato às redes sociais, um local seguro para que ele e seus apoiadores se expressassem sem mediação. Enquanto Bolsonaro se ausentou de debates presidenciais sob justificativa médica após o atentado à faca, as transmissões ao vivo no Facebook e YouTube eram constantes, discutindo diversos temas, atacando adversários e lançando suspeitas sobre a segurança do processo eleitoral e das urnas eletrônicas. Uma das transmissões ocorreu durante o debate do dia 4 de outubro na TV Globo, no qual Bolsonaro estava ausente, e a intenção era clara: competir com o debate, apresentando suas propostas de governo, segundo afirmou um assessor de campanha³⁴. A transmissão contabiliza 356.712

³² Diversos são os estudos evidenciando que a arquitetura das redes sociais atende a interesses particulares de empresas privadas e agentes políticos, rebatendo a narrativa de que não há mediação no digital, um ambiente considerado de alta liberdade. Shoshana Zuboff (2019) demarcou o ponto ao apontar que as plataformas seguem a lógica do capitalismo de vigilância, por meio dos mercados futuros comportamentais, em que dados de usuários são negociados sem autorização, para empresas produzirem bens e serviços, promovendo modificações de comportamentos. Bruno, Bentes e Faltay (2019), no artigo “Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento”, ressaltaram que os dados pessoais e suas informações psíquicas e emocionais são a principal moeda do modelo de negócios, do consumo ao voto (p. 5).

³³ Ricardo Balthazar. Ataques de Bolsonaro à imprensa chegaram a dez por semana no fim da campanha. Folha de São Paulo, 3 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/ataques-de-bolsonaro-a-imprensa-chegaram-a-dez-por-semana-no-fim-da-campanha.shtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

³⁴ ESTADÃO CONTEÚDO. Bolsonaro fará 'live' no Facebook no horário de debate para discutir propostas. Estado de Minas, 3 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/03/interna_politica,993895/bolsonaro-fara-live-no-facebook-no-horario-de-debate-para-discutir-p.shtml. Acesso em 5 jan. 2023.

visualizações no canal do YouTube de Bolsonaro³⁵ e contou com a participação dos pastores Claudio Duarte e Silas Malafaia, além de Flávio Bolsonaro, então candidato ao Senado.

Compreendemos que as publicações de Jair Bolsonaro em seus perfis nas redes sociais se aproveitaram dessa ausência artificial de mediação, produzindo, ainda que de forma ilusória, uma comunicação direta com os seguidores. As fotos analisadas ao longo desta pesquisa demonstraram como o então candidato buscou fortalecer esse meio de comunicação, exibindo seu cotidiano “sem filtros” e de forma autêntica. A última live antes do segundo turno foi realizada no dia 27 de outubro de 2018, contando com a participação de Hélio Lopes, então candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro. A transmissão no YouTube conta com mais de 212 mil visualizações³⁶ e no Facebook chega a 3,4 milhões³⁷. Em seu perfil no Instagram, Bolsonaro publicou uma imagem do momento da live convidando seus seguidores a acompanharem a transmissão: “Para ter acesso à nossa última live antes do Segundo Turno, acesse nossa Bio ou nosso canal no Youtube.”, apresentando mais de 561 mil curtidas e cerca de 9,6 mil comentários.

Figura 8: “Para ter acesso à nossa última live antes do Segundo Turno, acesse nossa Bio ou nosso canal no Youtube.”



³⁵ JAIR BOLSONARO. LIVE COM BOLSONARO (04/10/2018). YouTube, 4 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wqjiPtshOzs&ab_channel=JairBolsonaro. Acesso em 5 jan. 2023.

³⁶ JAIR BOLSONARO. Bolsonaro: última live antes do segundo turno.. YouTube, 27 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2py6E3U2wCc&ab_channel=JairBolsonaro. Acesso em 5 jan. 2023.

³⁷ JAIR MESSIAS BOLSONARO. Última live pé-segundo turno - O futuro está nas mãos dos brasileiros. (Parte 1). Facebook, 27 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/476767362817778>. Acesso em 5 jan. 2023.

Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018)³⁸.

Na foto (figura 8), Bolsonaro aparece sentado ao lado de Hélio Lopes, também conhecido como Hélio “Negão” ou Hélio Bolsonaro. Hélio é subtenente do Exército e foi o deputado federal mais votado no Rio de Janeiro em 2018, com mais de 345 mil votos, aparecendo constantemente ao lado de Bolsonaro em atividades de campanha na tentativa de blindar o presidenciável de acusações de racismo³⁹. O cenário da transmissão é bastante característico e distancia-se da formalidade que uma candidatura à presidência comumente apresenta, gerando no público a sensação de autenticidade e amadorismo. Vejamos: ao fundo da imagem há uma bandeira do Brasil fixada na parede com várias fitas adesivas, abaixo dela, em um móvel, diversos objetos estão dispostos de forma aleatória, como um globo e um Menorá, um candelabro de sete braços símbolo do Judaísmo. A mesa em que Bolsonaro e Hélio se apoiam está coberta por uma toalha estampada com pimentas, há folhas de cadernos espalhados pelo móvel, uma moringa de barro e uma garrafa vermelha, uma raquete elétrica “mata mosquito” e três xícaras, sendo uma delas utilizada como peso de livro. A câmera posiciona-se de forma lateral, capturando boa parte do cenário “simples” e “amador”. Na transmissão do Facebook, até o minuto 1:56, percebemos que o amadorismo se apresenta apenas na composição do cenário, já que é possível notar a presença de um *softbox*, um tripé de iluminação utilizado principalmente em estúdios fotográficos, que custa entre 200 e 500 reais dependendo do modelo. Carlos Bolsonaro, o “Zero Dois”, é quem manuseia a câmera, aparecendo na gravação aos 1 minutos e 49 segundos.

A transmissão de lives foi uma constante no governo Bolsonaro a partir do programa Live da Semana. Moraes e Pinha (2021) analisaram as transmissões ocorridas nos primeiros meses da pandemia de coronavírus, percebendo o discurso atenuador do então presidente, visando minimizar “os efeitos danosos da doença e naturalizar as mortes” (MORAES e PINHA, 2021, p. 743). Nos interessa aqui o formato das lives, destacando seu caráter informal e de diálogo direto de Bolsonaro com os seus seguidores, em um espaço sem mediação da imprensa, considerada inimiga pelo presidente. Nas transmissões, Bolsonaro criou “uma atmosfera de informalidade (...) que lhe permitiria expor sua alegada sinceridade, seus titubeios, erros e emoções” (*Ibid.*, p. 759) direcionados a seu grupo de apoiadores. A clara informalidade é visível

³⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpdNkMLgLWC/>. Acesso em 22 dez. 2022.

³⁹ CARNEIRO, Júlia Dias. Eleições 2018: Deputado federal mais votado no Rio, Hélio Negão desafia quem vê racismo no padrinho Bolsonaro. TERRA, 12 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/eleicoes-2018-deputado-federal-mais-votado-no-rio-helio-negao-desafia-quem-ve-racismo-no-padrinho-bolsonaro,646ae2c220b527dcc75827da3dd433e3g35o4i2c.html>. Acesso em 5 jan. 2023.

na linguagem, no cenário, no figurino do presidente, que chegou a utilizar camisas de times de futebol brasileiros nas transmissões.

Essa estética autêntica, que remete ao simples, mas que também leva ao exagerado, pode ser analisada pela ótica do *camp*, termo cunhado por Susan Sontag no ensaio *Notas sobre camp* (1964). Thiago Soares (2019) pontua que o *camp* emerge observando fenômenos estéticos de gosto duvidoso, que buscam a afetação e o exagero, com excesso de estilização, artificialidade e uma recusa dos clichês. Nos anos 60 e 70, percebemos a presença desse estilo em filmes que pautaram o exagero e o artificial, como *Pink Flamingos* (1972), do diretor John Waters, com a protagonista drag queen Divine, e *The Rocky Horror Picture Show* (1975), dirigido por Jim Sharman. O *camp* foi uma abertura para que o esquisito, o estranho, o *queer* pudesse desabrochar, sendo um fenômeno estético que abriga a comunidade LGBTQIA+, permitindo a subversão e desafiando os padrões estéticos e a moralidade. Como aponta Sontag, o *camp* prioriza o estilo sobre o conteúdo, a estética sobre a moralidade e a ironia sobre a tragédia (1964, p.10), por isso consideramos que é uma lente eficaz para analisarmos a estética da extrema-direita brasileira, destacando principalmente o tosco e o jocoso. Soares (2019) nos guia nesse sentido, afirmando que as imagens amadoras do bolsonarismo perpassam pelo que é ruim, disforme e em desacordo com as normas, colocando em foco uma performance, que no caso do pão com leite condensado, por exemplo, está “menos pelo que se come” e “mais pelo efeito de prazer-e-repulsão de comer”. Sendo o *camp* um destronamento do sério, que ultrapassa a seriedade, um novo modelo emerge: o artificial, a teatralidade.

Na imagem da live com Hélio Lopes, a composição do cenário chama a atenção dos espectadores e diversos comentários mencionam os objetos que aparecem na foto. Na madrugada do dia 28 de outubro, dia seguinte à publicação e com o resultado eleitoral já divulgado, um perfil comentou: “O melhor é o detalhe da Silver tape, colando a bandeira do Brasil!!! □□□ Esse é nosso presidente, gente como a gente □□□□□”. Em outro comentário, realizado no mesmo dia, percebemos a mesma narrativa: “Mano! Um candidato a presidente que tira foto com uma raquete de matar mosquito, uma moringa e uma caneca segurando a página do livro! Já ganhou!”. Um comentário em específico, publicado no dia 31 de outubro, três dias após o segundo turno de 2018, nos chama a atenção: “É lindo ver um sistema derrotado por um cara com uma toalha de pimentinha, gambiarra na luz, uma caneta bic, uma raquete mata-mosquito, uma moringa é uma jarra de 1,99... □□□□□”. A aparência tosca e simplória do cenário da live é percebida pelo perfil como uma posição autêntica, de enfrentamento, tal como o *camp*, frente ao sistema político tradicional e às elites que o compõem. A vitória de Bolsonaro,

como já destacamos outras vezes ao longo deste trabalho, apresentou e representou uma oposição, ainda que puramente estética, ao jogo político da democracia liberal brasileira. Sua ultrapolítica, que administrou o medo e o pânico pela via conservadora autoritária, foi bem trabalhada esteticamente, utilizando a vestimenta do jocoso com um brilho de autenticidade, reconhecimento que emerge dos próprios apoiadores, como identificamos nos comentários.

Outra característica importante dentro dessa articulação estética do bolsonarismo é a produção de memes, que são imagens ou ideias que circularam rapidamente pela internet, de forma viral, e que trabalham com uma alteração humorística ou satírica de uma imagem. Notemos que os conteúdos imagéticos são uma constante ao longo deste trabalho, aparecendo nas fotos selecionadas para a pesquisa e emergindo agora a partir dos memes, sendo também presença forte na campanha de Jair Bolsonaro em 2018. Por que Bolsonaro gosta tanto de imagens? Pollyana Quintella (2020) respondeu a essa pergunta apontando que além das imagens circularem de forma rápida, elas têm um atributo facilitador da compreensão, estabelecendo “confiabilidade e identificação entre o observador e o objeto retratado”, além de cumprirem de forma eficaz certas funções de um líder populista, como a definição, por meio de recursos estéticos, de “quem é o povo” (MELLO, VILLAS BOAS e ITOCAZO, 2021, p. 7). As imagens são ainda formato de destaque nas redes sociais. Algumas plataformas digitais, como o Instagram e o TikTok, que contam com 1,4 bilhões e 1 bilhão de usuários respectivamente, foram criadas para o compartilhamento de conteúdo imagético, tanto no formato de foto quanto no de vídeo. A exposição via imagens apresenta-se então com frequência na atualidade, principalmente devido à disseminação das redes sociais. Fotografamos o nosso cotidiano e publicamos em nossos perfis, compartilhando nossas viagens, encontros, jantares, shows. A fotografia de hoje é tomada pelo seu valor expositivo (HAN, 2012, p.31), confirmando a nossa realidade e experiências a partir dos registros. O real passa a ser aquilo que é passível de ser fotografado (QUINTELLA, 2020).

Dentro desse contexto de exposição da imagem, Bolsonaro emerge com sua comunicação bastante específica, que rompe com os rituais e cerimônias típicos de um candidato à presidência ou um político tradicional. Esse afastamento dos ritos é uma característica típica da Sociedade da Transparência, como apontado por Byung Chul-Han (2012), já que “não podem ser operacionalizados, pois são impeditivos e atrapalham a aceleração da circulação da informação, da comunicação e da produção” (p. 71). Por outro lado, o meme e a imagem jocosa têm mais chances de viralização, produzindo uma nova cultura de participação (QUINTELLA, 2020). As fotos de baixa qualidade de Bolsonaro, que representam o seu cotidiano, constroem

credibilidade e espontaneidade, apresentando-se como livres de manipulações, e prendem a atenção do espectador. A viralização consegue capturar o olhar dos usuários, movimento de suma importância dentro da economia de atenção das plataformas digitais. Assim, Bolsonaro e seus aliados apresentam-se em um constante estado de performance, seduzindo a nossa curiosidade e permanecendo em pauta (QUINTELLA, 2020). Quem compreendeu bem essa dinâmica das redes sociais foi o filho do então candidato, Carlos Bolsonaro, o “Zero Dois”, que é identificado como o comandante da campanha digital do pai. Afinal, o eleitorado de Bolsonaro, segundo pesquisa DataFolha de outubro de 2018, estava muito presente nas redes, cerca de 81%, uma diferença considerável em relação ao adversário Fernando Haddad (PT), que contava com 59% de usuários (CIOCCARI e PERSICHETTI, 2020, p. 36). Ainda que os conteúdos sugiram improvisação e amadorismo, Carlos e a equipe de mídia do candidato mostraram um grande preparo na comunicação da campanha, colocando em dúvida a autenticidade e a simplicidade que constroem as imagens analisadas neste trabalho.

A análise das fotos de Jair Bolsonaro a partir da ótica do Camp e da produção dos memes endossa a nossa hipótese do pequeno grande homem atualizado, considerando que a imagem não é composta apenas pelo visual, mas que há um complexo jogo de relações que definem os seus sentidos na esfera social (RANCIÈRE, 2009 *apud* CIOCCARI e PERSICHETTI, 2020, p. 34). Nessa dinâmica bolsonarista de estetização da política, recorrendo à simplicidade e ao comum, percebemos uma dualidade entre imagem e discurso do então candidato, pensando principalmente a sua postura autoritária. Bolsonaro conseguiu aglutinar uma figura de homem comum, como um “tio do pavê”, que está presente no churrasco de domingo das famílias brasileiras, à imagem de um nostálgico da ditadura, defensor do regime militar e da tortura, que profere discursos violentos contra minorias. Consideramos que um dos pontos-chaves na análise do autoritarismo de Bolsonaro é a questão de gênero, destacando o teor machista e patriarcal de suas falas⁴⁰. São diversos os exemplos de falas do político direcionadas às mulheres de forma violenta e que merecem destaque em nossa análise. Em abril de 2017, durante uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, ao falar de seus filhos, Bolsonaro afirmou que “foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio mulher”. Ao atacar a jornalista Patrícia Campos Mello, que investigou irregularidades em sua campanha eleitoral, Bolsonaro disse a apoiadores no cercadinho em frente ao Palácio da Alvorada que a profissional “queria dar o furo”. Em

⁴⁰ SABÓIA, Gabriel. Relembre declarações com ofensas às mulheres feitas pelo presidente e a família Bolsonaro. O GLOBO, 8 de março de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/relembre-declaracoes-com-ofensas-as-mulheres-feitas-pelo-presidente-a-familia-bolsonaro-25423642>. Acesso em 5 jan. 2023.

2014, ao discutir com Maria do Rosário, no Salão Verde da Câmara, Bolsonaro afirmou que jamais estupraria a deputada porque ela não merecia e proferiu outras ameaças físicas. Em estudos sobre o populismo de direita e o fascismo, notamos que pesquisadores (as) ressaltam o discurso patriarcal e a masculinidade como elementos de manifestação de poder dos líderes autoritários. Ao analisar os populistas de direita mais recentes, Finchelstein (2017) aponta que suas falas expressam o que muitos homens pensam, mas não podem dizer. O povo, para esses líderes populistas, inclui apenas os seus seguidores masculinos e as mulheres são constantemente reduzidas a uma versão estereotipada.

Finchelstein (2017, p. 66) ainda ressalta que “na ideologia fascista, a violência e a agressão eram consideradas as melhores manifestações de poder, encarnadas na ‘raça’ do povo e na masculinidade ‘normal’”. Essa dimensão masculinista do fascismo busca um Estado em que os homens governam e as mulheres ficam reduzidas às funções de gerar e criar filhos. Tal papel feminino endossa a noção de família dentro da ideologia fascista, qual seja, a família patriarcal e heteronormativa. No lema dos integralistas, o projeto fascista brasileiro de 1930, vemos ressoar essas ideias: “Deus, Pátria, Família”, em que a pátria se encontra entre os dois pilares da sociedade almejada pelos integralistas. Importante ressaltar que o mesmo lema é utilizado por Bolsonaro e seus apoiadores, encarnando uma espécie de atualização do movimento fascista brasileiro. No regime autoritário da ditadura civil-militar de 64, um dos movimentos bases foi o da defesa da “Tradição, família e propriedade”, ressaltando a importância da família na lógica de dominação de gênero, sexualidade e classe. Nas ditaduras latino-americanas, notamos a presença da tortura sexual contra mulheres⁴¹, violentadas e estupradas por seus algozes em cárcere, punindo-as “por terem desafiado seu destino ‘natural’ e saído das casas para adentrar a luta política” (DELLA TORRE, 2021, online). Essas conexões com regimes ditatoriais, o Integralismo e a verossimilhança com o discurso fascista⁴² nos auxiliam na reflexão sobre o papel de gênero no autoritarismo de Bolsonaro, considerando aqui a perspectiva da ansiedade sexual produzida pelo fascismo. Jason Stanley (2018) ressalta que a política da ansiedade sexual é especialmente eficaz quando o papel masculino tradicional de “provedor da família” se encontra ameaçado por forças econômicas⁴³. Rosana Pinheiro-

⁴¹ No caso brasileiro, consultar: MERLINO, Tatiana. *Luta, Substantivo Feminino: mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura*. Editora Caros Amigos, 2010.

⁴² O trabalho de Eliana Dutra, “O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos Anos de 1930” (2012), muito nos auxiliou na percepção das diferenças e semelhanças do bolsonarismo com o integralismo. Especialmente no que se refere ao nacionalismo e patriotismo exacerbados, com exaltação da bandeira e de outros símbolos nacionais.

⁴³ Destacamos ainda as análises de Wendy Brown (2019) e Éric Fassin (2019) que tratam dessa mesma temática. Para Brown (2019), o ressentimento se manifesta sobretudo com homens brancos que, até então, se escoravam em

Machado⁴⁴ também discute o tema (2019, online) ao apontar que no trabalho de campo de sua pesquisa, encontrava

o tempo todo homens desorientados, endividados, sem perspectiva de futuro e desesperados para ter um revólver. No plano prático, motoristas de aplicativos diziam querer se armar para se defender do assaltante. No plano simbólico – rodeado de uma narrativa moral acerca de um mundo perdido –, ficava evidente que eles queriam se armar contra uma realidade que liam como desgovernada e, principalmente, que não governavam mais.

Sincronizando as análises de Stanley e Pinheiro-Machado, notamos que a noção de ansiedade sexual é uma chave de análise importante para compreendermos o bolsonarismo e como o discurso patriarcal se apresenta, tendo em vista a crise econômica e social que o Brasil enfrenta pelo menos desde 2013 (AVRITZER, 2018). Percebemos que paira sobre a masculinidade patriarcal um medo embasado na preocupação de perder o papel de protetor e provedor da família, resultando em uma perda de status de seu gênero, que encontra-se cada vez mais equiparado, ainda que fantasiosamente e erroneamente, ao gênero feminino e às minorias sexuais. Importante ainda considerar o apontamento de Rahel Jaeggi (2020) sobre o sexismo e o racismo representarem uma espécie de prêmio de consolação para parte da classe trabalhadora branca e masculina, como uma forma de compensação da violência sofrida por esse grupo no mundo do trabalho (DELLA TORRE, 2021, online). Analisar os papéis de gênero no capitalismo demanda uma perspectiva materialista, considerando a exploração do trabalho reprodutivo, que logrou às mulheres o trabalho doméstico, afetivo e sexual, sendo uma estrutura chave da manutenção da família. Então, a crise econômica e social no capitalismo se transmuta também em uma crise de certo pânico moral sobre o gênero e as sexualidades, já que uma das formas sociais que mantém a exploração de classe é justamente a família, enquanto elemento de perpetuação da desigualdade de gênero (DELLA TORRE, 2021, online). Assim, observamos que em tempos de crise há uma busca por conservar estruturas tradicionais dos papéis de gênero, em que homens são os provedores da família e as mulheres têm seus corpos e sua sexualidade controlados. Notamos então que é entre os homens masculinistas, majoritariamente brancos, que o ódio emerge, distorcendo a fonte da ansiedade:

A política fascista distorce a ansiedade masculina, acentuada pela ansiedade econômica, transformando-a em temor de que sua família esteja sob ameaça

privilégios conferidos pelo racismo e pela misoginia para compensar a diminuição de seus níveis de renda própria ao neoliberalismo. Fassin (2019) aponta para o ressentimento daqueles que, bem sucedidos ou não, remoem o fato de que outros, julgados como inferiores, possam ter melhorado sua situação socioeconômica. (VASCONCELLOS, Caio, 2022, p. 9-10).

⁴⁴ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Pensador da extrema direita, Jack Donovan radicaliza o machismo. The Intercept Brasil, 28 de Maio de 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/27/jack-donovan-machos-em-crise/>. Acesso em 5 jan. 2023.

existencial por parte daqueles que rejeitam sua estrutura e suas tradições. Aqui, novamente, a arma usada na política fascista é uma suposta ameaça potencial de agressão sexual. (STANLEY, 2018, p. 110-111).

Por fim, outro ponto que consideramos importante nesse debate sobre gênero e autoritarismo no discurso bolsonarista refere-se à flexibilização do porte de armas e maior disponibilidade de armas de fogo. Essas foram bandeiras importantes na campanha de Bolsonaro e que se tornaram efetivamente políticas de seu governo, principalmente a partir do Decreto 9.685/2019 que enfraqueceu alguns pontos do Estatuto do Desarmamento (2003). Trazemos esse debate à tona considerando que o Brasil é um país com altíssimos índices de feminicídio e violência doméstica, concordando aqui com a análise de Lucena e Albuquerque (2021) de que com maior “disponibilidade de armas de fogo, pode haver uma transformação e um agravamento no fenômeno da violência contra as mulheres” (p. 91). As autoras utilizam o conceito de “patriarcado armado” e trazem dados relevantes sobre a presença de armamento dentro de casa estar associado a um risco maior de homicídios de mulheres⁴⁵. A utilização de armas de fogo, quando analisada sob a ótica da existência de uma masculinidade hegemônica, demonstra um ethos masculinista do “guerreiro”, dos “homens de verdade” que não têm medo dos outros. Tal fantasia, associada às propagandas do lobby de organizações armamentistas, procuram justificar a necessidade do uso de armas pelos “cidadãos de bem”, “que reivindicam o direito de armar-se para proteger seus bens e sua família: (...) um herói que se sacrifica violentamente para proteger (as suas) mulheres e crianças do inimigo” (LUCENA e ALBUQUERQUE, 2021, p. 86). A reestruturação do patriarcado pelo bolsonarismo encontra-se, portanto, tanto em um saldo psicológico, quando na materialidade, já que as políticas de facilitação à compra de armas de fogo “repõe de forma imediata a autoridade masculina sobre as mulheres, já que essas não são historicamente consumidoras de armas e são as maiores vítimas de violência doméstica” (TORRE, 2021, online).

Assim, percebemos uma repulsa à diversidade e liberdade sexual, encarnadas na política brasileira na “mamadeira de piroca”, no “Kit Gay”, nos debates conservadores sobre o aborto, atrelada aos ataques constantes às mulheres e pessoas LGBTQIA+, e nas políticas de ataque ao Estatuto do Desarmamento. Por outro lado, o afeto positivo, a pulsão de vida, o Eros, é direcionado aos homens, ressaltando um aspecto homoerótico e homoafetivo da massa fascista, respondendo à teoria freudiana de que as massas se organizam em torno da libido, por meio de “gratificações reais ou vicárias que os indivíduos obtêm de sua rendição à massa” (ADORNO,

⁴⁵ Estudo da National Coalition Against Domestic Violence, que apontou que ter uma arma em casa aumenta em pelo menos 500% o risco de feminicídio (LUCENA e ALBUQUERQUE, 2021, p. 87-88).

1975, p. 3). Consideramos que os homens masculinistas do bolsonarismo podem ser analisados pela ótica do ressentimento e do medo: medo de perder seus privilégios e ressentimento por aqueles que são acusados de destroná-lo. Notamos, novamente, como Bolsonaro responde ao pequeno grande-homem em seu discurso patriarcal e violento direcionado às mulheres e às minorias sexuais, pois assume a postura de autoridade e produz, em seus seguidores, a sensação de serem eles mesmos essa autoridade.

2.2 Sem berço de ouro: uma curta biografia do capitão

“Naquela época, existia respeito. Os filhos chamavam o pai de senhor. A gente se borrava de medo, porque todo mundo apanhava em casa. O irmão mais velho, o Guido, era o disciplinador, o capataz. Pegava o fio de ferro e dava lambada nos irmãos. Sem problema nenhum, ninguém sofreu bullying. Minha mãe, basicamente, era aquela chocadeira: um filho atrás do outro. Foram três homens e três mulheres.” (BOLSONARO, 2011).

Consideramos de suma importância conhecer um pouco da história de Bolsonaro para que possamos coletar algumas pistas que nos auxiliem na compreensão dessa figura tão particular da política brasileira. Há continuidades e rupturas bastante marcantes na vida do candidato que o levaram ao lugar que ele está hoje. Além da constituição de sua personalidade, algo que não nos interessa aqui elaborar e que está para além do trabalho da pessoa historiadora, percebemos ligações de Bolsonaro com situações, pessoas e lugares bastante específicos que influenciaram o seu discurso, como o garimpo, quilombos, guerrilha. Apesar de complexo, Bolsonaro também é um sujeito comum, como gostou de ressaltar durante a campanha eleitoral.

Jair Messias Bolsonaro nasceu em Glicério, interior de São Paulo, em uma família numerosa e com poucos recursos financeiros, no dia 21 de março de 1955. Em 1966, a família se mudou para Eldorado, no Vale do Ribeira, local em que Bolsonaro viveu grande parte de sua adolescência, dos 11 aos 18 anos. Na região, em maio de 1970, ocorreu uma operação mal sucedida do Exército na busca por Carlos Lamarca e integrantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), uma das maiores guerrilhas armadas do país durante a ditadura de 64. Lamarca marcou a vida e a memória de Bolsonaro e para entender melhor esse período da vida do presidente, contamos com o trabalho investigativo realizado pela jornalista Carol Pires no podcast Retrato Narrado (2020), uma série sobre a história de Jair Bolsonaro, cobrindo desde a sua infância até os momentos mais recentes, como a presença de seus familiares no governo federal. O podcast faz parte de uma série original do Spotify e da revista Piauí e foi produzido pela Rádio Novelo.

deu ao trabalho do sair de seu gabinete e vir em nossa direção, gritando que ‘Rubens Paiva teve o que mereceu, comunista desgraçado, vagabundo!’. Ao passar por nós, deu uma cusparada no busto. Uma cusparada. (AVELINO, 2018).

Esses episódios são destacados aqui para percebermos como o apreço de Bolsonaro pelo regime ditatorial de 64 e o seu desprezo pela esquerda, representados aqui pelas vítimas da ditadura, estão presentes em sua trajetória há algum tempo, pelo menos desde a sua adolescência, e seguiram sendo alimentados na sua carreira militar.

A trajetória do presidente nas Forças Armadas iniciou-se em 1973, com sua entrada na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx) aos 18 anos, mas que durou pouco, já que ainda naquele ano decidiu prestar o concurso da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), no qual foi aprovado. Segundo Bolsonaro, em seu primeiro ano na AMAN queria pedir desligamento, pois não se adaptou, mas o pai não deixou: “Olhou para minha cara, levantou o braço e disse: ‘Vou te quebrar todinho!’.” (BOLSONARO, 2011). Seguiu na academia e se formou em 1977, integrando, em seguida, a Brigada de Infantaria Paraquedista. Bolsonaro ingressou no exército no contexto da Guerra Fria e de ditaduras na América Latina, o que influenciou a sua formação na academia. Em matéria de 2009 da Folha de São Paulo⁴⁹ consta que de 1974 a 1977, “cerca de 400 cadetes (...) receberam ensinamentos sob a influência do êxito militar” no combate à Guerrilha do Araguaia. Alguns dos instrutores chegaram a participar efetivamente da ação e “eram adorados pelos alunos”. A jornalista Carol Pires entrevistou o tenente-coronel Luiz Fernando Walther de Almeida, colega de turma de Bolsonaro na AMAN, para o podcast “Retrato Narrado” (2020), que confirmou a informação sobre os instrutores ligados à ação no Araguaia, além de acrescentar que a formação naquele momento era dividida em guerra regular e guerrilha (guerra irregular), sendo a primeira concentrada em vencer militarmente o inimigo por meio de ações convencionais enquanto a segunda vai contra as “leis e normas” e subverte práticas de combate. A vitória das Forças Armadas no Araguaia, como aponta Pires, tornou-se referência para o Exército em treinamentos e instruções de combate na selva.

A relação de Bolsonaro com a Guerrilha do Araguaia aparece em outros momentos de sua trajetória, como em 2009, quando era deputado federal e ostentava na porta de seu gabinete um cartaz com os dizeres “Desaparecidos do Araguaia. Quem procura [osso] é [cachorro]”. A

⁴⁹ GOMIDE, Rafael; TORRES, Sergio. Araguaia era referência em aulas do Exército. Folha de São Paulo, 26 de julho de 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2607200906.htm>. Acesso em 5 jan. 2023.

posição de Bolsonaro se dava no contexto da abertura dos arquivos da ditadura e na busca por mortos da guerrilha do Araguaia⁵⁰. Naquele mesmo ano, Bolsonaro já havia se manifestado no plenário da Câmara a respeito das buscas de ossadas de desaparecidos⁵¹:

(...) o Governo está preparando agora uma equipe para ir ao Araguaia, a fim de buscar os ossos dos marginais que combateram os militares (...). Não existem mais ossos (...) E quem morreu em combate e foi enterrado em cova rasa os porcos comeram os ossos. Tenho pena dos porcos, mas nada além disso. Comeram os ossos! (BOLSONARO, 2009).

Mais recentemente, em abril de 2019, Bolsonaro promulgou o Decreto 9.759, que extinguiu conselhos e comissões, atingindo o Grupo de Trabalho Perus, responsável pela identificação de corpos de desaparecidos políticos⁵².

Outro ponto importante na história de Bolsonaro refere-se ao contexto econômico e cultural de Eldorado. Carol Pires (2020) retorna ao livro de Flávio Bolsonaro para recuperar um trecho em que o senador afirma que os territórios quilombolas e as reservas indígenas na região em que Bolsonaro cresceu englobam regiões ricas em grafeno e nióbio e que a defesa desses territórios seria de interesse estrangeiro. Essa narrativa tem o intuito de afirmar que o progresso do Vale do Ribeira⁵³ é travancado pela proteção da natureza e dessas comunidades. O Vale do Ribeira abriga diversas comunidades tradicionais e locais, quilombolas, indígenas, caiçaras e agricultores familiares, contando com o maior número de comunidades remanescentes de quilombos do estado de São Paulo, dentre quais muitas ainda lutam pelo reconhecimento e regularização de suas terras. A região também tem a maior área contínua de Mata Atlântica do Brasil. Um dos quilombos mais conhecidos é o Quilombo Ivaporunduva, que compõe a comunidade de descendentes de escravizados mais antiga de São Paulo e ocupa a região há mais de 300 anos⁵⁴. Em entrevistas com moradores de Eldorado, Carol Pires (2020)

⁵⁰ LOCATELLI, Piero. PCdoB pede processo contra Bolsonaro por cartaz polêmico. UOL Notícias, 28 de maio de 2009. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/2009/05/28/ult5773u1291.jhtm>. Acesso em 5 jan. 2023.

⁵¹ BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Diário da Câmara dos Deputados, Brasília, Sessão: 031.3.53.O. Orador: JAIR BOLSONARO, PP-RJ. 11 de março de 2009. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=031.3.53.O&nuQuarto=32&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=10:02&sgFaseSessao=BC&Data=11/03/2009&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP-RJ>. Acesso em: 5 jan. 2023.

⁵² FÓRUM. Bolsonaro extingue grupo que identificava ossadas de desaparecidos políticos. FÓRUM, 22 de abril de 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2019/4/22/bolsonaro-extingue-grupo-que-identificava-ossadas-de-desaparecidos-politicos-55239.html>. Acesso em jan. de 2023.

⁵³ O Vale do Ribeira é uma região localizada no sul do estado de São Paulo e no leste do estado do Paraná. Recebe este nome em função da bacia hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape.

⁵⁴ MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Laudo antropológico: comunidades negras de Ivaporunduva, São Pedro, Pedro Cubas, Sapatu, Nhunguara, André Lopes, Maria Rosa e Pilões. Vale do Rio Ribeira de Iguape - SP. São Paulo: MPF, 1998.

observa que o olhar para as comunidades quilombolas ainda é muito enviesado, pulsando o desejo de tentar explorar a comunidade que é autossustentável e marcada pela produção de banana orgânica e pelo turismo. Ainda segundo a jornalista, familiares de Jair Bolsonaro têm cerca de 19 empresas registradas em 8 municípios do Vale do Ribeira.

Em 2017, enquanto pré-candidato à presidência, Bolsonaro discursou no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, e dirigiu ofensas a quilombolas e indígenas⁵⁵:

Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles. (...) Se eu chegar lá (na Presidência), não vai ter dinheiro pra ONG. Esses vagabundos vão ter que trabalhar. Pode ter certeza que se eu chegar lá, no que depender de mim, todo mundo terá uma arma de fogo em casa, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola. (BOLSONARO, 2017).

Enquanto presidente, Bolsonaro já incentivou um fazendeiro a usar armas em sua propriedade contra indígenas e quilombolas⁵⁶ e em janeiro de 2022, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) revogou uma licitação que iria contratar empresas para identificar e delimitar comunidades remanescentes de quilombos⁵⁷. Em concordância com a jornalista Carol Pires (2020), percebemos que as principais preocupações de Bolsonaro parecem ter origem em Eldorado: o espírito garimpeiro, a intolerância com as reservas indígenas, quilombolas e ambientais, o desprezo pela família Paiva, que emergiu em sua história como símbolo de poder da esquerda, e da imagem de Carlos Lamarca, representando a odiada resistência armada. Tais temáticas foram e ainda são presença constante no discurso de Jair e apareceram em diversos momentos de sua vida política, representando bandeiras importantes levantadas em sua candidatura.

Durante a campanha eleitoral, a propaganda de Bolsonaro apontava que ele era “diferente de tudo que está aí”, que não era da velha política e que representava o novo. A história, porém, é mais complexa do que isso e nos apresenta outro cenário. Fato é que Bolsonaro conseguiu construir uma imagem de novidade, mas que não tem relação com a sua

⁵⁵ CONGRESSO EM FOCO. Bolsonaro: “Quilombola não serve nem para procriar”. UOL, 5 de abril de 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>. Acesso em jan. de 2023.

⁵⁶ PODER 360. Bolsonaro incentiva fazendeiro a usar arma contra indígenas e quilombolas. PODER 360, 26 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-incentiva-fazendeiro-a-usar-arma-contraindigenas-e-quilombolas/>. Acesso em jan. de 2023.

⁵⁷ MARQUES, Hugo. Governo Bolsonaro sepulta de vez regularização de terras de quilombolas. VEJA, 9 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/governo-bolsonaro-sepulta-de-vez-regularizacao-de-terras-de-quilombolas/>. Acesso em jan. de 2023.

extensa trajetória política, mas sim com a forma de se apresentar como político, de se relacionar com os adversários e com o eleitorado, pois a atuação política de Bolsonaro é, na verdade, notada desde os tempos do Exército. Jair foi promovido a capitão em 1983, cargo mais alto que ocupou, e em 86, quando estava no cargo de fiscal administrativo, no Rio de Janeiro, escreveu um artigo para a *Veja*⁵⁸ em que manifestava a sua indignação a respeito dos baixos salários dos militares, afirmando que “a tropa vive uma situação crítica no que se refere a vencimentos”. Bolsonaro lamentava que “um capitão com oito a nove anos de permanência no posto recebe – incluindo soldo, quinquênio, habitação militar, indenização de tropa, representação e moradia, descontados o fundo de saúde e a pensão militar – exatos 10.433 cruzados por mês”. Ele ainda afirmou que “mais de 90% das evasões se deram devido à crise financeira que assola a massa dos oficiais e sargentos do Exército brasileiro” e justificou a sua atitude pontuando que, enquanto cidadão brasileiro, precisava expor a situação “para que o povo brasileiro saiba a verdade sobre o que está ocorrendo”. Ao final do artigo, Bolsonaro escreveu: “Amo o Brasil e não sofro de nenhum desvio vocacional. Brasil acima de tudo”. O Exército não reagiu bem, tendo em vista que é proibida a manifestação política de integrantes da força, e Bolsonaro foi punido com 15 dias de prisão.

Por outro lado, o capitão recebeu apoio, principalmente de esposas de oficiais. Segundo Carol Pires, no segundo episódio do podcast *Retrato Narrado* (2020)⁵⁹, Bolsonaro chegou a receber 150 telegramas de solidariedade. Mas também recebeu críticas, tendo em vista que o salário mínimo da época era de 804 cruzados, mais de 9 mil cruzados abaixo do salário de oficiais, e o cenário de crise inflacionária do governo Sarney promovia achatamento salarial com reclamações intensas vindas da população. As reclamações de militares seguiram ocorrendo e em outubro de 87 um capitão da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), no Rio de Janeiro, foi preso após entregar aos seus superiores um manuscrito exigindo melhores salários e criticando a política salarial do governo. Naquele mesmo dia, a repórter da *Veja*, Cássia Maria Vieira, estava na Vila Militar, conjunto de habitações do Exército na Zona Norte do Rio, e entrevistou dois capitães da EsAO, Xerife/Fábio e Bolsonaro, e a esposa de um deles, Lígia, e descobriu um plano de revolta dos oficiais contra o Exército e o ministro Leônidas Pires Gonçalves, a operação “Beco Sem Saída”, que consistia em explodir bombas de baixa potência

⁵⁸ VEJA. O artigo em VEJA e a prisão de Bolsonaro nos anos 1980. VEJA. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/o-artigo-em-veja-e-a-prisao-de-bolsonaro-nos-anos-1980/>. Acesso em jan. de 2023.

⁵⁹ Retrato Narrado - 2. Indisciplina Militar. Carol Pires: Rádio Novelo, out. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1ZNJCB5igL2e51eZJiVms8?si=56434d791d164717&nd=1>. Acesso em: 5 jan. 2023.

TNT em banheiros da AMAN e de outras unidades do Exército e na adutora do Rio Guandu. Cássia Maria publicou a conversa na VEJA expondo o plano, claramente a contragosto de Bolsonaro, e em novembro de 87 uma nova reportagem foi publicada, dessa vez mais completa, contando com croquis desenhados a próprio punho por Jair, após o ministro Leônidas Gonçalves ter afirmado publicamente que a repórter mentiu e que os oficiais negaram veemente a existência da operação.

Após a publicação das reportagens, Bolsonaro foi submetido a um processo interno no Exército e julgado pelo Conselho de Justificação, em junho de 1988. A repórter Carol Pires (2020) teve acesso ao processo, que foi anexado a outros tantos arquivos que diziam respeito a Bolsonaro e suas ações no Exército. A Folha também publicou matéria a respeito desses documentos⁶⁰. Em um deles, o coronel Carlos Alfredo Pellegrino afirmou que Bolsonaro “tinha permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos”. Após o processo, Bolsonaro foi expulso do Exército, mas recorreu ao Superior Tribunal Militar (STM), alegando que a reportagem era falsa e acusando Cássia Maria de mentir, conseguindo, assim, a sua absolvição. Mesmo absolvido, Bolsonaro foi para a reserva do Exército com a patente de capitão, e ainda em 88 deu os seus primeiros passos na vida política, concorrendo para vereador nas eleições municipais do Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão (PDC).

A primeira campanha de Bolsonaro para vereador foi pequena. Segundo apuração de Pires, ele mesmo se encarregou das camisas e cartazes, estampados com o símbolo de sua campanha, o personagem Recruta Zero⁶¹. Bolsonaro fez campanhas em quartéis do Exército, ainda que proibidas, incluindo a utilização de uma pipa de 3 quilômetros com panfletos amarrados⁶². E assim, ele foi eleito com 11.062 votos, o 16º mais votado da cidade do Rio. Em 1991, elegeu-se deputado pela primeira vez, ainda pelo PDC, e foi filiado a outros oito partidos durante a sua carreira política: PPR (1993-95), PPB (1995-2003), PTB (2003-2005), PFL

⁶⁰ VALENTE, Rubens. Bolsonaro era agressivo e tinha 'excessiva ambição', diz ficha militar. Folha de São alo, 16 de maio de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1884332-bolsonaro-era-agressivo-e-tinha-excessiva-ambicao-diz-ficha-militar.shtml>. Acesso em: 5 jan. 2023.

⁶¹ Recruta Zero é um personagem de quadrinhos e desenho animado criado por Mort Walker. É um recruta do exército americano, lotado no quartel Camp Swampy. Sempre cultivando sua preguiça e bom-humor, Zero é implacavelmente perseguido pelo adiposo e volátil Sargento Tainha, que não admite nenhuma insubordinação. https://pt.wikipedia.org/wiki/Recruta_Zero

⁶² Retrato Narrado - 3. Os anos em Brasília. Carol Pires: Rádio Novelo, out. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6IwxVk3C2g5HPtOhkZzgUy?si=44987cebc45f4c53>. Acesso em: 5 jan. 2023.

(2005), PP (2005-2016), PSC (2016-2017) e o PSL (2018-2019). Em seu primeiro mandato, Bolsonaro agia como uma espécie de sindicalista dos militares de baixa patente, como bem descreve Pires, chegando a liderar uma marcha em 1992 contra os baixos salários dos militares⁶³: “cantando o refrão da clássica música de protesto de Geraldo Vandré (...) uma manifestação composta majoritariamente por mulheres tomou a Esplanada dos Ministérios numa ensolarada segunda-feira de abril”. Assim, durante os primeiros mandatos, Bolsonaro estava em destaque apenas entre os círculos militares, cenário que mudou no governo FHC, em 1996.

Em setembro de 1996, como consta em reportagem da Folha⁶⁴, a Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos, do Ministério da Justiça, aprovou o pagamento de indenização às famílias dos guerrilheiros Carlos Lamarca e Carlos Marighella, o que causou revolta em Bolsonaro, que no microfone da Câmara afirmou que “o grande erro do regime militar foi ter matado pouca gente, teríamos menos vagabundos hoje tramitando no Planalto”⁶⁵. Em seu segundo mandato como deputado, Bolsonaro passou a defender abertamente a Ditadura e até mesmo a tortura. Em 1999, no programa Câmara Aberta⁶⁶, Bolsonaro defendeu o fechamento do Congresso e a morte de “uns 30 mil, começando com FHC”, além de sugerir que Chico Lopes, ex-presidente do banco Central, fosse torturado no pau de arara por ter exercido o direito ao silêncio em CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito). Durante uma solenidade no Clube de Aeronáutica no Rio de Janeiro, Bolsonaro disse que “para o crime que ele (FHC) está cometendo contra o país, sua pena deveria ser o fuzilamento”, fala que repercutiu no Congresso, com FHC exigindo a punição do deputado e o então presidente da Câmara, Michel Temer, convocando a Mesa Diretora “para discutir que tipo de punição poderá ser adotado”⁶⁷, mas Bolsonaro levou apenas uma advertência.

⁶³ BATISTA, Liz. Caminhando e cantando com Bolsonaro- Mulheres de militares protestaram batendo panelas e seguindo o deputado estreante em 1992. Estadão, 29 de setembro de 2018. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,caminhando-e-cantando-com-bolsonaro,70002524255,0.html>. Acesso em: 5 jan. 2023.

⁶⁴ FALCÃO, Daniela; FRANÇA, William. Passa indenização a Lamarca e Marighella. Folha de São Paulo, 12 de setembro de 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/12/brasil/30.html>. Acesso em: 5 jan. 2023.

⁶⁵ Retrato Narrado - 3. Os anos em Brasília. Carol Pires: Rádio Novelo, out. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6IwxVk3C2g5HPtOhkZzgUy?si=44987cebc45f4c53>. Acesso em: 5 jan. 2023.

⁶⁶ NUNES, Bruna. Jair Bolsonaro Defendendo Guerra Civil, Fim do Voto e Fechamento de Congresso [COMPLETO]. Youtube, 10 de abril de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw9QKIvw&ab_channel=BrunaNunes. Acesso em: 5 jan. 2023.

⁶⁷ MADUEÑO, Denise. No Clube de Aeronáutica, Bolsonaro falou em "fuzilamento" do presidente - Câmara estuda punição a deputado que atacou FHC. Folha de São Paulo, 30 de dezembro de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3012199902.htm>. Acesso em: 5 jan. 2023.

Outro momento marcante nos primeiros mandatos de Bolsonaro é ligado ao debate sobre a discussão de maioria penal. A discussão no Congresso ocorreu após a repercussão do Caso Liana Friedenbach e Felipe Caffé, em 2003, em que o casal foi sequestrado e violentado pelo adolescente “Champinha”, de 16 anos. A RedeTV! decidiu entrevistar dois deputados sobre o tema, Bolsonaro e Maria do Rosário, no Salão Verde da Câmara, resultando em uma discussão que marcou o imaginário brasileiro e que emergiu na forma de meme em 2014. Bolsonaro afirmou que jamais estupraria a deputada porque ela não merecia e proferiu outras ameaças físicas. A partir desses episódios, percebemos a continuidade de determinadas bandeiras instrumentalizadas por Bolsonaro. O viés autoritário de seu discurso é marca presente desde os tempos do Exército, enquanto ainda era jovem, e seguiu enraizado em sua atuação política. Uma das características centrais do “pequeno grande homem” e que gostaríamos de destacar aqui é a capacidade do líder articular junto a seu eleitorado o autoritarismo com a imagem de ‘homem comum’, respondendo ao “duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo essa autoridade” (ADORNO, 1975, p. 6). Para perceber o “pequeno grande homem” na figura de Bolsonaro é preciso ampliar a compreensão para os seguidores, para a militância de direita reacionária e conservadora que deu corpo ao bolsonarismo.

2.3 A facada no Instagram: o corpo digital do Rei

Em 6 de setembro de 2018, Jair Bolsonaro estava em Juiz de Fora, Minas Gerais, em um ato de campanha. O candidato do PSL caminhou pelas ruas centrais da cidade durante a tarde e, em determinado momento, foi carregado nos ombros por seguranças, em meio à multidão, sem cordão de isolamento, no calçadão da rua Halfed. Um homem aproximou-se de Bolsonaro e rapidamente o esfaqueou na região abdominal. No vídeo do atentado, o candidato leva as mãos à barriga, com expressão de dor, enquanto o agressor, Adélio Bispo, era rapidamente detido por seguranças e apoiadores, que desferiram socos e pontapés contra ele e tentaram linchá-lo, inclusive com ameaças de morte. Segundo noticiado pelo G1, o candidato foi encaminhado à Santa Casa de Misericórdia, próxima ao local do atentado, apresentando “lesões nos intestinos delgado e grosso e passou por uma cirurgia que durou cerca de 2 horas”⁶⁸. Bolsonaro contava com escolta da Polícia Federal quando foi atingido e os agentes prenderam o agressor em flagrante, conduzindo-o à delegacia da PF. Bispo foi investigado e, ao final de

⁶⁸ G1. Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. G1, 6 de setembro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 5 jan. 2023.

2019, o juiz da 3ª Vara Federal de Juiz de Fora, Bruno Savino, considerou os laudos psiquiátricos que atestaram a inimputabilidade do autor, diagnosticado com transtorno delirante permanente – anteriormente conhecido como transtorno paranóide – sendo sentenciado para internação no sistema prisional federal. Adélio, segundo os investigadores, agiu sozinho, motivado por razões religiosas e de divergência política com Bolsonaro.

Após o episódio, as pesquisas eleitorais mostraram um aumento nas intenções de voto para Jair Bolsonaro: em agosto o apoio era de 23,1% e entre os dias 7 e 11 de setembro a porcentagem chegou a 26,6%⁶⁹. Devido ao incidente, Bolsonaro contou com mídia espontânea na imprensa durante diversos dias, com notícias a respeito de seu estado de saúde, o andamento da investigação sobre Adélio, além das consequências que a facada teria em sua campanha, como apontam Moura e Corbellini (2019). No entanto, os autores afirmam que as condições conjunturais e estruturais antes do atentado já garantiriam a sua vitória nas urnas, que provavelmente aconteceria mesmo sem o episódio da facada. Compreendemos a importância da análise, mas acreditamos que o episódio representou um momento especial na corrida eleitoral e que influenciou a eleição de Bolsonaro. Cesarino (2019, p. 533) nos auxilia nessa hipótese ao elaborar o conceito de “corpo digital do rei”, percebendo como o afastamento de Bolsonaro de agendas públicas, devido às consequências do ferimento e das cirurgias, possibilitou a emergência de seu “corpo digital” em detrimento do corpo físico, sendo composto por milhares de apoiadores que fizeram campanha em seu lugar. Nesse contexto vimos emergir grupos de militantes autointitulados como “marqueteiros do Jair” ou “robôs do Bolsonaro”, que impulsionaram uma campanha não oficial, permitindo a replicação espontânea de conteúdos por usuários comuns.

A união do corpo do líder com o corpo de seguidores, segundo Cesarino, “possibilitou a fractalização do mecanismo populista” (2019, p. 535-536), que emergiu nas novas mídias especialmente quando analisamos as produções das novas direitas nas plataformas digitais. Há uma influência nítida da lógica populista no discurso desses grupos, principalmente a partir do eixo da diferença (amigo-inimigo) e do eixo da equivalência (líder-povo) (CESARINO, 2019, p. 533). No primeiro, há a construção de antagonistas políticos como inimigos do povo, traidores da nação, enquanto no segundo o líder aparece como uma personificação da voz e desejos do povo e da nação como um todo (FINCHELSTEIN, 2019, p. 42). O inimigo emerge,

⁶⁹ MORTARI, Marcos. Bolsonaro vai a 26,6% após facada; Haddad salta 4 pontos e empata com Marina, Ciro e Alckmin em 2º, diz pesquisa. Disponível em: [Bolsonaro vai a 26,6% após facada; Haddad salta 4 pontos e empata com Marina, Ciro e Alckmin em 2º, diz pesquisa \(infomoney.com.br\)](https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-26-6-apos-facada-haddad-salta-4-pontos-e-empata-com-marina-ciro-e-alckmin-em-2o-diz-pesquisa). Acesso em: 5 jan. 2023.

então, como o oposto do povo e do líder. Cesarino ainda aponta outras três funções discursivas do mecanismo populista nas redes: a mobilização via conteúdos alarmistas e conspiratórios; o espelho invertido do inimigo e devolução de acusações⁷⁰; a criação de canais próprios de comunicação do líder com o público, deslegitimando a academia e imprensa (FINCHELSTEIN, 2019, p. 533). Essas técnicas são perceptíveis na comunicação de Bolsonaro antes mesmo da facada, mas ampliam-se após o episódio, com a sua campanha ficando voltada exclusivamente às mídias sociais. Enquanto o candidato debilitado utilizava a sua situação de saúde para fomentar a lógica amigo-inimigo, com acusações contra a esquerda por tentar matá-lo e com a mobilização da lógica cristã, sendo considerado protegido e cuidado pela força divina, os adversários suavizaram o tom, como pudemos perceber na campanha de Geraldo Alckmin, que suspendeu propagandas que atacavam Bolsonaro e passou a “condenar a violência sob qualquer hipótese”⁷¹.

A mudança material na campanha de Bolsonaro, saindo das ruas para as redes e focando no digital, é ainda perceptível quando analisamos o conteúdo das postagens, especialmente em relação às fotos publicadas no perfil do candidato no Instagram, fonte desta pesquisa. Dentre as imagens selecionadas para a análise, destacamos neste momento duas: uma foto publicada no dia 18 de setembro, doze dias após a facada, quando Bolsonaro já estava em São Paulo, internado no Hospital Israelita Albert Einstein (figura 9); e outra publicação do dia 28 de setembro, um dia antes de receber alta (figura 10). Na primeira foto, Bolsonaro está deitado na cama do hospital, vestindo apenas uma bermuda e uma cinta abdominal pós-cirúrgica, com adesivos espalhados pelo peito para monitoramento e uma sonda nasogástrica. Na imagem, o presidenciável está segurando uma prancheta e uma caneta *Bic*. Com olhar concentrado, parece anotar algo. A foto contava com 847.580 curtidas e 41.452 comentários no dia de sua coleta⁷². Já na segunda imagem, publicada no dia 28 de setembro, um dia antes de receber alta, Bolsonaro aparece se barbeando no banheiro, sem camisa, com a cicatriz da cirurgia à mostra, e portando um aparelho de barbear *Gillette* de cor azul. A foto contava com mais de 1 milhão de curtidas e cerca de 89 mil comentários no dia de sua coleta. As imagens destacadas nos interessam pelo fato de, mais uma vez, Bolsonaro aparecer em um momento de intimidade,

⁷⁰ “Técnicas de espelho invertido, como a canibalização de palavras de ordem feministas (“Lute como uma mulher – de verdade”), orientavam conteúdos que se referenciavam mutuamente através de hashtags (elas mesmas, espelhos invertidos) como #ElasNão ou #EleSim”. (CESARINO, 2019, p.542).

⁷¹ ROSA, Vera. Alckmin suspende propagandas de ataque a Bolsonaro. Estadão, 6 de setembro de 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes.apos-facada-em-bolsonaro-alckmin-suspende-propagandas-de-ataque-ao-adversario,70002491712>. Acesso em 5 jan. 2023.

⁷² 08/03/2021.

expondo o seu cotidiano, supostamente sem filtros e/ou manipulação de imagem, contando ainda com um outro fator que percebemos e que acreditamos concordar com a teoria do “corpo digital do rei”⁷³.

Figura 9: “BR👍👏”



Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018)⁷⁴.

Diferente das outras fotos aqui analisadas, nas imagens publicadas após a facada, enquanto estava internado, há destaque para o corpo de Jair Bolsonaro, corpo que estava debilitado e sensível, com maior visualização de sua pele e exibição da cicatriz da facada. Mendonça e Caetano (2021) apontam que o presidente tendia a se representar com vigor, demonstrando a influência de sua trajetória militar, mas que após o atentado reforçou uma imagem paradoxal:

Enquanto a vulnerabilidade de seu corpo está em jogo, ainda há poder em ter sobrevivido a um sério ataque de faca. Ao exibir as consequências corporais do ataque e se apresentar como um sobrevivente que em breve voltará a prosperar, Bolsonaro recupera o controle sobre a violência. (...) Assim como qualquer outra pessoa, Bolsonaro é vulnerável; ao contrário do povo comum,

⁷³ Letícia Cesarino, com base no argumento de Kantorowicz (1998), explica a fundamentação do conceito corpo digital do rei: “essa imagem clássica da teologia política medieval, onde ao corpo físico do rei sobrepunha-se o corpo glorioso, divino, para destacar como, após o atentado a faca que retirou Jair Bolsonaro da esfera pública, seu corpo debilitado foi substituído por um corpo digital formado por seus apoiadores, que passaram a fazer campanha no seu lugar – o que ficou conhecido na época como os autointitulados ‘marqueteiros do Jair’ (um significante que flutuou também enquanto ‘fiscais do Jair’, ‘escudo do Jair’, ‘exército do Jair’, ou ‘robôs do Bolsonaro’)” (CESARINO, 2019, p. 533).

⁷⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bn4QkDwnj5Q/>. Acesso em 22 dez. 2022.

no entanto, o ‘soldado ferido’ sobrevive ao ataque e segue em frente. (MENDONÇA e CAETANO, 2021, p. 15-16, tradução nossa).

Para os autores, o candidato, que tanto buscou se igualar ao cidadão comum, criou, naquele momento, uma distância em relação a ele, já que sobreviveu a uma tentativa de assassinato. Por outro lado, compreendemos que as fotos ainda possibilitaram a identificação do seguidor com o líder, permitindo que a empatia fosse fomentada no público, principalmente quando Bolsonaro apresenta com evidência a cicatriz da cirurgia. Tal empatia foi exercitada pelos seguidores com comentários de desejos de melhoras e boa recuperação, além de constantes preces.

Nesse sentido, um outro discurso mobilizado por Bolsonaro após o atentado foi o religioso, com tom messiânico, afirmando que ele foi salvo por Deus. No discurso da posse, o presidente eleito ressaltou a presença divina e sua mão protetora: “Brasileiros e brasileiras. Primeiro, quero agradecer a Deus por estar vivo. Que, pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora, operou um verdadeiro milagre. Obrigado, meu Deus!”⁷⁵. Uma análise dos comentários da primeira foto, em que Bolsonaro aparece deitado na cama escrevendo em uma prancheta, nos auxilia na análise. Cabe aqui uma breve explicação metodológica: o número alto de comentários nas imagens selecionadas, respectivamente 41,4 mil e 89 mil, nos impossibilitou de extrair a sua totalidade, já que a versão paga da plataforma utilizada, *ExtractComments*, apresenta um limite mensal de 50 mil. No caso de extração dos comentários totais das publicações, ficaríamos com poucos recursos para analisar outras imagens. Por essa razão utilizamos a versão gratuita que permite a extração de 100 comentários. Apesar da quantidade pequena em relação ao todo, a amostragem nos trouxe parâmetros suficientes e não inviabilizou uma boa análise. Ao tratar os dados, pesquisamos pela palavra-chave “Deus” na figura 3, tendo em vista o apelo religioso do discurso e do projeto bolsonarista, incluído no próprio slogan de campanha e governo, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, e a recorrência do termo foi de 22 vezes dentro da amostra. Tendo em vista a predominância do público cristão entre os eleitores de Bolsonaro⁷⁶, com destaque para os evangélicos, 39%, enquanto que os católicos representam cerca de 35%, é evidente que muitos comentários são referentes a orações e preces,

⁷⁵ FOLHA DE SÃO PAULO. Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. Folha de São Paulo, 1º de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em jan. de 2023.

⁷⁶ BALLOUSSIER, Anna Virginia. Metade dos evangélicos vota em Bolsonaro, diz Datafolha. Folha de São Paulo, 4 de outubro de 2018. Disponível em: [Metade dos evangélicos vota em Bolsonaro, diz Datafolha - 04/10/2018 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/metade-dos-evangelicos-vota-em-bolsonaro-diz-datafolha-04-10-2018-poder-folha.uol.com.br). Acesso em jan. de 2023.

mas notamos que há uma narrativa que tende a se repetir: a ideia de que Bolsonaro é um “escolhido de Deus”, já alimentada pelo próprio candidato, como ressaltado anteriormente.

Na narrativa cristã, um dos expoentes principais é a operação binária positivo-negativo personificada em Deus e em Lúcifer: Deus atua em nome do bem, enquanto Lúcifer, o seu oposto, atua em nome do mal. Em um dos comentários, percebemos a presença dessa narrativa: “Ungido de Deus, inimigo não toca” (30/12/2018). Jair *Messias* Bolsonaro é, então, aquele que Deus escolheu e levantou e o inimigo, nesse caso, pode ser visto por duas óticas: como Lúcifer, o diabo, ou como a esquerda, materializada na imagem de Adélio Bispo, o autor da facada, que pode também representar a figura demoníaca. Novamente, a narrativa amigo-inimigo é percebida em outro comentário, datado de 03/11/2018: “Nossas orações vão continuar, pedindo a Deus que o cubra de proteção, o inimigo não vai derrubar o que Deus levantou. □”. Nessa ótica, Deus estaria protegendo Bolsonaro durante o seu percurso à rampa do Planalto, ele que é seu filho, o escolhido para governar o país, o Messias, como consta em seu próprio nome. Assim, a sobrevivência e recuperação de Bolsonaro ao ataque são percebidas como um milagre, discurso que o candidato mobilizou por diversas vezes, como em entrevista à rádio Guaíba (RS), realizada no dia 23/10/2018 e publicada no canal do candidato: “(...) Eu só não morri por milagre, segundo os próprios médicos da Santa Casa de Juiz de Fora”⁷⁷. Essa articulação discursiva do escolhido ainda esteve presente em diversos momentos da campanha eleitoral, inclusive no próprio slogan do candidato. Leite e Leite (2022), ao analisarem o discurso da fé no período pós-facada, apontam que a frase “Deus acima de todos”, além de determinar uma religião e divindade específicas para o país, ainda significaria que tal entidade religiosa autoriza tudo o que é feito ou dito pelo candidato, como se as suas ações fossem guiadas por Deus e em seu nome.

Figura 10: “Me preparando para voltar à ativa!”

⁷⁷ JAIR BOLSONARO. Entrevista Rádio Guaíba - RS (23/10/2018) - temas da semana. YouTube, 23 de outubro de 2018. Aos 12 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yLuNmAkrkRY&ab_channel=JairBolsonaro. Acesso em 5 jan. 2023.



Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018)⁷⁸.

A segunda foto selecionada no contexto pós-facada foi publicada no dia 28 de setembro de 2018, um dia antes do candidato receber alta do hospital. Na imagem, Bolsonaro está no banheiro, de frente ao espelho, sem camisa, com a cicatriz da cirurgia à mostra, se barbeando com um aparelho *Gillette* de cor azul. Em seus pulsos, a pulseira laranja e branca do hospital aparece em destaque. Para essa foto, os comentários que nos interessam estão diretamente ligados ao ato de barbear e ao aparelho utilizado, tendo em vista que um aparelho de barbear *Gillette*, como o utilizado por Bolsonaro, é de uso popular e custa, em média, entre R\$5,00 e R\$6,00. A evidência do aparelho na imagem, com sua localização quase central na foto e o contraste dos tons de azul com a pele do candidato, nos chama a atenção de imediato, sendo um dos principais pontos da foto para o qual o olhar é direcionado. Portanto, é de se esperar que existam comentários mencionando o aparelho, como podemos verificar no comentário publicado por um seguidor no dia 22/11/2018: “Com um prestobarba mais barato do que o que eu uso □ @jairmessiasbolsonaro nem tomou posso e eu já me sinto na obrigação ser mais humilde □”. Em outro comentário, em 09 de novembro, a usuária destaca o valor do aparelho de barbear: “Olha o barbeador dele de 5 reais :O”. A simplicidade do *Gillette* é mencionada ainda por outro seguidor: “Ele é tão burguês que usa Bic hahahahaha” (30/10/2018).

⁷⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoROQ0OnkxV//>. Acesso em 22 dez. 2022.

Nos três comentários selecionados observamos que a narrativa comum é a de perceber o barbeador e destacar a sua simplicidade, inclusive com menção ao seu valor. Novamente podemos evidenciar a recorrência do imaginário de que a simplicidade é um expoente de bom caráter, assim como a mobilização da ideia de “gente como a gente”, em que há uma identificação direta do indivíduo e de seu cotidiano com o da figura que admira. Uma evidência curiosa da exaltação da simplicidade pode ser percebida nas frases de efeito utilizadas em legendas de fotos e publicações nas redes sociais, extraídas principalmente do site Pensador: “Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho”, atribuída a Clarice Lispector, conta com 21 mil compartilhamentos, e “A simplicidade é o último grau de sofisticação”, atribuída a Leonard Thiessen, foi compartilhada cerca de 978 mil vezes. O discurso da simplicidade enquanto um elemento de importância profunda na personalidade e no estilo de vida do sujeito, nos oferece uma boa chave de análise para perceber a construção de Bolsonaro fundamentada na ideia de um homem simples, o “pequeno grande homem” atualizado. Leite e Leite (2022), ao analisarem o viés religioso da campanha pós-facada, ressaltam que a estética do candidato também auxiliou na produção do discurso de sacrifício, complementando a narrativa da salvação divina. Para os autores, tal estética de

vida humilde seria a explicitação de um político que se sacrifica pelo seu povo (...) esse candidato estaria renunciando aos benefícios que sua condição financeira seria capaz de lhe propiciar, para, em respeito aos brasileiros, adotar um estilo simples de vida (...) fazendo jus a valores apregoados pelo discurso religioso ligados ao sacrifício do pastor pelo seu rebanho, por isso digno de um ‘milagre’ face a tragédias.

Assim, percebemos que a estética de simplicidade e autenticidade, do cotidiano sem filtros, atravessa a campanha de Bolsonaro em diversos momentos, com presença, inclusive, nas publicações pós-facada.

Considerações Finais

Figura 11: “01/11/2018: Coletiva de imprensa. Para assistir clique no link em nossa BIO ou vá a nosso canal no youtube: Jair Bolsonaro”



Fonte: perfil do Instagram de Jair Messias Bolsonaro (2018)⁷⁹.

No dia 28 de outubro de 2018, às 19h18, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) confirmou a vitória de Jair Messias Bolsonaro (PSL), eleito o 38º presidente da República para governar o país de 2019 a 2022. Eleito com 57.797.847 votos (55,13%), Bolsonaro superou o adversário Fernando Haddad (PT), que somou 47.040.906 (44,87%)⁸⁰. A eleição de 2018 foi um marco na história política brasileira e na história recente da democracia. Acompanhamos um pleito marcado por declarações polêmicas, um atentado a faca contra Bolsonaro, denúncias de disparos em massa no WhatsApp e a presença massiva de redes sociais, que se tornaram um novo canal de propaganda eleitoral. As particularidades de 2018 não se encerram aqui, considerando ainda que foi a primeira vez em que um candidato de extrema-direita, que se colocou diversas vezes contra o sistema eleitoral brasileiro e as urnas eletrônicas, abertamente favorável à ditadura civil-militar de 64 e com um discurso de ataque às minorias sociais foi eleito pelo voto popular. Em sua primeira entrevista coletiva como presidente eleito, realizada no dia 1º de novembro, Bolsonaro recebeu alguns veículos da imprensa em sua casa, no

⁷⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BppxhOPgUPI/>. Acesso em 22 dez. 2022.

⁸⁰ MAZUI, Guilherme. Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT. G1, 28 de outubro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

condomínio Vivendas da Barra, Zona Oeste do Rio. Grandes jornais, como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, Valor Econômico, CBN e EBC foram barrados na entrada sob a justificativa de restrição devido ao espaço físico do local. A coletiva, que ocorreu na garagem, apresentou um cenário bastante peculiar: os microfones ficaram apoiados sobre um palanque improvisado, composto por uma prancha de bodyboard, uma mesa de vidro e uma estrutura metálica, que aparentava ser um apoio para samambaias. Um membro da equipe de Bolsonaro ainda precisou segurar a prancha nas laterais para que os equipamentos não caíssem. Os jornalistas, por sua vez, ficaram aglomerados, alguns em pé e outros sentados no chão, à frente do presidente eleito. O amadorismo da coletiva chama a atenção, considerando que foi a primeira coletiva de imprensa do candidato que foi escolhido para presidir a república brasileira. Mais uma vez, Bolsonaro seguiu o seu estilo estético jocoso, rompendo com rituais e posturas esperadas de um político de alto escalão, ponto ressaltado por seus apoiadores nos comentários da foto da publicada no perfil do então presidente. Com mais de 830 mil curtidas e cerca de 16 mil comentários, os perfis destacaram a simplicidade do cenário: “Humildade em pessoa esse meu presidente!”, “Pense numa estrutura milionária. Kkkkk”, “Essa simplicidade me encanta tanto ☐☐ Deus é contigo meu presidente ☐” e “Esse meu presidente me mata de orgulho!!! ☐☐☐☐☐☐☐☐☐...olha a simplicidade de tudo.... simplicidade e seriedade...☐☐☐☐☐☐”.

Ao longo dessa pesquisa, pudemos perceber que os apoiadores de Bolsonaro responderam positivamente às imagens publicadas em seu perfil no Instagram, tendo em vista o alto número de curtidas, uma constante nas imagens selecionadas, e diversos comentários exaltando a sua autenticidade, simplicidade e humildade. O seu estilo “gente como a gente” convenceu os seus seguidores, que associaram tal estética a uma possível seriedade, como um sinônimo de um bom caráter. A produção dessa associação rejeita uma lógica racional, pois como já apontado por Adorno, a propaganda fascista baseia-se “claramente em especulações psicológicas” (1975, p. 1). Assim, pouco ou nada importa que Bolsonaro tenha sido eleito deputado por sete mandatos, abrindo as portas para que seus familiares também fizessem carreira política, apresentando uma atuação pouco relevante como parlamentar e com constantes ausências em votações e comissões⁸¹, enquanto recebia dinheiro público e diversos benefícios por cerca de 27 anos. Paralelamente aos objetivos irracionais que caracterizam a propaganda fascista, podemos destacar ainda objetivos racionais, como o adiamento da operação contra Flávio

⁸¹ FLECK, Isabel; GAMBA, Estêvão. Bolsonaro lidera faltas em sessões entre presidenciais com mandato legislativo. *Gazeta do Povo*, 31 de março de 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/república/bolsonaro-lidera-faltas-em-sessoes-entre-presidenciais-com-mandato-legislativo-1xp4n4z7f57qfo3q077an8o90/>. Acesso em 5 jan. 2023.

Bolsonaro no caso das rachadinhas em seu gabinete na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). Fabrício Queiroz, ex-funcionário de Flávio, estaria envolvido com rachadinha e desvio de dinheiro público no gabinete do filho do presidente entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais. Flávio foi avisado da operação por um delegado da Polícia Federal, simpatizante da candidatura de seu pai. Os policiais teriam adiado a investigação, para que ela não prejudicasse a eleição de Jair Bolsonaro⁸². Consideramos importante destacar a associação entre racionalidade e irracionalidade, pois o jogo político se faz para além da propaganda, do jogo estético, da manipulação das paixões, intercalando diversos cenários e ferramentas em prol de um objetivo.

Por outro lado, nos questionamos e fomos questionados: Bolsonaro e sua equipe de comunicação tiveram e têm consciência do habilidoso despertar promovido pela propaganda fascista, que recorre a uma parcela da herança arcaica do sujeito, mobilizando seu inconsciente e sua identidade? Adorno e Freud nos auxiliam na construção dessa resposta. Primeiro, cabe destacar que para Freud e para a psicanálise há um caráter de negatividade da subjetividade humana que não pode ser desconsiderado. Assim, quando “os líderes se tornam conscientes da psicologia de massas e a tomam em suas mãos, ela virtualmente deixa de existir” (ADORNO, 1975, p. 11), pois a própria natureza da propaganda fascista é inconsciente e irracional e seus objetivos não podem ser atingidos a partir de convicções e discursos racionais. Em segundo lugar, que há uma identidade básica entre o líder e o seu seguidor, assim o líder seria capaz de “adivinhar as necessidades e desejos psicológicos daqueles suscetíveis a sua propaganda porque se assemelha a eles psicologicamente” (*Ibid.*, p. 9). Por fim, para Adorno, embasado em Freud, o líder estaria apto a falar e agir de acordo com a teoria psicológica, “pela simples razão de que a teoria psicológica é verdadeira” (*Ibid.*, p. 9): basta ao líder explorar a sua própria subjetividade, mente, psicologia, para acionar a psicologia de sua audiência. Assim, consideramos que há algo de natural na estética de Bolsonaro, considerando que ela emerge a partir da própria subjetividade do então candidato, mas ao longo de sua campanha e de seu mandato pudemos notar que sua equipe explorou esse estilo, apropriando-se ainda da facilidade das redes sociais de fazer circular imagens, principalmente as imagens que à primeira vista chocam e chamam a atenção⁸³. Consideramos que não conseguimos obter uma resposta

⁸² CONGRESSO EM FOCO. PF antecipou a Flávio Bolsonaro que Queiroz seria investigado, diz suplente. Congresso em foco, 17 de maio de 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/corrupcao/pf-antecipou-a-flavio-bolsonaro-que-queiroz-seria-investigado-diz-suplente/>. Acesso em 5 jan. 2023.

⁸³ Destacamos ainda a análise de Isabela Kalil em conversa com Pedro Doria no quadro “Conversas com o Meio” (YouTube, 9 de nov. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=canvhkd2iME&ab_channel=Meio), em que a pesquisadora destaca um

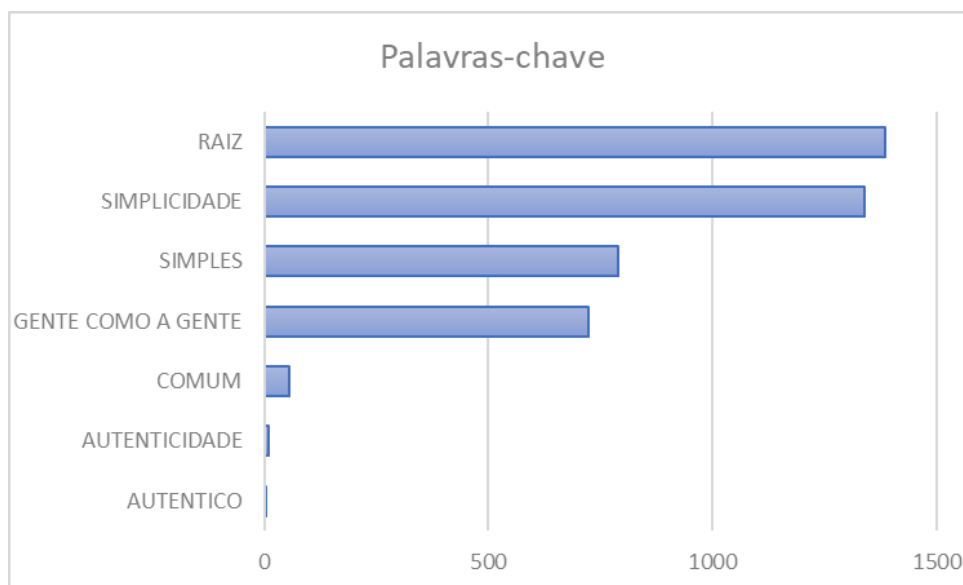
conclusiva para o questionamento exposto, mas acreditamos que as pesquisas que ainda serão produzidas sobre a campanha de Bolsonaro, fruto de estudos de nossos pares e de colegas de outras áreas, consigam auxiliar em uma resposta mais completa em um futuro próximo.

Ao final deste trabalho, pudemos clarear um pouco mais as hipóteses que nos trouxeram até aqui. Como apontamos anteriormente, é evidente a exploração da imagem de homem simples de Jair Bolsonaro ao longo da campanha eleitoral de 2018, movimento que se repetiu também no pleito de 2022 e em diversos momentos de seu governo⁸⁴. As análises de comentários nas fotos selecionadas para esta pesquisa evidenciaram também que o público foi impactado por essa estratégia de imagem. A partir de uma análise superficial dos comentários, pudemos notar a presença constante de alguns termos, que muito nos interessavam. Com a possibilidade da extração dos comentários e da análise desse extenso banco de dados, buscamos por palavras-chaves, a saber: autêntico, autenticidade, comum, gente como a gente, simples, simplicidade e raiz, chegando ao total de 4.304 vezes em que foram utilizadas. Foi possível visualizar a frequência de alguns termos, com destaque para “raiz”, que apareceu em 1.387 comentários. O termo “raiz” foi comumente utilizado pelos usuários de forma coloquial ou como meme, significando aquilo que é clássico, tradicional, mais velho. É comum perceber a presença da palavra em comparação com algo mais novo, que seria o “nutella”, em referência à marca de creme de avelã consumida principalmente por classes médias e altas. O jogo de palavras atua em contraposição, já que “nutella” representa as coisas “gourmetizadas”, mais fáceis, enquanto “raiz” seria a pessoa ou a forma rústica, mais complicada, em referência ao passado. Perceber a utilização desse termo, que é mobilizado de forma memética, reflete a forma como os usuários tendem a perceber a figura de Jair Bolsonaro, nesse caso um homem rústico, tradicional, que se contrapõe a figuras mais novas, “sensíveis”, articulando ainda o eixo do politicamente incorreto *versus* politicamente correto.

Figura 12 - Gráfico de palavras-chave dos comentários

processo de “jovialização” de Bolsonaro. Kalil retorna a 2010, apontando que Bolsonaro conseguiu produzir, principalmente com a orientação de Carlos Bolsonaro, uma imagem jovial a partir de memes, música, “mitadas” e humor, ligando-se à cultura gamer. O “Jair jovem” foi um canalizador de demandas da juventude, sendo aquele que fala o que pensa e transgredindo a mídia. A figura 2, em que aparecem o PlayStation e alguns jogos, nos dão uma boa pista dessa movimentação. Interessante ainda perceber a faixa etária do público do Instagram, rede social foco desta pesquisa: 64% dos usuários tem menos de 34 anos. (BAGADIYA, 2022, disponível em: <https://www.socialpilot.co/blog/social-media-statistics#fb-demographic-stats>. Acesso em jan. 2022).

⁸⁴ Relembramos o episódio em que Bolsonaro aparece em vídeo comendo frango e farofa, com a comida espalhada pelas calças e pelo chão enquanto se alimentava com as mãos. Ao ser acusado de tentar parecer “do povão”, Bolsonaro afirmou: “Comendo farofa e galinha outro dia, dei um arroto lá que... Lamento. Mas sou ser humano aí. Isso não é... buscar ser povão. Sempre fui assim. Busco dar exemplo.” (UOL, 02 fev. 2022, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/02/bolsonaro-reage-apos-polemica-da-farofa-e-diz-que-nao-busca-ser-povao.htm>. Acesso em dez. 2022).



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Percebemos, então, ao longo deste trabalho, como Bolsonaro pode ser analisado a partir da lente do “pequeno grande-homem” de Adorno (1975), já que, por meio de seu estilo jocoso, que pauta a simplicidade e a autenticidade, a sua figura conseguiu assumir uma aparência de “ampliação da própria personalidade do sujeito” (ADORNO, 1975, p. 5). Assim, por meio de uma personalização, Bolsonaro respondeu a uma ambivalência psicológica: “gratificar o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo essa autoridade” (*Ibid.*, p. 6). Bolsonaro foi a liderança que não teve medo de falar o que pensava, transformando-se numa espécie de megafone dos conservadores e reacionários, dos nostálgicos da ditadura civil-militar de 64 e daqueles que sentiram-se ameaçados pelas recentes conquistas de minorias sociais. Jair atraiu para si a figura de maior voz da extrema-direita recente, proferindo discursos que, até então, ficavam camuflados e, por vezes, restritos a ambientes privados.

Durante a pesquisa, ainda foi possível observar com bastante transparência como Bolsonaro utilizou o passado da ditadura em seus discursos e como não existiram as devidas punições a isso. Caroline Bauer (2020) analisou a presença do regime em manifestações públicas de Bolsonaro⁸⁵, destacando que no caso brasileiro o “estigma da cordialidade” é o que

⁸⁵ Importante ainda pontuar ações e projetos do governo Bolsonaro que buscaram falsificar e relativizar a experiência ditatorial no Brasil. Alessandra Gasparotto e Caroline Silveira Bauer (2021) muito nos acrescentam nesse ponto, destacando o projeto do ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, de alterar os livros didáticos em relação ao golpe de 64. Rodríguez afirma que o objetivo era “resgatar uma versão da história mais ampla”, além de afirmar que “o que ocorreu em 31 de março de 1964 não foi um golpe, mas uma decisão soberana da sociedade brasileira” e defendeu que “não foi uma ditadura, mas um regime democrático de força, porque era necessário naquele momento” (GASPAROTTO e BAUER, 2021, p.438).

permite que o passado ditatorial seja justificado, assim como permite que as emoções sobre esse passado se sobressaiam sobre correções conceituais e históricas, a partir, por exemplo, da neutralização de “conflitos e disputas sociais por meio de representações conciliatórias do passado e das relações sociais.” (BAUER, 2020, p. 189). Além disso, Bauer complementa afirmando que “os usos do passado da ditadura no presente ocorrem, em parte, por uma busca de orientação no passado, mas não um passado fático, e sim em um passado que nunca existiu” (2020, p. 201), o que permite uma narração utópica da ditadura de 64, elencando discursos como uma melhora econômica ou uma suposta diminuição da violência.

Perceber a presença da ditadura nos discursos públicos de Bolsonaro nos auxilia a compreender melhor como a mobilização desse fato, principalmente via falsificação, é articulada. Daniel Pinha (2020) cita um levantamento realizado pelo O Estado de São Paulo entre os anos de 2001 e 2018 em busca de perceber quantas vezes a Ditadura Militar apareceu em suas falas, chegando ao número de 250 vezes, praticamente $\frac{1}{4}$ de seus discursos como deputado. “Ano após ano ele usava a tribuna para comemorar o golpe de 31 de março de 64, celebrando ainda a promulgação ao AI5 e a memória de torturadores como Carlos Alberto Brilhante Ustra” (PINHA, 2020, p. 206). Nos interessa aqui refletir sobre como o espaço público possibilita a homenagem, a negação e o desejo pela Ditadura Militar e para tal é preciso compreender o papel da Lei da Anistia nesse processo. Carla Simone Rodeghero (2014) realiza um levantamento sobre os diferentes significados atribuídos à anistia por diversos atores de 64 até a implementação da lei, em 1979. As disputas em torno do conceito e das formas desejadas de anistia estiveram em constante embate, cabendo destacar a atuação dos Comitês Brasileiros pela Anistia, que propunham a anistia a presos políticos, exilados, dentre outros sujeitos perseguidos pelo Estado, do Movimento Feminino pela Anistia, que atuava de forma mais conciliadora buscando uma anistia ampla e geral em busca da “paz das famílias brasileiras” e do MDB. Enquanto isso, o governo buscava uma anistia parcial, excluindo presos ou exilados considerados terroristas e incluindo os agentes da repressão, sendo assim uma anistia parcial e recíproca. Outras frentes de luta a favor da anistia e contra a ditadura foram realizadas, inclusive em prisões, por meio de greves de fome que pressionavam as autoridades a reconhecerem as condições dos presos políticos, tratados como terroristas (RODEGHERO, 2014).

A aprovação da lei em 1979 demonstrou o reconhecimento dos formuladores do projeto da anistia enquanto uma medida com potencial conciliatório, buscando a pacificação de conflitos e operando a dimensão do esquecimento. “Ao se apropriarem da expressão ‘anistia aos crimes conexos’, e ao lhe darem um sentido diverso daquele de anistias anteriores, tentaram

proteger o Estado e seus agentes de uma culpabilização que (...) já era possível e era demandada” (RODEGHERO, 2014, p. 102). Hoje percebemos que a reciprocidade da Lei da Anistia atuou como um fator de esquecimento e como um obstáculo à “memória compartilhada sobre aquele passado-presente, além de legitimar a impunidade” (PEREIRA, 2015, p. 891). Nesse ponto, a Lei da Anistia atuou como uma “amnésia comandada” (RICOEUR, 2007, p. 462), tanto pela não punição dos autores das violências permitidas pelo Estado, quanto em não estabelecer publicamente “as responsabilidades de cada um dos protagonistas” por meio da inserção do agressor e da vítima em seus respectivos lugares em uma relação de “justa distância” (RICOEUR, 2007, p. 481). A lei de 79 é, assim, uma das múltiplas dimensões da impunidade da ditadura (PEREIRA, 2015).

Por outro lado, cabe destacar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, sancionada em 2011 pela então presidenta Dilma Rousseff, que foi militante da luta armada no período e uma das vítimas do regime, no resgate da memória e da verdade sobre as violações de direitos humanos entre 1946 e 1988. Segundo Pereira (2015, p. 894), “a Comissão, em seu relatório final, ‘repara’ a indistinção entre o algoz e a vítima presente na ideia de crimes conexos na Lei da Anistia”, ainda que sob uma inscrição frágil. Os trabalhos da CNV, de extrema importância para a elaboração de uma memória coletiva sobre o período, foram permeados por processos de revisionismo e negacionismo, incluindo manifestações públicas de Jair Bolsonaro a respeito de presos políticos e de ações das Forças Armadas, como foi possível perceber ao longo desta pesquisa. Nos interessa concluir aqui a ideia de que a emergência de Jair Bolsonaro, com seus discursos de cunho ditatorial e apelo autoritário, foi possível graças a essa inscrição frágil da memória da ditadura e ao alargamento da fenda autoritária derivada de 64 (PINHA, 2020). “A negação da ditadura como barbárie e terror de Estado é a condição de possibilidade e a expressão primeira do bolsonarismo”. (SOARES, 2020 p. 44).

A presença de Bolsonaro em programas de televisão e o alcance possibilitado pela internet fizeram com que, ainda em 2014, apoiadores comentassem em seus vídeos “Bolsonaro presidente”, em uma espécie de previsão, bastante certa, dos rumos políticos do país. O fim de seu governo, em 2022, deixa em aberto muito para se discutir. A forma como Jair lidou com a derrota para seu maior adversário, Lula, o seu sumiço das redes e da vida pública, enquanto apoiadores passaram dias em frente a quartéis e bloqueando rodovias, em atos antidemocráticos e golpistas, revelaram a fragilidade da figura autoritária que a fenda da anistia de 1979 permitiu

emergir⁸⁶. Esperamos que este trabalho auxilie, de alguma forma, na análise do governo e da comunicação bolsonaristas, com votos de força e muito desejo de que outras e outros colegas busquem pesquisar e discutir, ainda mais, essa história recente tão difícil e, ao mesmo tempo, fascinante.

Esta pesquisa deu os primeiros passos em 2019, com entrada no Programa de Pós-Graduação em História da UFOP em março de 2020, mês em que tudo mudou no Brasil. Na segunda quinzena daquele mês as aulas foram canceladas, o comércio fechou e fomos recomendados a permanecer em casa, isolados. Esse cenário foi piorando ao longo do tempo, com números exorbitantes de mortes, internações e contaminações. O medo era um sentimento constante, o receio com o futuro estava cada vez mais latente. Até chegarem as vacinas e a vida começar a tomar outros rumos, em uma busca desesperada por uma “normalidade”, muita coisa aconteceu. Mais de 690 mil vidas foram perdidas. Pesquisar em um cenário como esse foi extremamente difícil, considerando principalmente a forma como o Governo Federal, na figura do Presidente da República, lidou com a situação catastrófica que o país passava. Além da pandemia, presenciamos ainda ataques constantes à educação e à pesquisa, com cortes de verbas e sucateamento de instituições federais. Presenciamos também um difícil processo eleitoral em 2022, com Jair Bolsonaro (PL) concorrendo à reeleição e o retorno de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao pleito após o questionável processo que o impediu de concorrer em 2018. A vitória do ex-presidente Lula no segundo turno evidenciou uma busca por mudança da maior parte da população brasileira, que viu o país voltar ao mapa da fome, com o espantoso e doloroso número de 33,1 milhões de pessoas atingidas pela insegurança alimentar e pela fome.

A pesquisa e a pessoa historiadora são constantemente atravessadas pela realidade, que bate à nossa porta constantemente, nos lembrando que existe um mundo para além dos textos, dos fichamentos e da escrita. A busca por uma neutralidade e objetividade total do (a) historiador (a), assim como do resultado de seu trabalho, nos parece uma ilusão e, acima de tudo, uma alienação frente à dura realidade enfrentada pela maior parte da população brasileira. Concordamos com Droysen (1977) quando ele nos aponta que

⁸⁶ Um dia antes da entrega deste trabalho, em 8 de janeiro, criminosos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, vestindo camisetas verde-amarelas e empunhando bandeiras do Brasil, invadiram a Praça dos Três Poderes, em Brasília. O grupo invadiu e depredou os prédios do Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal e Palácio do Planalto. Os estragos ainda serão avaliados, mas as imagens são chocantes: obras de artes vandalizadas, cadeiras do STF arrancadas, vidros quebrados, armas e munições do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) roubadas. Choca, ainda, a inércia das forças policiais e a omissão de lideranças políticas em evitar o atentado ao patrimônio público, que já era planejado há dias em grupos bolsonaristas, que não aceitavam o resultado das eleições de 2022. Esperamos que os criminosos sejam devidamente responsabilizados, assim como os financiadores das ações golpistas, que precisam ser identificados e punidos.

só o que é desprovido de pensamento é efetivamente objetivo. A partir do momento em que o pensamento humano toca e envolve as coisas, elas deixam de ser objetivas. (...) Aqueles que veem, na tarefa suprema do historiador, o fato de não acrescentar nada de pessoal, mas de simplesmente dar a palavra aos fatos, não se dão conta de que os fatos não falam a não ser pela voz daqueles que os conceberam e os compreenderam” (DROYSEN 1977, p. 218 *apud* LORIGA, 2012, p. 254).

Assim, caberia a nós, historiadoras e historiadores, exercitar ao máximo a posição de aspirar à objetividade, mas compreendendo o valor da subjetividade, já que “apagar” a personalidade é renunciar “a uma fonte fundamental de conhecimento” (LORIGA, 2012, p. 255). Nesta pesquisa, aspiramos a objetividade sem desconsiderar as diversas maneiras como fomos atravessadas (os) pela nossa fonte. Pesquisar o presente, o contemporâneo, exige de nós uma posição bastante difícil e, em sua maioria, impossível de desconexão da dura realidade. As crises que enfrentamos nos últimos anos demandou de historiadoras e historiadores a intervenção no debate público, em um “giro ético-político” (PINHA; RANGEL; PEREZ, 2020, p.11).

Enfrentamos ainda os dilemas do tempo atualista, em que “o real se confunde com a atualidade experimentada como um presente vazio e autocentrado” (PEREIRA e ARAUJO, 2020, p. 3). No atualismo, o valor da verdade se confunde com o valor da novidade ou atualização da informação recebida (*Ibid.*), ponto chave para compreendermos o cenário de infodemia⁸⁷ que estamos vivenciando. A ansiedade e a nostalgia emergem e são mobilizadas, principalmente em tempos de crise, por líderes políticos, como no caso de Bolsonaro e de Trump. Ao longo do trabalho, destacamos o ressentimento como um dos afetos mobilizados pelo bolsonarismo e consideramos que ele nos dá pistas sobre como o (a) historiador (a) pode pensar a sua atuação nesse contexto complexo e alarmante. Talvez precisemos atualizar o legado dos *Annales*, percebendo a “produção de histórias a partir do presente, mas com uma ênfase renovada na compreensão do passado e do futuro como tempos presentes, ativos, (...) que formam uma parte de nosso ambiente existencial.” (PEREIRA, 2021, p. 35). Assim, sendo de caráter ativo a relação dos sujeitos com a história, é preciso disputar, ampliar e pluralizar os sentidos históricos do passado, reconhecendo a latência e o fantasma do autoritarismo. As

⁸⁷ A popularização da infodemia enquanto um conceito remete à pandemia de covid-19, em que vivenciamos uma epidemia de informações devido ao desconhecimento da situação e de sua gravidade. Tal contexto resultou ainda em desinformação e negacionismos.

historicidades democráticas⁸⁸ emergem, então, como um caminho historiográfico contemporâneo, de resistência e proposição a um presente atualista (*Ibid.*).

Theodor W. Adorno, bibliografia de base para esta pesquisa, se apresenta neste contexto como uma referência incontornável para pensar o autorismo e os movimentos atuais de direita radical. Ainda que seus trabalhos tenham um contexto sócio-histórico distinto,

ao investigar as condições objetivas e os pressupostos subjetivos que poderiam, sobretudo em momentos de crise, desencadear a volta do fascismo, Adorno revela o seu forte compromisso com a emancipação – concreta e efetiva – da vida social, única possibilidade para que os fantasmas do passado não mais assombrem – ou surpreendam – o presente. (VASCONCELLOS, 2022, p. 10).

Com Adorno, compreendemos que o fascismo não é uma ameaça externa às democracias, mas uma força social imanente a elas e que pode se tornar um movimento de massas (*Ibid.*), cabendo a nós uma postura constante de vigilância e de capacidade crítica. Nesse presente atualista, a análise de Peter E. Gordon em “The Authoritarian Personality Revisited: Reading Adorno in the Age of Trump” (2017), traz críticas interessantes ao discurso que aponta a volta do fascismo ao redor do mundo e atualiza as teorias de Adorno. Segundo Gordon, a comparação dos atuais movimentos de extrema direita com o fascismo é válida mais por uma linguagem de promoção do que por pontos específicos da ideologia. Para ele, vivemos um movimento de evolução da mídia para o entretenimento, abrindo mão do discurso crítico e dando destaque para a expressão e o espetáculo. Haveria, assim, não um retorno do fascismo, mas a dissolução da consciência crítica. A crítica à mídia de massa não é algo novo, mas ganha roupagens inéditas com o avanço das redes sociais e do meio digital. Gordon aponta, então, que a tentativa de descrever o trumpismo e movimentos semelhantes com a ideia dos tipos de personalidade⁸⁹ e só funciona como “uma defesa contra a possibilidade mais profunda de que Trump, longe de ser uma violação da norma, pode na verdade significar uma norma emergente da ordem social como tal” (GORDON, 2017, p. 54-55, tradução nossa).

Compreendemos, assim, que a análise de Jair Bolsonaro a partir do “pequeno grande homem” de Adorno nos diz menos sobre o bolsonarismo ser um movimento fascista ou populista e mais sobre as novas formas de fazer política e a sua recepção. Bolsonaro soube

⁸⁸ Consular: PEREIRA, M. H. de F.; BIANCHI, G.; ABREU, M. S. de. Popularizações do passado e historicidades democráticas: escrita colaborativa, performance e práticas do espaço. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 279 - 315, 2018. DOI: 10.5965/2175180310242018279. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310242018279>. Acesso em: 2 5 jan. 2023.

⁸⁹ Os tipos de personalidade aqui referem-se aos estudos de Adorno e seus pares sobre a personalidade autoritária, realizados por meio de questionários. Exemplo mais marcante é a escala F (de fascismo), que mediria tendências autoritárias nos sujeitos.

ocupar o meio digital, o seu grande campo de batalha, utilizando a arquitetura das redes sociais ao seu favor, além de financiar perfis de apoio à sua candidatura e disparos em massa. Hoje, grupos de esquerda e oposição, além de diversos movimentos sociais, já habitam melhor nas plataformas digitais, muito em decorrência, acreditamos, do isolamento provocado pela pandemia de covid-19. Presenciamos a produção em massa de notícias falsas e negacionismos diversos nessa conjuntura, apontando para a necessidade da presença da comunidade acadêmica e, em especial, da área de História no meio digital (PEREIRA, 2020). A comunidade acadêmica de historiadores (as) tem demonstrado maior preocupação com a comunicação do saber histórico e sua divulgação nas redes, adequando a linguagem ao público leigo. Nesta pesquisa, ao trabalharmos com fontes digitais publicadas em um perfil de rede social, nos deparamos com as complexidades em torno da necessidade de prova, da importância da conservação e do vestígio, dilemas que não deixaram de acompanhar o método histórico ao longo do tempo, mas que emergiram com maior força nos últimos tempos. Foi demandado de nós uma maior abertura ao novo, buscando conhecer formas de armazenamento e de garantia de verificabilidade das fontes, além de nos aproximarmos de linguagens pouco conhecidas pelos (as) pesquisadores (as) de humanidades, como a programação. Faz-se urgente e necessário essa atualização do conhecimento, acompanhada de uma constante vigilância para o bom uso das “ferramentas oferecidas pelas tecnologias contemporâneas de comunicação”, principalmente em um “contexto em que as *fake news* e os negacionismos mais abjetos” ganham destaque no debate público (PEREIRA, 2020, p. 15-16). Precisamos, então, atualizar Adorno: analisar os novos autoritarismos, que se assemelham em muito com os movimentos fascistas do passado, considerando as novas modalidades de comunicação em massa, o privilégio da performance sobre a crítica nas redes, o presente atualista e a demanda por historicidades que saibam nadar contra a maré de desinformação e guerras culturais.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda**. Trad. Francisco Rüdiger. Publicado originalmente em *Psychoanalysis and the Social Sciences* 3 (408-433) 1951. Reproduzido em *Gesammelte Schriften Vol. 8, T. I [Soziologische Schriften]*. Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1975, p. 408-433.

ARIAS, Juan. Bolsonaro e seu filho pit bull. Quando a psicologia atropela a política. **El País**: 22 de fev. de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/22/opinion/1550793535_378897.html. Acesso em 7 de ago. de 2019.

AVELINO, Chico. A cusparada premonitória de Jair Bolsonaro. Facebook, 23 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/chico.avelino/posts/10214888625423453>. Acesso em jan. 2023.

AVRITZER, Leonardo. **Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro**. Todavia, 2020.

AVRITZER, Leonardo. O pêndulo da democracia no Brasil: uma análise da crise (2013 - 2018). In: Leonardo Avritzer; Heloisa Murgel Starling; Pauliane Braga; Priscila Zanandrez. (Org.). **Pensando a Democracia, a República e o Estado de direito no Brasil**. 1ed. Belo Horizonte: Projeto República, 2019, v. 1, p. 17-38.

BAGGIO, Kátia. Brasil atual: o processo de desestabilização da democracia (2013-2018). In: AVRITZER, Leonardo; STARLING, Heloisa; BRAGA, Pauliane; ZANANDREZ, Priscila. (Org.). **Pensando a democracia, a república e o estado de direito no Brasil**. 1ed. Belo Horizonte: Projeto República, 2019, v. , p. 39-60.

BAUER, Caroline Silveira. Usos do passado da ditadura brasileira em manifestações públicas de Jair Bolsonaro. In: ARAUJO, Valdei; KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus (organizadores). **Do fake ao fato: des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, 2020, p. 183-204.

BEZERRA, D. M. . **A história se repete? Uma análise comparativa do conceito de repetição em Koselleck e Lacan**. *Sinais (UFES)* , v. 1, p. 46-72, 2014.

BRASIL. **Congresso Nacional**. Câmara dos Deputados. Diário da Câmara dos Deputados, Brasília, Sessão: 219.4.54.O. Orador: JAIR BOLSONARO, PP-RJ. 3 setembro 2014. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=219.4.54.O&nuQuarto=47&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=16:18&sgFaseSessao=GE%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=03/09/2014&txApelido=JAIR%20BOLSONARO&txEtapa=Com%20reda%C3%A7%C3%A3o%20final>. Acesso em jan. 2023.

BRASIL. **Congresso Nacional**. Câmara dos Deputados. Diário da Câmara dos Deputados, Brasília, Sessão: 031.3.53.O. Orador: JAIR BOLSONARO, PP-RJ. 11 de março de 2009. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=031.3.53.O&nuQuarto=32&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=10:02&sgFaseSessao=BC&Data=11/03/2009&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP-RJ>. Acesso em: jan. 2023.

BRASIL. Presidente da Câmara inaugura busto em homenagem ao deputado Rubens Paiva. **Congresso Nacional**. Câmara dos Deputados. 1 de abril de 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/presidencia/galeria-presidentes/henrique-eduardo-alves-2013-2014/noticias/presidente-da-camara-inaugura-busto-em-homenagem-ao-deputado-rubens-paiva>. Acesso em jan. 2023.

BRUM, Eliane. O homem mediano assume o poder. **El País**: 1 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html. Acesso em 15 de junho de 2019.

BRUM, Eliane. Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter. **El País**: 7 de mar. de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/opinion/1551904505_351681.html. Acesso em 7 de ago. de 2019.

BRUNO, Fernanda, BENTES, Ana Carolina; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista FAMECOS**, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.33095>.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha Revista de Antropologia**, 2021, 23(1), pp.73-96.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, [s.l.], v. 1, n. 1, 2020.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 62, n. 3, p. 530 - 557, 2019. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.165232.

CHAMBERS, Samuel A.; CARVER, Terrell. **Judith Butler and political theory: Troubling politics**. Routledge, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil - mito fundador e sociedade autoritária**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHUN, Wendy. **Updating to remain the same: habitual new media**. Cambridge, MA: MIT Press, 2016.

CIOCCARI, D.; PERSICHETTI, S. Imagem e poder: a simbologia por trás de Carlos Bolsonaro na posse do presidente. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 32-49, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/161040>. Acesso em: jan. 2023.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. Millennial capitalism: first thoughts on a second coming. **Public Culture**, [s.l.], v. 12, n. 2, p. 291-343, 2000.

CONCLI, Raphael. O que está por trás da desconfiança em relação aos partidos no Brasil. **Jornal da USP**, 11 de julho de 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/o-que-esta-por-tras-da-desconfianca-em-relacao-aos-partidos-no-brasil/>. Acesso em jan. de 2023.

COSTA, Alex Andrade. “Que dívida? Eu nunca escravizei ninguém!”: escravidão, trauma cultural e consciência histórica. **Revista História Hoje**, v. 10, n. 19, p. 140-160, 2021.

CRUZ, Francisco Brito; VALENTE, Mariana G.. É hora de se debruçar sobre a propaganda em rede de Bolsonaro. **El País**: 21 de out. de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/opinion/1539892615_110015.html. Acesso em 7 de ago. de 2019.

CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. **Discurso e pós(verdade)**. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DATAFOLHA. Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil – total da amostra. Instituto de **Pesquisa Datafolha**, 2016. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/12/28/da39a3ee5e6b4b0d3255bfef95601890afd80709.pdf>. Acesso em jan. 2023.

DELLA TORRE, Bruna. O patriarcado é um tigre de papel: fascismo, gênero e luta de classes. **Blog da Boitempo**, 1 de maio de 2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/05/31/o-patriarcado-e-um-tigre-de-papel-fascismo-genero-e-luta-de-classes/>. Acesso em jan. 2023.

DEMEZIO, Carla *et al.* **O Instagram como ferramenta de aproximação entre Marca e Consumidor**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste; Caruaru, PE: 2016.

DUNKER, Christian. **Ensaio sobre o “Tosco Brasileiro” na Filosofia e nas Artes**. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/opiniao/carteiro-do-inconsciente/ensaio-sobre-o-tosco-brasileiro-na-filosofia-e-nas-artes>. Acesso em 15 de junho de 2019.

DUTRA, Eliana. **O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos Anos de 1930**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, 2ª ed., 359 pp.

FERES JÚNIOR, João; GAGLIARDI, Juliana. O sucesso eleitoral da Nova Direita no Brasil e a mudança do paradigma comunicativo da política. In: Leonardo Avritzer; Heloisa Murgel Starling; Pauliane Braga; Priscila Zanandrez. (Org.). **Pensando a Democracia, a República e o Estado de direito no Brasil**. 1ed. Belo Horizonte: Projeto República, 2019, v. 1, p. 89-118.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos: A encruzilhada da esquerda brasileira**. Brasil: Autonomia Literária, 2019.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. Leya, 2019.

FINCHELSTEIN, Federico. **A brief history of fascist lies**. University of California Press, 2020.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?**. Brasil: Autonomia Literária, 2020.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GASPAROTTO, Alessandra; BAUER, Caroline Silveira. O ensino de História e os usos do passado: a ditadura civil-militar em sala de aula. **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. Porto Alegre: Oikos, 2021. P. 438-451, 2021.

GRAÇA, Rodrigo. Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos. **Revista Perspectiva Filosófica**-ISSN: 2357-9986, v. 43, n. 1, 2016.

GOLDSTEIN, Ariel. A ascensão da direita radical brasileira no contexto internacional. In: Motta, Rodrigo P.S; Bohoslavsky, E; Boisard, S.. (Org.). **Pensar as direitas na América Latina**. 1ed.São Paulo: Alameda, 2019, v. 1, p. 17-36.

GORDON, Peter E.; The Authoritarian Personality Revisited: Reading Adorno in the Age of Trump. **boundary 2**, 2017; 44 (2): 31–56. doi: <https://doi.org/10.1215/01903659-3826618>.

HAN, B. C.. **Sociedade da Transparência**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HUNTER, Wendy; POWER, Timothy. Bolsonaro and Brazil's Illiberal Backlash. **Journal of Democracy**, vol. 30, no. 1, Jan. 2019, pp. 68-82.

JAIR M. BOLSONARO. "O juiz federal Sérgio Moro aceitou nosso convite para o Ministério da Justiça e Segurança Pública. Sua agenda anti-corrupção, anti-crime organizado, bem como respeito à Constituição e às leis será o nosso norte!". **Twitter**, 1 de novembro de 2018. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1058002067707609089?s=20&t=ztpVIWsOb7R0DaqCHfBukQ>. Acesso em jan. 2023.

KALIL, Isabela Oliveira *et al.* **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro**. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018.

KERCHE, Fábio. Ministério Público, Lava Jato E Mãos Limpas: Uma Abordagem Institucional. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política** [online]. 2018, n. 105, pp. 255-286. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-255286/105>>.

KOSELLECK, R. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/ Contratempo, 2006.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo: estudos sobre História**. Com uma contribuição de Hang-Georg Gadamer. Trad. Markus Hediger. Frankfurt: Suhrkamp, 2000.

LAGO, Lucas et al. A repercussão do Roda Viva no Twitter – Jair Bolsonaro. **InternetLab**, 02 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.internetlab.org.br/pt/informacao-e-politica/repercussao-do-roda-viva-no-twitter-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 01 jun. 2021

LAZZARI, Eduardo Alves. Explicações assimétricas para a desconfiança em partidos políticos no Brasil. **Opinião Pública** [online]. 2017, v. 23, n. 2, pp. 334-360. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-01912017232334>>.

LEBRE, Lúcia Teresa Sampaio Branco. **Big data no marketing político de eleições. Internet como canal de comunicação política efectiva.** Publicado em: Psicologia.pt, 2018. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1186.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2019.

LESSA, Renato. Homo Bolsonarus. **Revista SERROTE.** Online. Instituto Moreira Salles, v. Especial, p. 46-67, 2020.

LUCENA, Mariana B.; ALBUQUERQUE, Laura Gi.. Masculinidade hegemônica e os riscos da facilitação do acesso a armas de fogo no Brasil: a emergência de um 'patriarcado armado'?. In: MARTINS, Fernanda; GOULART, Dominique; RODRIGUES, Carla. (Org.). **Gênero, violência e tecnologias de resistência.** 1ed.São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2021, v. , p. 76-94.

MARTINS, Antônio. Lula e o punitivismo penal. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, 11 de julho de 2018. <http://www.ihu.unisinos.br/580755-lula-e-o-punitivismo-penal>. Acesso em maio de 2021.

MELLO, Anna Carolina; VILLAS BOAS, Bianca; ITOCAZO, Carolina Pedrosa. Estética Bolsonarista nas redes e o populismo digital: o uso das imagens na redefinição do campo político-identitário brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO - 8º Encontro de GTs de Pós-Graduação, 2021, online. Anais, online. ISBN 978-85-99790-21-2.

MELLO, Patrícia Campos de. **A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital.** Brasil: Companhia das Letras, 2020.

MENDONÇA, Ricardo. F. e CAETANO, Renato D.. Populism as Parody: The Visual Self-Presentation of Jair Bolsonaro on Instagram. **The International Journal of Press/Politics**, 2021, 26(1), 210–235. <https://doi.org/10.1177/1940161220970118>

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Laudo antropológico: comunidades negras de Ivaporunduva, São Pedro, Pedro Cubas, Sapatu, Nhunguara, André Lopes, Maria Rosa e Pilões. Vale do Rio Ribeira de Iguape - SP. São Paulo: MPF, 1998.

MOFFITT, Benjamin; TORMEY, Simon. Rethinking populism: Politics, mediatisation and political style. **Political studies**, v. 62, n. 2, p. 381-397, 2014.

MORAES, Alexandre Santos de; PINHA, Daniel. A pandemia nas lives semanais: o uso de atenuadores na retórica anticrise de Jair Bolsonaro. **TOPOI (RIO DE JANEIRO)** , v. 22, p. 740-762, 2021.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu.** Editora Record, 2019.

NICOLAU, Jairo. O triunfo do bolsonarismo. **Revista Piauí**, p. 26-30, 07 nov. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-triunfo-do-bolsonarismo/>. Acesso em 06 de junho de 2019.

OLIVEIRA, Rodrigo P.. O significado do conceito “corrupção” na semântica política da crise brasileira (2013-2016). **Anos 90**, [S. l.], v. 25, n. 48, p. 379–408, 2018. DOI: 10.22456/1983-201X.79048. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/79048>. Acesso em jan. 2023.

PEREIRA, Luisa Rauter. Fissuras do Presentismo: Mudança Histórica nos Protestos Políticos Contemporâneos. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0301, set./dez. 2021. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313342021e0301>

PEREIRA, Luisa Rauter. Conhecimento e comunicação histórica: novos desafios na crise atual. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 13, n. 33, p. 13-17, 2020.

PEREIRA, Luisa Rauter. Quem é o povo de Bolsonaro?. **Jornalistas Livres**, 8 de maio de 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/quem-e-o-povo-de-bolsonaro/>. Acesso em junho de 2021.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Lembrança do presente: Ensaio sobre a condição histórica na era da internet**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; DE ARAUJO, Valdei Lopes. Atualismo: Pandemia e historicidades no interminável 2020. **Estudos Ibero-Americanos**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. e39802, 2021. DOI: 10.15448/1980-864X.2021.1.39802. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/39802>. Acesso em jan. 2023.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SILVA, Daniel Pinha. Sergio Moro negacionista? Operação Lava Jato, transparência atualista e negação da política. **Revista Brasileira de História** [online]. 2021, v. 41, n. 87, pp. 135-159. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-08>>. Epub 02 Jul 2021.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). **Varia Historia** [online]. 2015, v. 31, n. 57.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Tempo de Perdão? Uma leitura da utopia escatológica de Paul Ricoeur em A memória, a história e o esquecimento. **História da Historiografia**, v. 19, p. 66-87, 2015.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MATA, Sérgio Ricardo da. “Introdução - Transformações da experiência do tempo e pluralização do presente”. In: VARELLA, Flávia Florentino; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique De Faria; MATA, Sérgio Da. (Org.). **Tempo Presente & Usos do Passado**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas - FGV, 2012, v. 1, p. 9-30.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo? **Humanidades** (Brasília), v. 58, p. 56-65, 2011.

PINHA, Daniel. “A longa noite de 64: Bolsonaro e a experiência democrática vista do Parlamento”. in V. Araújo, B. Klem, M. Pereira (org.), **Do fake ao fato: Des(atualizando) Bolsonaro**. Vitória: Editora Milfontes, 2020, p. 205-224.

PINHA, Daniel; RANGEL, Marcelo M. ; OLIVEIRA, Rodrigo Perez . Teoria, história da historiografia e ensino de história em tempos de crise democrática. **REVISTA TRANSVERSOS**, v. 1, p. 6-16, 2020.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Pensador da extrema direita, Jack Donovan radicaliza o machismo. **The Intercept Brasil**, 28 de Maio de 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/27/jack-donovan-machos-em-crise/>. Acesso em jan. 2023.

PIZA, Mariana Vassalo. **O fenômeno Instagram: considerações sobre a nova perspectiva tecnológica**. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MADEIRA, Rafael Machado. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública** [online]. 2018, v. 24, n. 3, pp. 486-522.

QUINTELLA, Pollyana. Um político performático: o que nos dizem as imagens de Bolsonaro com a sua cloroquina?. **Revista A Palavra Solta**, 14 de set. de 2020, online. Disponível em: <https://www.revistaapalavrasolta.com/post/um-po1%C3%ADtico-perform%C3%A1tico-o-que-nos-dizem-as-imagens-de-bolsonaro-com-a-sua-cloroquina>. Acesso em jan. de 2023.

RANGEL, Marcelo de Mello. Romantismo, Sattelzeit, melancolia e “clima histórico” (Stimmung). In.: **Expedições: Teoria da História e Historiografia**. Universidade Estadual de Goiás (UEG), V. 5, nº 1, 2014.

REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 1-11, jan.-abr. 2020

RIBEIRO, Renato Janine. **A boa política: ensaios sobre a democracia na era da internet**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Editora Caminhos, 2021.

RODEGHERO, Carla Simone. A anistia de 1979 e seus significados, ontem e hoje. In FILHO, Daniel Aarão Reis, RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 172 –185.

RUDNITZKI, E. Como a internet está matando a democracia. **Agência Pública**, 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/03/como-a-internet-esta-matando-a-democracia/>. Acesso em dezembro de 2020.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SANTOS, João Guilherme Bastos *et al.* WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018. **Comunicação & Sociedade**, v. 41, n. 2, p. 307-334, 2019.

SCOTT, Joan. Pessoas buscam 'salvação' na 'masculinidade extraordinária' de homens como Trump e Bolsonaro, diz historiadora dos EUA. Entrevista concedida a Ingrid Fagundez. **BBC News Brasil**, online, 5 jun. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48504880>. Acesso em dez. 2022.

SILVA, Wagner. O Estatuto Documental da Fotografia na Era Digital. **Artciencia.Com, Revista De Arte, Ciência E Comunicação**, 2015 (19).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVEIRA, Pedro Telles. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. **Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 270-296, 2016.

SOLANO, Esther. 'Eu voto no Bolsonaro porque ele vai mudar o Brasil': escutando os eleitores de Bolsonaro. In: Leonardo Avritzer, Heloisa Murgel, Pauline Braga, Priscila. (Org.). **Pensando a democracia, a República e o Estado de Direito no Brasil**. 1ed. Belo Horizonte: UFMG, 2019, p. 119-131.

SOLANO, Esther. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SONTAG, S. **Notes on Camp**. New York: Vintage, 1964.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: A política do "nós" e "eles"**. Trad. Bruno Alexander. L&PM Editores, 2018.

VASCONCELLOS, Caio. Theodor Adorno e as tendências fascistas na democracia. Porto Alegre: Civitas, v. 22, 2022. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.41422>

WEBBER, Jeffery R.. A Great Little Man: The Shadow of Jair Bolsonaro. **Historical Materialism**, 2020, v. 28 (1):3-49.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.

Notícias e matérias na imprensa

AFP. Frases polêmicas do candidato Jair Bolsonaro. Declarações do presidencialável levantaram movimentos contrários à sua candidatura, como "Mulheres Contra Bolsonaro" e #EleNão #EleNunca. **Exame**: 24 de setembro de 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/frases-polemicas-do-candidato-jair-bolsonaro/>. Acesso em 5 jan. 2023.

AMORIM, Diego. O 'pão à Bolsonaro', com leite condensado, ganha adeptos no Rio. **O Globo**: 7 de novembro de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/o-pao-bolsonaro-com-leite-condensado-ganha-adeptos-no-rio-23216196>. Acesso em 8 de ago. de 2019.

ANDRADE, Hanrrikson. Bolsonaro reage após polêmica da 'farofa' e diz que não 'busca ser povão'. **UOL**, 02 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/02/bolsonaro-reage-apos-polemica-da-farofa-e-diz-que-nao-busca-ser-povao.htm>. Acesso em 5 jan. 2023.

BALLOUSSIÉ, Anna Virginia. Metade dos evangélicos vota em Bolsonaro, diz Datafolha. **Folha de São Paulo**, 4 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/metade-dos-evangelicos-vota-em-bolsonaro-diz-datafolha.shtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

BALTHAZAR, Ricardo. Ataques de Bolsonaro à imprensa chegaram a dez por semana no fim da campanha. **Folha de São Paulo**, 3 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/ataques-de-bolsonaro-a-imprensa-chegaram-a-dez-por-semana-no-fim-da-campanha.shtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

BATISTA, Liz. Caminhando e cantando com Bolsonaro - Mulheres de militares protestaram batendo panelas e seguindo o deputado estreante em 1992. **Estadão**, 29 de setembro de 2018. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,caminhando-e-cantando-com-bolsonaro,70002524255.0.html>. Acesso em 5 jan. 2023.

BILENKY, Thais. Bolsonaro é um Dorflex, vai ganhar a eleição, diz Nizan. **Folha de São Paulo**, 1 de março de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html. Acesso em 5 jan. 2023.

CAETANO, Guilherme. O que as polícias acham de Bolsonaro. **O GLOBO**, 9 de abril de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/o-que-as-policias-acham-de-bolsonaro-1-24962414>. Acesso em 5 jan. 2023.

CARAZZAI, Estelita Hass. Evangélicos protestam contra "kit gay" e criminalização da homofobia. **Folha de São Paulo**, 21 de maio de 2011. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/05/919073-evangelicos-protestam-contr-kit-gay-e-criminalizacao-da-homofobia.shtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

CARNEIRO, Júlia Dias. Eleições 2018: Deputado federal mais votado no Rio, Hélio Negão desafia quem vê racismo no padrinho Bolsonaro. **Terra**, 12 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/eleicoes-2018-deputado-federal-mais-votado-no-rio-helio-negao-desafia-quem-ve-racismo-no-padrinho-bolsonaro,646ae2c220b527dcc75827da3dd433e3g35o4i2c.html>. Acesso em 5 jan. 2023.

CONGRESSO EM FOCO. PF antecipou a Flávio Bolsonaro que Queiroz seria investigado, diz suplente. **Congresso em foco**, 17 de maio de 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/corruptao/pf-antecipou-a-flavio-bolsonaro-que-queiroz-seria-investigado-diz-suplente/>. Acesso em 5 jan. 2023.

CONGRESSO EM FOCO. Bolsonaro: “Quilombola não serve nem para procriar”. **UOL**, 5 de abril de 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>. Acesso em 5 jan. 2023.

COSTA, Celia. Político, barbeiro de Bolsonaro há 26 anos prefere não comentar temas polêmicos. **O GLOBO**, 07 de nov. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/politico-barbeiro-de-bolsonaro-ha-26-anos-prefere-nao-comentar-temas-polemicos-23218284>. Acesso em 5 jan. 2023.

ESTADÃO CONTEÚDO. Bolsonaro fará 'live' no Facebook no horário de debate para discutir propostas. **Estado de Minas**, 3 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/03/interna_politica,993895/bolsonaro-fara-live-no-facebook-no-horario-de-debate-para-discutir-p.shtml. Acesso em 5 jan. 2023.

FALCÃO, Daniela; FRANÇA, William. Passa indenização a Lamarca e Marighella. **Folha de São Paulo**, 12 de setembro de 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/12/brasil/30.html>. Acesso em 5 jan. 2023.

FLECK, Isabel; GAMBÁ, Estêvão. Bolsonaro lidera faltas em sessões entre presidenciais com mandato legislativo. **Gazeta do Povo**, 31 de março de 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/bolsonaro-lidera-faltas-em-sessoes-entre-presidenciais-com-mandato-legislativo-1xp4n4z7f57qfo3q077an8o90/>. Acesso em 5 jan. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. **Folha de São Paulo**, 1º de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

FÓRUM. Bolsonaro extingue grupo que identificava ossadas de desaparecidos políticos. **FÓRUM**, 22 de abril de 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2019/4/22/bolsonaro-extingue-grupo-que-identificava-ossadas-de-desaparecidos-politicos-55239.html>. Acesso em 5 jan. 2023.

G1. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1**, 13 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

G1. Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. **G1**, 6 de setembro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em 15 de junho de 2019.

G1. Em programa eleitoral, Alckmin lembra atentado contra Bolsonaro e diz que diferença partidária se resolve com política. **G1**, 8 de setembro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/08/em-programa-eleitoral-alckmin-lembra-atentado-contrabolsonaro-e-diz-diferencas-partidarias-se-resolvem-com-politica.ghtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

GIELOW, Igor. Pesquisa Datafolha aponta empate de Bolsonaro com Lula no grupo, com vantagem numérica (37% a 34%). **Folha de São Paulo**, 24 de março de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/datafolha-bolsonaro-ganha-folego-e-marca-26-no-1o-turno-lula-lidera-com-43.shtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

GIMENES, Henrique. Bolsonaro agradece a Deus na igreja de Silas Malafaia. **Pleno News**, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/eleicoes-2018/bolsonaro-agradece-a-deus-na-igreja-de-silas-malafaia.html>. Acesso em 5 jan. 2023.

GOMIDE, Rafael; TORRES, Sergio. Araguaia era referência em aulas do Exército. **Folha de São Paulo**, 26 de julho de 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2607200906.htm>. Acesso em 5 jan. 2023.

GRAGNANI, Juliana. Quem é Tercio Arnaud Tomaz, elo mais forte entre Bolsonaro e rede de páginas derrubadas pelo Facebook sob acusação de espalhar notícias falsas. **O GLOBO**, 9 de julho de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/quem-tercio-arnaud-tomaz-elo-mais-forte-entre-bolsonaro-rede-de-paginas-derrubadas-pelo-facebook-sob-acusacao-de-espalharem-noticias-falsas-24523803>. Acesso em 5 jan. 2023.

LOCATELLI, Piero. PCdoB pede processo contra Bolsonaro por cartaz polêmico. **UOL**, 28 de maio de 2009. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/2009/05/28/ult5773u1291.jhtm>. Acesso em 5 jan. 2023.

MADUEÑO, Denise. No Clube da Aeronáutica, Bolsonaro falou em "fuzilamento" do presidente - Câmara estuda punição a deputado que atacou FHC. **Folha de São Paulo**, 30 de dezembro de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3012199902.htm>. Acesso em 5 jan. 2023.

MARQUES, Hugo. Governo Bolsonaro sepulta de vez regularização de terras de quilombolas. **VEJA**, 9 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/governo-bolsonaro-sepulta-de-vez-regularizacao-de-terras-de-quilombolas/>. Acesso em 5 jan. 2023.

MAZUI, Guilherme. Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT. **G1**, 28 de outubro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

MELLO, Daniel. Três em cada quatro eleitores temem ser influenciados por fake news. **Agência Brasil**, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/um-em-cada-quatro-eleitores-teme-ser-influenciado-por-fake-news>. Acesso em março de 2021.

MORTARI, Marcos. Bolsonaro vai a 26,6% após facada; Haddad salta 4 pontos e empata com Marina, Ciro e Alckmin em 2º, diz pesquisa. **InfoMoney**, 12 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/bolsonaro-vai-a-266-apos-facada-haddad-salta-4-pontos-e-empata-com-marina-ciro-e-alcmin-em-2o-diz-pesquisa/>. Acesso em 5 jan. 2023.

NÉRI, Felipe. Bolsonaro lança candidatura avulsa para Comissão de Direitos Humanos. **G1**, 22 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/bolsonaro-lanca-candidatura-avulsa-para-comissao-de-direitos-humanos.html>. Acesso em 5 jan. 2023.

PODER 360. Bolsonaro incentiva fazendeiro a usar arma contra indígenas e quilombolas. **PODER 360**, 26 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-incentiva-fazendeiro-a-usar-arma-contra-indigenas-e-quilombolas/>. Acesso em 5 jan. 2023.

ROSA, Vera. Alckmin suspende propagandas de ataque a Bolsonaro. **Estadão**, 6 de setembro de 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,apos-facada-em-bolsonaro-alcmin-suspende-propagandas-de-ataque-ao-adversario,70002491712>. Acesso em 5 jan. 2023.

SABÓIA, Gabriel. Relembre declarações com ofensas às mulheres feitas pelo presidente e a família Bolsonaro. **O GLOBO**, 8 de março de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/relembre-declaracoes-com-ofensas-as-mulheres-feitas-pelo-presidente-a-familia-bolsonaro-25423642>. Acesso em 5 jan. 2023.

VALENTE, Rubens. Bolsonaro era agressivo e tinha 'excessiva ambição', diz ficha militar. **Folha de São Paulo**, 16 de maio de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1884332-bolsonaro-era-agressivo-e-tinha-excessiva-ambicao-diz-ficha-militar.shtml>. Acesso em 5 jan. 2023.

VEJA. O artigo em VEJA e a prisão de Bolsonaro nos anos 1980. **VEJA**, 30 de julho de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reveja/o-artigo-em-veja-e-a-prisao-de-bolsonaro-nos-anos-1980/>. Acesso em 5 jan. 2023.

VEJA. TJ mantém condenação de Bolsonaro por resposta a Preta Gil e falas ao CQC. **VEJA**, 10 de maio de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tj-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-resposta-a-preta-gil-e-falas-ao-cqc/>. Acesso em 5 jan. 2023.

Vídeos

CQC BLOG. O Povo Quer Saber - Jair Bolsonaro. YouTube, 29 de mar. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HyaqwdYOzQk&ab_channel=CQCBlog. Acesso em 5 jan. 2023.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A História do Tempo presente e os desafios das fontes para pesquisa - Aula Inaugural PPGH UFG 2021. YouTube, 11 de março de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e6y3YIJQ1Xk&ab_channel=PPGH-UFG. Acesso em 5 jan. 2023.

GARCIA, Rafael. Bolsonaro Zuero - Turn Down For What. YouTube, 21 nov. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jUeBC2dplfo&ab_channel=RafaelGarcia. Acesso em 5 jan. 2023.

JAIR BOLSONARO. LIVE COM BOLSONARO (04/10/2018). YouTube, 4 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wqjiPtshOzs&ab_channel=JairBolsonaro. Acesso em 5 jan. 2023.

JAIR BOLSONARO. Entrevista Rádio Guaíba - RS (23/10/2018) - temas da semana. YouTube, 23 de outubro de 2018. Aos 12 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yLuNmAkrkRY&ab_channel=JairBolsonaro. Acesso em 5 jan. 2023.

JAIR BOLSONARO. Bolsonaro: última live antes do segundo turno.. YouTube, 27 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2py6E3U2wCc&ab_channel=JairBolsonaro. Acesso em 5 jan. 2023.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. Última live pé-segundo turno - O futuro está nas mãos dos brasileiros. (Parte 1). Facebook, 27 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/476767362817778>. Acesso em 5 jan. 2023.

JORNAL NACIONAL. Na última semana de campanha, Bolsonaro se dividiu entre encontros e gravações. GloboPlay, 27 out 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7120008/>. Acesso em 5 jan. 2023.

MEIO. Manifestantes querem desafiar as instituições democráticas, por Isabela Kalil | Conversas. YouTube, 9 de nov. de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=canvhkd2iME&ab_channel=Meio. Acesso em 5 jan. 2023.

NUNES, Bruna. Jair Bolsonaro Defendendo Guerra Civil, Fim do Voto e Fechamento de Congresso [COMPLETO]. Youtube, 10 de abril de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw9QKIvw&ab_channel=BrunaNunes. Acesso em 5 jan. 2023.

UFOP em Casa | A Historicidade do Político: as manifestações de junho de 2013 no Brasil. YouTube, TV UFOP. 1 vídeo (11 minutos e 41 segundos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-af3Dp0rDc8>. Acesso em junho de 2021.

WORLDNEWSBRASIL. DEPUTADO BOLSONARO NO PROGRAMA SUPER POP 1/7. YouTube, 10 abr. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pXkdxA7EXMo&ab_channel=worldnewsbrasil. Acesso em 5 jan. 2023.

Podcast

RETRATO NARRADO. Episódios 1 a 6. Carol Pires: Rádio Novelo, out. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4jqpeAOzOKCLBg3Pc0eZ6j?si=d3f4813be6964679>. Acesso em 5 jan. 2023.

Fontes

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “Pelando a crina no velho e bom barbeiro de sempre. Kkkkk”. 28 de julho de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BlxyGZRnZLJ/>. Acesso em junho de 2021.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “□□□□□”. 18 de setembro de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bn4QkDwnj5Q/>. Acesso em junho de 2021.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “Me preparando para voltar à ativa!”. 28 de setembro de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoROQ0OnkxV/>. Acesso em junho de 2021.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “Dando uma conferida no show ao vivo do apresentador e comediante @danilogentili . Kkkkkk □□”. 04 de outubro de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BoiASvsHaB4/>. Acesso em junho de 2021.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “Segue a rotina de fazer o café como aprendido em casa! Bom Dia a todos e rumo ao primeiro turno!”. 05 de outubro de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BojIGjUHsQQ/>. Acesso em junho de 2021.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “Boa sexta-feira a todos! □□”. 19 de outubro de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BpHLNk_nZtV/. Acesso em junho de 2021.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “Boa sexta-feira a todos! Gás com ânimo na reta final! Um forte abraço a todos! □□”. 26 de outubro de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpZKByznvQs/>. Acesso em junho de 2021.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “Para ter acesso à nossa última live antes do Segundo Turno, acesse nossa Bio ou nosso canal no Youtube.”. 27 de outubro de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpdNkMLgLWC/>. Acesso em junho de 2021.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “Lanche presidencial com o @choque_bpchq . Estar perto, tratar bem e ouvir faz parte de quem deseja o bem de seu time! É uma satisfação, Guerreiros!”. 30 de outubro de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BpkslRxgPCD/>. Acesso em junho de 2021.

JAIR MESSIAS BOLSONARO. “01/11/2018: Coletiva de imprensa. Para assistir clique no link em nossa BIO ou vá a nosso canal no youtube: Jair Bolsonaro”. 01 de novembro de 2018. Instagram: @jairmessiabolsonaro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BppxhOPgUPI/>. Acesso em junho de 2021.